

Ricardo Costa Pereira

**O futebol portuense na Primeira República Portuguesa (1910-
1926)**

Universidade do Porto

Faculdade de Letras

2015

Ricardo Costa Pereira

O futebol portuense na Primeira República Portuguesa (1910-1926)

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em História Contemporânea

Orientador:

Professor Doutor Gaspar Martins Pereira

Universidade do Porto

Faculdade de Letras

2015

Agradecimentos

A elaboração de uma dissertação de mestrado é um projeto bianual que contou com a contribuição de muitos intervenientes para a sua conclusão. Deste modo, dedico este espaço a essas pessoas que possibilitaram a concretização deste projeto.

Ao Prof. Doutor. Gaspar Martins Pereira, orientador desta dissertação, cuja sapiência, conselhos e apoio estiveram sempre presentes no decorrer do percurso de investigação.

Aos professores que constituem o corpo docente do Mestrado em História Contemporânea, nomeadamente a Prof. Doutora. Conceição Meireles Pereira, ao Prof. Doutor Jorge Fernandes Alves e ao Prof. Doutor. Luís Alberto Alves.

De seguida importa salientar que a formação académica de um estudante é um processo bastante longo, por isso agradeço o exemplo de sabedoria, profissionalismo e carácter por parte de todos os professores que contribuíram para o meu percurso académico.

Ao nível institucional, agradeço a simpatia e disponibilidade da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, do Arquivo Distrital do Porto e da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

Por último mas não menos importante, agradeço o apoio incondicional da família, dos amigos e da Beatriz cujo amor e companheirismo ajudaram na superação dos obstáculos.

Resumo

Nas duas primeiras décadas do século XX, o futebol internacional desenvolveu-se em diversos aspetos, desde a criação da FIFA até ao despoletar de fenómenos de massas como as claques, as assistências numerosas nos estádios e a fama dos jogadores.

Em Portugal, a instauração da República despoletou sonhos de transformação da sociedade ao nível político, económico e cultural. Contudo, essas aspirações foram goradas devido às dificuldades financeiras, à eclosão da Primeira Guerra Mundial e à instabilidade política. Apesar de o futebol já ser praticado na Monarquia, somente fortaleceu o processo de democratização e se desenvolveu ao nível nacional durante a República. Neste período criaram-se o campeonato e a seleção nacionais, as associações regionais e fundaram-se muitos clubes no panorama desportivo português.

Esta dissertação pretende estudar a realidade do futebol, na cidade do Porto, durante a Primeira República. A análise do processo de democratização, a evolução do associativismo e o impacto da Grande Guerra constituem os objetivos principais deste percurso de investigação.

Palavras-Chave

Futebol

Primeira República Portuguesa

Porto

Grande Guerra

Associativismo

Abstract

In the first two decades of the twentieth century, the international football developed at multiple levels, from the foundation of FIFA to the trigger of mass phenomena such as clubs fans, great attendance at stadiums and football player's fame.

In Portugal, establishment of the First Portuguese Republic brought dreams of political, economic and culture changes in the country. However, these aspirations were thwarted by financial difficulties, the beginning of First World War and political instability. Despite being played in Monarchy, football only strenghtened its democratization process during the Republic times. In this period, the national team and championship were created and many clubs apperared in Portuguese sports reality.

This dissertation intends to study Porto football history during the First Republic. The analysis of the democratization process, associativism development and consequences of the Great War are the main goals of this research.

Keywords

Football

First Portuguese Republic

Porto

Great War

Associativism

Índice

Introdução.....	1
1. Estado da Arte	5
2. O futebol nos tempos da República (1910-1926).....	13
3. A democratização do futebol no Porto	24
3.1. O início do processo.....	24
3.2. O futebol vai à escola.....	30
3.3. Forças Armadas: a bola entra nos quartéis.....	34
3.4. Futebol: setor bancário e comércio	35
3.5. A mulher no futebol portuense.....	37
3.6. Imprensa: o poder da palavra	39
3.7. A componente social do futebol: A motivação económica.....	42
3.8. Tempo de ídolos.....	44
4. Associativismo e organização do futebol no Porto	47
4.1. O percurso do associativismo internacional.....	47
4.2. As associações regionais e a União Portuguesa de Futebol	50
4.3. Associação de Futebol do Porto na República	53
4.3.1. Da Taça José Monteiro da Costa ao Campeonato Regional.....	53
4.3.2. Os conflitos entre os clubes e a Associação de Futebol do Porto.....	57
4.3.3. As relações da imprensa com a Associação de Futebol do Porto.....	58
4.3.4. A seleção do Porto e os desafios com Lisboa.....	60
5. O futebol portuense durante a Primeira Guerra Mundial	65
5.1. O caso do Porto: os jogadores na frente de batalha.....	67
5.2. A “guerra” no Porto: conflitos entre a Associação de Futebol, os clubes e a imprensa	69
5.3. A outra visão do futebol durante a Grande Guerra: a adaptação.....	72
Conclusão.....	78
Fontes e bibliografia.....	82
Anexos.....	86

Introdução

O tema da presente dissertação é o futebol portuense durante a Primeira República Portuguesa (1910-1926). O fim de uma Monarquia que perdurou durante mais de sete séculos e a instauração da República Portuguesa marcaram uma passagem importante na história nacional. O desejo reformador dos republicanos e os projetos de democratização, por vezes não passaram de teorias devido às limitações financeiras que o país atravessava, especialmente após a bancarrota de 1892, bem antes da República. Porém, nesta conjuntura houve uma mudança de paradigma no que respeita aos tempos livres da população que começou a preenchê-los com novos divertimentos, nomeadamente o ciclismo, futebol e cinema.

O interesse pelo estudo do futebol neste período adveio da vontade de compreender as origens e a evolução desta modalidade, que paulatinamente adquiriu milhares de praticantes e um número ainda superior de espectadores pelo mundo. No mundo, o futebol ocupa um lugar de destaque tanto nos órgãos de comunicação social como nas conversas quotidianas, por isso importa investigar as raízes de tamanha popularidade.

No âmbito da elaboração desta dissertação traçámos três problemáticas: perceber o processo de democratização do futebol portuense e a difusão da modalidade em vários setores sociais; em segundo lugar, identificar as instituições que regulavam o futebol na cidade do Porto e o relacionamento com as restantes entidades – clubes, imprensa e jogadores; em terceiro lugar, analisar o impacto da Grande Guerra, de modo a perceber se houve um retrocesso ou continuidade no desenvolvimento do futebol.

Na primeira problemática, as obras *História do Futebol Português*¹ e *A Paixão do Povo*² abordam a democratização do futebol no país e ambas destacam aspetos relevantes como a instauração do domingo como dia de descanso semanal obrigatório, a mentalidade reformadora dos republicanos e o alargamento da modalidade a diversos setores sociais como a indústria, comércio e Forças Armadas. Por continuidade, As

¹ SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) — *História do Futebol Português. Do 25 de abril aos nossos dias. Uma análise social e cultural*. Lisboa: Prime Books, 2010.

² COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo. História do Futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

*Mulheres na 1ª República*³ e *Futebol Português*⁴ dissertam sobre a posição das mulheres perante o futebol e os debates ora favoráveis, ora contraditórios à prática desportiva do género feminino. Contudo, a historiografia existente para esta temática tem, normalmente, um âmbito nacional, por isso decidimos estudar a problemática da democratização numa perspetiva local, neste caso o Porto.

Em segundo lugar, a análise foca-se na identificação e compreensão das instituições responsáveis pela gestão do futebol na Invicta. Neste caso, não existem muitas obras que abordem com profundidade a organização das instituições portuenses que dirigiram os destinos da modalidade. A Associação de Futebol do Porto carece de uma obra abrangente que estude a vida deste organismo com mais de um século. Por seu lado, Lisboa já possui uma monografia deste género. O primeiro objetivo deste capítulo foi retratar a vida associativa neste desporto desde o nascimento das primeiras instituições locais e das suas congéneres internacionais, das quais se destaca a Federação Internacional de Associações de Futebol (FIFA). Esta pesquisa permite compreender os vários ritmos da evolução deste jogo no planeta, uma vez que o fenómeno não foi concomitante em todos os países e continentes. O segundo intuito consistiu na compreensão do papel da associação de futebol portuense aos diversos níveis, desde a criação do primeiro campeonato regular, o número de divisões e equipas que disputavam o troféu, as taças paralelas ao controlo associativo até ao relacionamento entre as múltiplas entidades futebolísticas. Neste âmbito, um conjunto de obras descreve esporadicamente alguns aspetos desta temática: *Académico Futebol Clube*⁵, *Boavista Futebol Clube*⁶, *História do Foot-Ball Club do Porto*⁷, *História do Futebol Português*⁸, *A Paixão do Povo*⁹, *República Desporto e Imprensa*¹⁰ e *História da*

³ CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João; MONTEIRO, Natividade (coord.) — *Mulheres na 1ª República: percurso, conquistas e derrotas*. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

⁴ DOMINGOS, Nuno; TIESLER, Nina Clara (coord.) — *Futebol Português. Política, Género & Movimento*. Porto: Edições Afrontamento, 2012.

⁵ PACHECO, Hélder — *Académico Futebol Clube. Um século na vida portuense ao serviço do desporto*. Porto: Edições Afrontamento, 2011.

⁶ BARROS, Amândio — *Boavista Futebol Clube. A primeira história*. Porto: Lello, 2000.

⁷ TELLES, Rodrigues — *História do Foot-Ball Club do Porto: 1906-1933*. Porto: Empresa Diário do Porto, 1933.

⁸ SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) — *História do Futebol Português*.

⁹ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*.

¹⁰ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *República, Desporto e Imprensa: O Desporto na I República em 100 primeiras páginas 1910-1926*. Porto: Edições Afrontamento, 2011.

*Imprensa Desportiva em Portugal*¹¹. Além dessas obras importa referir o capítulo intitulado “O futebol na cidade do Porto”¹² de Daniel Seabra, que contém uma visão geral acerca da fundação da Associação de Futebol.

Na terceira abordagem, problematizámos qual o impacto da Grande Guerra no futebol, especialmente sobre a possibilidade de existência de um retrocesso ou continuidade. Para possuir um conhecimento geral sobre a Primeira Guerra Mundial optámos por duas obras – *A Era dos Extremos*¹³ e *Introdução à História do Nosso Tempo*¹⁴. A identificação da intensidade do conflito, das nações envolvidas e fases da guerra ajudaram a conhecer com maior detalhe as suas consequências na realidade portuguesa. No âmbito do futebol, os estudos inserem-se numa perspetiva genérica e salientam as dificuldades provocadas pela Grande Guerra na estrutura desportiva nacional, nomeadamente expressam a desorganização das instituições e competições, o recrutamento dos atletas, as querelas entre os clubes e os órgãos dirigentes, bem como as dificuldades no acesso a bens essenciais por parte da população, facto que também prejudicava o futebol. Todavia, interessa saber o modo como os jogos de futebol solidários referidos em algumas obras, *República, Desporto e Imprensa*¹⁵ e *História do Futebol Português*¹⁶, contribuíram para sedimentar a influência desta modalidade junto da população.

No que respeita às fontes, usámos duas tipologias, uma fonte hemerográfica e outras arquivísticas. Na primeira categoria, recorreremos ao periódico *O Comércio do Porto* pelas seguintes razões: no período abrangido pelo estudo não existia uma imprensa desportiva que retratasse os dezasseis anos da República Portuguesa; depois, o facto de a Faculdade de Letras do Porto possuir a quase totalidade das edições de *O Comércio do Porto* facilitou a recolha de dados devido à proximidade e poupança de tempo nas deslocações; a existência de uma secção desportiva com relevo para o futebol, nas edições do periódico, permitiu estudar a totalidade dos dezasseis anos; para concluir, o jornal selecionado tinha importância no panorama jornalístico da cidade. Já

¹¹ PINHEIRO, Francisco — *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 2011.

¹² SEABRA, Daniel — “O futebol na cidade do Porto”. In DOMINGOS, Nuno; NEVES, José (coord.) — *Uma História do Desporto em Portugal. Nação, Império e Globalização*. Vila do Conde: Quidnovi, 2011, vol II, p. 211-246.

¹³ HOBSBAWM, Eric — *A Era dos Extremos*. Lisboa: Editorial Presença, 2011.

¹⁴ RÉMOND, René — *Introdução à História do Nosso Tempo. Do antigo regime aos nossos dias*. Lisboa: Gradiva, 1994.

¹⁵ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *República, Desporto e Imprensa*.

¹⁶ SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) — *História do Futebol Português*.

as fontes arquivísticas foram consultadas no Arquivo Distrital do Porto e no Arquivo Histórico-Municipal do Porto com o objetivo de recolher informações sobre os clubes: sedes, campos e fundação. Este recurso foi importante porque possibilitou confirmar dados e organizar uma lista dos clubes existentes no Porto durante o período republicano. A perceção do desenvolvimento dos equipamentos destinados à prática do futebol constituiu outro motivo de interesse na seleção desta fonte.

Ao nível da fonte hemerográfica, como foi sugerido no parágrafo anterior, a ausência de uma imprensa desportiva especializada durante os dezasseis anos não permitiu obter pormenores muito detalhados acerca dos jogos, especialmente nos primeiros anos, porque o jornal consultado conferiu uma visibilidade e importância crescente ao futebol, de acordo com o decorrer dos anos. Nesses anos iniciais, o número de notícias nas edições diárias era menor do que no final da República, bem como o tamanho das colunas, que aumentou na década de 20. Ao nível dos pormenores relativos aos desafios de futebol, a menção aos melhores jogadores, as descrições das jogadas, a avaliação do árbitro, o comportamento do público, a qualidade do campo e os dados estatísticos são aspetos mais referidos nos últimos anos. O envolvimento do jornal nos «confrontos» com a imprensa lisboeta também possibilita uma área de análise interessante no sentido de compreender o relacionamento entre as entidades futebolísticas de ambas as cidades.

Nas fontes arquivísticas, a principal lacuna consistiu no facto de nem todos os clubes estarem registados oficialmente e, mesmo aqueles existentes, por vezes não mencionam aspetos fundamentais para uma análise mais complexa, como, por exemplo, a localização do campo ou sede. Outra das limitações das fontes advém do carácter amador dos clubes que não registavam, normalmente, o número de associados, os orçamentos para a época, as atas de reuniões, etc. Essas informações seriam importantes para traçar com maior exatidão o panorama futebolístico da cidade. Todavia, a documentação existente revela indícios importantes acerca do progresso dos equipamentos desportivos, assim como do ritmo de fundação dos clubes na cidade.

1. Estado da Arte

A atenção dedicada à história do futebol português é muito recente, uma vez que a publicação de obras com esta temática apenas despoletou na última década do século XX. Este desporto, desde o surgimento em Inglaterra, na primeira metade de oitocentos, até à atualidade, ganhou, progressivamente, adeptos em todas as faixas etárias, continentes e religiões. O futebol pratica-se em todo o mundo e o número de membros filiados na FIFA assemelha-se à quantidade de países que compõem as Nações Unidas. As tecnologias de informação e comunicação contribuíram para esta massificação como demonstram os milhões de telespectadores que assistem às finais das principais competições internacionais. A crescente popularidade do futebol despertou a curiosidade do mundo académico nos últimos anos, por isso os trabalhos que têm como tema este desporto, apesar de escassos, começam a aparecer com maior regularidade.

No plano internacional, as primeiras obras académicas sobre história social do futebol apareceram no último quartel do século XX. Alguns exemplos são os livros: *A Tribo do Futebol*¹⁷, da autoria de Desmond Morris; *O Vandalismo Futebolístico na Grande Guerra, antes da Grande Guerra*¹⁸, de Eric Dunning. Após a década de 70, a *Nouvelle Histoire* começou a impor-se no panorama historiográfico com novas abordagens, tais como a valorização do tempo de longa duração, a análise de novas fontes ou das existentes através de metodologias inovadoras, bem como o foco nas representações mentais dos homens e mulheres. Neste âmbito, o futebol mereceu um olhar diferente, pois os milhões de pessoas que o jogo movia despertaram o interesse de historiadores e sociólogos acerca deste fenómeno desportivo de massas. Na sociologia, autores como Huizinga, Eric Dunning e Norbert Elias pesquisaram sobre o elemento jogo na sociedade, as suas implicações ao longo do tempo e as causas do fascínio que o desporto moderno provocava no ser humano contemporâneo da Revolução Industrial. Os dois últimos autores coordenaram esforços e escreveram uma monografia cujo título indica essas motivações de compreender a função do desporto na vida humana — *A Busca da Excitação*¹⁹. Mais recentemente, surgiram trabalhos sociológicos sobre futebol

¹⁷ MORRIS, Desmond — *A Tribo do Futebol*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1982.

¹⁸ DUNNING, Eric — *O Vandalismo Futebolístico na Grande Guerra, antes da Grande Guerra*. trad. Isabel Risques. Lisboa: Direcção Geral dos Desportos, 1987.

¹⁹ DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert — *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

como, por exemplo, *Power Play: sport, the media and popular culture*²⁰; *Sport, culture and society: an introduction*²¹; *Sport, culture and media: the unruly trinity*²²; por último, *Culture, politics and sport: blowing the whistle, revisited*²³. O estudo dos meios de comunicação no desporto e a relação entre a cultura e o futebol são dois temas centrais nas obras referidas anteriormente.

No caso português, as publicações que abordam o mundo do futebol apareceram pelas mãos de jornalistas desportivos ou de pessoas ligadas afetivamente a determinados clubes. As obras *F.C. Porto: 100 anos de história 1983-1993*²⁴, *História do Futebol em Portugal*²⁵, *Futebol Clube do Porto – Fotobiografia*²⁶, *Sport Lisboa e Benfica – Fotobiografia*²⁷ e *Sporting Clube de Portugal – Fotobiografia*²⁸ constituem exemplos dos profissionais de comunicação social que escreveram sobre o processo evolutivo do futebol nacional. Estes trabalhos, apesar da sua evidente utilidade na construção da bibliografia futebolística, carecem, muitas vezes, de cuidados com as fontes, por isso a contextualização e a metodologia inerentes ao processo metodológico não prevalecem, normalmente, nestes textos. Contudo, a publicação de imagens da época permite estruturar uma linha cronológica além de ajudar os investigadores que procuram retratar o futebol numa noção de tempo longo. No exemplo das fotobiografias dos três maiores clubes nacionais, a vasta história daquelas instituições possibilita-nos observar imagens desde os finais da Monarquia até à atualidade. Por outro lado, com o intuito de chegar ao público infantil, publicaram-se obras como, por exemplo, *Era uma vez um dragão ou a história do F. C. Porto contada às crianças*²⁹ e *O meu Primeiro Livro do Sporting*³⁰. A penetração da literatura sobre futebol na faixa etária das crianças e em áreas

²⁰ BOYLE, Raymond — *Power Play: sport, the media and popular culture*. 2ª ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009.

²¹ JARVIE, Grant — *Sport, culture and society: na introduction*. Londres: Routledge, 2008.

²² ROWE, David — *Sport, culture and media: the unruly trinity*. 2ª edição. Bekshire: Open University Press, 2007.

²³ WHANNEL, Garry — *Culture, politics and sports: blowing the whistle, revisited*. Nova Iorque: Routledge, 2008.

²⁴ DIAS, Manuel; MAGALHÃES, Álvaro; SANTOS, Maria da Luz (coord.) — *F. C. Porto: 100 anos de História 1983-1993*. 1ª ed. Porto: Asa, 1993.

²⁵ SERPA, Homero; SERPA, Vítor — *História do Futebol em Portugal*. Lisboa: Clube do Coleccionador dos Correios, 2004.

²⁶ GUEDES, Rui — *Futebol Clube do Porto – Fotobiografia*. Lisboa: D. Quixote, 1987.

²⁷ GUEDES, Rui — *Sport Lisboa e Benfica – Fotobiografia*. Lisboa: D. Quixote, 1987.

²⁸ GUEDES, Rui — *Sporting Clube de Portugal – Fotobiografia*. Lisboa: D. Quixote, 1987.

²⁹ CORREIA, Artur; DIAS, Manuel (coord.) — *Era uma vez um dragão ou história do F. C. Porto contada às crianças*. Porto: Asa, 1992.

³⁰ GOULÃO, José — *O meu primeiro livro do Sporting*. Lisboa: Prime Books, 2004.

anteriormente vedadas como o romance — *Escola de Futebol I – Um talento promissor*³¹ — comprova o incremento da popularidade deste desporto no decorrer do século.

Em França, a obra *Histoire du Football*³² é uma das histórias gerais mais completas no panorama historiográfico. Esta monografia estuda a modalidade desde os primórdios até ao final do século XX, além de construir uma visão evolutiva do futebol em todos os continentes. A importância concedida às ligações entre os regimes políticos e o futebol é outra das áreas de análise, nomeadamente no foco conferido às ideologias totalitárias. O modo como esta modalidade foi usada por Mussolini, Hitler e Estaline está descrito, de modo pormenorizado, sendo que a explicação dos nomes de clubes, os «conselhos» dados às equipas estrangeiras que defrontavam estes regimes totalitários e as ambições dos líderes perante as seleções nacionais são abordagens essenciais para completar a historiografia internacional. De seguida, o autor estudou a expansão do jogo pelos continentes, com destaque para a Ásia e África, normalmente subvalorizados nas obras. Para concluir, aponta os caminhos do futebol nos tempos iniciais da globalização contemporânea e salienta o hipotético papel dos Estados Unidos da América no futuro do jogo, uma vez que este país, possuidor de muita influência internacional, continua à margem do mundo futebolístico.

A historiografia portuguesa que aborda o futebol cresceu nos últimos anos com o apoio interdisciplinar da Sociologia. Em 1940, a publicação da obra *História dos Desportos em Portugal*³³ representou a primeira tentativa de registar a evolução das modalidades no país com a particularidade de os autores serem contemporâneos da totalidade do período que estudam. Posteriormente, publicaram-se, na década de 50, *História do futebol português: com as leis de jogo*³⁴ e *História do Futebol Português: jogos internacionais*³⁵. Ambos os estudos valorizam dois aspetos charneira para a evolução do futebol português, ou seja, o desenvolvimento das regras que provocaram mudanças nos sistemas táticos e os jogos internacionais que trouxeram ao país uma realidade distinta e, geralmente, mais evoluída. Depois, somente no século XXI, aparecem os projetos de criar uma história do futebol português que aglomerasse

³¹ GOFFE, Seb; JEFFERIES, Cindy — *Escola de Futebol I – Um talento promissor*. Lisboa: Publicações Europa-América, 2009.

³² DIETSCHY, Paul — *Histoire du Football*. Paris: Perrin, 2010.

³³ ORNELAS, Ricardo; REIS, Ribeiro dos; SILVA, Domingos Alberto Tavares — *História dos Desportos em Portugal*. Lisboa: Edições Império, 1940.

³⁴ PINTO, Fernando — *História do Futebol Português*. Lisboa: José Rodrigues da Silva Júnior, 1956.

³⁵ PINTO, Fernando — *História do Futebol Português: jogos internacionais*. 2ª ed. Lisboa: Apolo, 1958.

diversas vertentes, desde a evolução dos clubes, instituições associativas, imprensa até às consequências sociais da modalidade. A monografia *História do Futebol em Portugal*³⁶ da autoria de dois profissionais de jornalismo é um exemplo deste novo modelo de fazer história do futebol. No campo historiográfico, destaco *A Paixão do Povo*³⁷ e *História do Futebol Português*³⁸ como obras complexas e fundamentais como consulta e ponto de partida de qualquer investigação conectada a este tema. Na primeira, os autores partem dos jogos ancestrais que incluíam uma bola e terminam nos dois anos iniciais do presente século. Durante este largo período de análise, o retrato complexo do futebol nas múltiplas etapas de evolução é apresentado com mestria e eloquência, além de contribuir com um espólio fotográfico que complementa as informações textuais. Na segunda, o futebol insere-se numa perspetiva social e cultural do país, uma vez que os dois volumes permitem compreender este desporto sob os regimes portugueses dos últimos cento e trinta anos. A consulta extensa de fontes e o recurso a muitas obras de inegável importância para o tema são características dos dois volumes, além do levantamento de questões pertinentes, bem como a análise problematizante dos mitos ligados ao futebol nacional. Ricardo Serrado continuou esse trabalho de «sapa» sobre os mitos que atribuíam uma grande influência política ao Estado Novo no desfecho das provas nacionais, por isso este autor coloca essas ideias perante a análise metodológica de uma investigação histórica através da monografia intitulada *O jogo de Salazar: A política e o futebol no Estado Novo*³⁹. Para finalizar a viagem pela historiografia portuguesa ligada ao futebol, refiro o projeto dividido em vários volumes denominado *História do Desporto em Portugal*⁴⁰ que pretende compreender o desenvolvimento dos desportos no país.

Agora, centraremos a atenção no tema e período desta dissertação, ou seja o futebol portuense durante a Primeira República Portuguesa. A História necessita de um tempo e espaço, por isso a primeira necessidade da investigação foi perceber a vivência política, económica, social e cultural portuguesa nos dezasseis anos da República. Para

³⁶ SERPA, Homero; SERPA, Vítor — *História do Futebol em Portugal*. Lisboa: Clube do Coleccionador dos Correios, 2004.

³⁷ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*.

³⁸ SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) — *História do Futebol Português*.

³⁹ SERRADO, Ricardo — *O jogo de Salazar: A Política e o Futebol no Estado Novo*. Alfragide: Casa das Letras, 2009.

⁴⁰ DOMINGOS, Nuno; NEVES, José (coord.) — *Uma História do Desporto em Portugal. Nação, Império e Globalização*. Vila do Conde: Quidnovi, 2011

isso consultei histórias gerais sobre o período, tais como *A Segunda Fundação*⁴¹, *Portugal Contemporâneo*⁴² e os dois volumes da *Primeira República Portuguesa*⁴³. O conjunto destas obras possibilita uma visão muito completa sobre o período republicano. O volume de Rui Ramos denominado *A Segunda Fundação*⁴⁴ ajudou na compreensão das mudanças culturais que decorreram nos dezasseis anos com o aparecimento do Modernismo representado através da revista *Orpheu*, do *Portugal Futurista*, da pintura de Amadeu de Souza-Cardozo e Santa-Rita Pintor e da poesia de Fernando Pessoa. Ainda nesta época, o cinema, o movimento feminista e o estilo de vida dos anos 20 são uma parte do retrato cultural da Primeira República Portuguesa. A consulta do terceiro volume de *Portugal Contemporâneo*⁴⁵ foi importante para compreender, essencialmente, as questões financeiras da República, bem como a estrutura laboral do país. Por conseguinte, as referências culturais e políticas completaram as informações verificadas na obra anterior. Por último, *Primeira República Portuguesa*⁴⁶ faz uma abordagem exaustiva dos movimentos políticos, das ideologias, além de referir também sínteses das mentalidades e quotidiano deste período. No entanto, esta dissertação estuda o futebol na cidade do Porto, daí que a consulta da obra *História do Porto*⁴⁷, dirigida por Luís Oliveira Ramos, contribuiu para compreender o modo como a cidade viveu a República.

A primeira problemática da dissertação consiste em perceber o processo de democratização no futebol portuense. Na historiografia portuguesa, alguns trabalhos analisaram esta evolução entre 1910 e 1926. Assim, *História do Futebol Português*⁴⁸, *A Paixão do Povo*⁴⁹, *República, Desporto e Imprensa*⁵⁰ abordam a democratização, bem como as suas causas e consequências. A primeira obra defende que a democratização do futebol é concomitante à instauração da República e salienta uma série de características do regime que impulsionaram este processo, tais como a legislação laboral que disponibilizou mais tempo de lazer à maioria dos assalariados, os ideais reformadores

⁴¹ RAMOS, Rui — *A Segunda Fundação*. In MATTOSO, José (dir.) — *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

⁴² REIS, António (dir.) — *Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Publicações Alfa, 1990, vol. 3.

⁴³ TELO, António José — *Primeira República I: do sonho à realidade*. Lisboa: Editorial Presença, 2010.

⁴⁴ RAMOS, Rui — *A Segunda Fundação*.

⁴⁵ REIS, António (dir.) — *Portugal Contemporâneo*.

⁴⁶ TELO, António José — *Primeira República II: como cai um regime*. Lisboa: Editorial Presença, 2011.

⁴⁷ RAMOS, Luís A. De Oliveira (dir.) — *História do Porto*. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 1995.

⁴⁸ SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) — *História do Futebol Português*.

⁴⁹ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*.

⁵⁰ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *República, Desporto e Imprensa*.

dos republicanos e o patriotismo que envolveu os jogos internacionais. Em segundo lugar, *A Paixão do Povo*⁵¹ refere a importância do decreto que instaurou o domingo como dia de descanso obrigatório, o papel da imprensa portuguesa na divulgação do jogo e o nascimento dos primeiros ídolos. Aliás, as monografias *República, Desporto e Imprensa*⁵² e *História da Imprensa Desportiva em Portugal*⁵³ salientam o aumento de número dos periódicos na Primeira República Portuguesa, bem como as ideias comungadas pelos primeiros jornalistas desportivos que procuravam moralizar a vida desportiva nacional. Por continuidade, o capítulo “O futebol na cidade do Porto”⁵⁴ de Daniel Seabra descreve a fundação dos principais clubes da Invicta, o seu percurso competitivo e o crescimento ao nível das infraestruturas.

Nas categorias que adicionámos no capítulo destacam-se a educação, as Forças Armadas, o comércio, o futebol e as mulheres, assim como a imprensa. O capítulo de Maria Cândida Proença⁵⁵ sobre o ensino durante a República ajudou na compreensão dos ideais que moveram os projetos republicanos neste setor da vida portuguesa e qual o papel do futebol junto dos estudantes nacionais. No subcapítulo destinado à mulher no futebol português recorreremos à obra *Mulheres na 1ª República*⁵⁶ e ao segundo volume da monografia *Primeira República Portuguesa* que abordam a condição feminina nos destinos da República. De modo a completar a visão acerca da prática desportiva feminina no contexto internacional consultei a monografia *Futebol Português* cuja descrição das opiniões de jornalistas e outros cidadãos da época ajudou na perceção dos condicionalismos que a mulher enfrentou para entrar no mundo desportivo. No recurso à interdisciplinaridade optámos por consultar estudos de Sociologia – *Homo Ludens*⁵⁷ e *Aspectos Sociológicos do Desporto*⁵⁸. Na perspetiva sociológica, o fator jogo, as necessidades de libertação da tensão causada pelo ritmo acelerado da vida contemporânea, o mimetismo entre os ídolos desportivos e o público, assim como o

⁵¹ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*.

⁵² COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *República, Desporto e Imprensa*.

⁵³ PINHEIRO, Francisco — *História da Imprensa Desportiva em Portugal*.

⁵⁴ SEABRA, Daniel — “O futebol na cidade do Porto”.

⁵⁵ PROENÇA, Maria Cândida — “A educação”. In ROLLO, Maria Fernanda; ROSAS, Fernando (coord.) — *História da Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Tinta da China, 2010.

⁵⁶ CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João; MONTEIRO, Natividade (coord.) — *Mulheres na 1ª República: percurso, conquistas e derrotas*. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

⁵⁷ HUIZINGA, Johann — *Homo ludens: um estudo sobre o elemento lúdico da cultura*. Lisboa: Edições 70, 2003.

⁵⁸ MARIVOET, Salomé — *Aspectos sociológicos do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

fascínio pelas sensações de vitória, derrota, acaso e superação são alguns tópicos analisados pela bibliografia citada.

Na segunda problemática há o intuito de identificar as entidades que regulavam o futebol portuense. A bibliografia selecionada para este capítulo foi *História do Futebol Português*⁵⁹, *A Paixão do Povo*⁶⁰, *História do Foot-Ball Club do Porto*⁶¹, *Boavista Futebol Clube*⁶², *Académico Futebol Clube*⁶³ e o artigo “O futebol na cidade do Porto”. Estas obras permitiram estudar as funções e desempenho da Associação de Futebol do Porto, a relação desta instituição com os clubes e imprensa da cidade e a criação das competições futebolísticas. Para a compreensão do processo associativo desde a génese até à atualidade recorreremos a obras gerais sobre o futebol devido à ausência de bibliografia específica para o tema. Os estudos sobre as associações de futebol escasseiam na historiografia, por isso apenas podemos adquirir informações sobre a FIFA, UEFA e da Federação Portuguesa de Futebol como problemáticas complementares do futebol. No entanto, o tratamento dado ao associativismo nas obras *História do Futebol Português*⁶⁴ e *A Paixão do Povo*⁶⁵ ajudaram na compreensão das principais orientações evolutivas deste processo, quer ao nível internacional quer nacional.

Na terceira problemática, analisámos o impacto da Primeira Guerra Mundial no futebol portuense. Primeiro, houve a preocupação de consultar bibliografia acerca do conflito numa perspetiva geral, por isso selecionámos *A primeira guerra mundial*⁶⁶ e *História da Primeira Guerra Mundial: 1914-1918*⁶⁷. A consulta destas obras revelou-se bastante positiva para o trabalho, uma vez que a perceção da guerra no contexto internacional ajudou a compreender alguns aspetos ocorridos no futebol portuense como as limitações das visitas de clubes estrangeiros à Invicta, o recrutamento de jogadores para a frente de batalha e os jogos de solidariedade para apoiar as vítimas de guerra.

No que respeita ao caso português, a bibliografia existente é intensa mas optámos pela monografia *Primeira República Portuguesa: Guerra, Diplomacia e*

⁵⁹ SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) — *História do Futebol Português*.

⁶⁰ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*.

⁶¹ TELLES, Rodrigues — *História do Foot-Ball Club do Porto: 1906-1933*.

⁶² BARROS, Amândio — *Boavista Futebol Clube. A primeira história*.

⁶³ PACHECO, Hélder — *Académico Futebol Clube. Um século na vida portuense ao serviço do desporto*.

⁶⁴ SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) — *História do Futebol Português*.

⁶⁵ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*.

⁶⁶ GILBERT, Martin — *A primeira guerra mundial*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007.

⁶⁷ FERRO, Marc — *História da Primeira Guerra Mundial: 1914-1918*. Lisboa: Edições 70, 1992.

*Império*⁶⁸, de modo a inferir questões como o reconhecimento internacional da República, as grandes linhas da diplomacia nacional e os motivos que levaram Portugal à beligerância contra a Alemanha e Áustria-Hungria. Com o intuito de completar este tema selecionámos a obra *Portugal e a Guerra: história das intervenções militares portuguesas nos grandes conflitos mundiais (século XIX e XX)*⁶⁹. Estas possuem uma visão complexa sobre as teses que conduziram Portugal aos campos de batalha da Grande Guerra. Novamente, o segundo volume de António José Telo intitulado *Primeira República Portuguesa: como cai um regime*⁷⁰ foi importante para compreender os efeitos do conflito na economia portuguesa, bem como nas opções políticas do pós-guerra com o surgimento de movimentos inovadores e de alguns antigos com renovado vigor, ou seja os monárquicos. De seguida, *A Segunda Fundação*⁷¹ possibilitou complementar a visão sobre as consequências da Grande Guerra na sociedade portuguesa durante os anos de conflito com todos os acontecimentos que ocorreram desde um golpe de Estado às aparições marianas em Fátima.

⁶⁸ MENESES, Filipe Ribeiro de; OLIVEIRA, Pedro Aires — *A primeira república portuguesa: diplomacia, guerra e império*. Lisboa: Tinta da China, 2011.

⁶⁹ TEIXEIRA, Nuno Severiano (coord.) — *Portugal e a guerra: história das intervenções militares portuguesas nos grandes conflitos mundiais: séculos XIX-XX*. Lisboa: Tinta da China, 2011, p. 55-71.

⁷⁰ TELO, António José — *Primeira República II: como cai um regime*. Lisboa: Editorial Presença, 2011.

⁷¹ RAMOS, Rui — *A Segunda Fundação*.

2. O futebol nos tempos da República (1910-1926)

Em 5 de Outubro de 1910, a Primeira República Portuguesa foi proclamada na varanda da Câmara Municipal de Lisboa e chegou ao restante país com velocidades distintas.

Como refere Rui Ramos: “O governo republicano era um governo ideológico, ambicionando realizar na Terra uma sociedade ideal”⁷². Para concretizar esse objetivo os republicanos tentaram reformar os costumes da população, de modo a combaterem uma decadência apontada pelos intelectuais, desde o último quartel do século XIX. Um dos caminhos sugeridos para solucionar essa decadência foi o desporto.

Em Portugal, o desenvolvimento do desporto foi concomitante aos restantes países europeus, uma vez que passou de um número restrito e elitista de praticantes para um estádio de massificação. Um dos desportos que sofreu esta transformação, progressivamente, foi o futebol. Nos finais da Monarquia, os clubes que marcaram a história do futebol português já existiam, embora somente nas décadas posteriores ocorreria a difusão da modalidade pela totalidade do território nacional. Com a mudança de regime político, o futebol prosseguiu o processo de democratização sendo que, nos anos de 1910 a 1926, houve uma estruturação consistente deste desporto. A fundação das associações regionais, da União Portuguesa de Futebol (posteriormente, denominada Federação Portuguesa de Futebol), a criação de uma prova e seleção nacionais são exemplos dos progressos da modalidade no período republicano.

As mudanças desportivas terão decorrido, em última instância, das alterações político-sociais numa tentativa dos políticos de regenerarem o país. A vontade de construir um novo paradigma para a vida nacional residia na mente dos republicanos como refere António Reis:

Uma nova bandeira, um novo hino, uma nova ortografia e uma nova moeda viriam, consumada a implantação da República, a simbolizar uma tal passagem do velho para o novo, do mal para o bem, da decadência para o ressurgimento, das trevas do obscurantismo para as luzes da instrução.⁷³

⁷² RAMOS, Rui — *A Segunda Fundação...*, p. 401.

⁷³ REIS, António (dir.) — *Portugal Contemporâneo...*, p. 7.

Em suma, a República foi percecionada pelos seus defensores como um modelo de moralidade e renovação, principalmente contra os vícios e corrupção associados à Monarquia. Além disso, Rui Ramos adicionou uma questão fundamental: “essa moral existia sobre a forma de patriotismo”⁷⁴. É este «culto da pátria» que os republicanos assumiram mesmo nos tempos precedentes à instauração da República, cujo auge foi a celebração do terceiro centenário da morte de Camões (1880), que prosseguiu nas décadas posteriores. O futebol não foi alheio a este facto porque os jogos internacionais serviram como palco para as demonstrações de patriotismo, nomeadamente nos desafios contra a seleção espanhola. O ambiente que envolvia estes jogos era marcadamente patriótico devido à presença dos símbolos portugueses – a bandeira e o hino –, bem como às palavras de pendor nacionalista que a imprensa atribuía nas secções desportivas dos periódicos. Os confrontos desportivos entre as equipas de diferentes países permitiam ao público vivenciar um antagonismo simbólico semelhante às batalhas históricas que sobreviviam na memória popular. Um exemplo disso são as palavras de um adepto aquando de um encontro entre a Seleção portuguesa e a congénere espanhola: “Lembrem-se de Nun’Álvares”⁷⁵.

Na continuação da ideia de regeneração da pátria, os governos da Primeira República criaram um conjunto de medidas legislativas para concretizarem esse objetivo, das quais destacámos a Lei da Separação entre o Estado e a Igreja, bem como a ambicionada reforma do ensino.

Logo no Governo Provisório, a Lei da Separação entre o Estado e a Igreja marcou o período republicano pelas suas graves consequências. Aliás, Rui Ramos considera-a mesmo como a «grande questão da República portuguesa»⁷⁶. Os republicanos tiveram o intuito de libertar a vida pública portuguesa da influência do clero católico que era percecionado como uma das causas responsáveis pela decadência do país, aliás já mencionada por Antero de Quental na segunda sessão das Conferências do Casino. A imposição das associações culturais, o registo civil obrigatório e o direito

⁷⁴ RAMOS, Rui — *A Segunda Fundação...*, p. 402.

⁷⁵ SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) — *História do Futebol Português...*, p. 134.

⁷⁶ RAMOS, Rui — *A Segunda Fundação...*, p. 407.

ao divórcio foram medidas que nas palavras de um historiador originaram uma «verdadeira guerra religiosa»⁷⁷.

Outro dos projetos importantes na República foi a mudança no ensino, uma vez que os republicanos consideravam este setor como nevrálgico para as aspirações de criação de um Homem novo. Como refere Maria Cândida Proença: “a educação do povo seria condição indispensável ao ressurgimento nacional, pois só a instrução poderia contribuir para formar novos cidadãos”⁷⁸. A pedagogia positivista defendida pelos republicanos pretendia dotar o indivíduo de uma mentalidade científica, em detrimento do método de saber enciclopédico. O afastamento da influência católica do ensino e a integração de novos cultos laicos como a Festa da Árvore tiveram o objetivo de desenvolver a consciência cívica dos estudantes e, em simultâneo, anular as consequências nefastas que estes atribuíam ao ensino jesuítico. Contudo, outra das preocupações dos dirigentes republicanos foi o melhoramento da condição fisiológica dos jovens portugueses, por isso incluíram exercícios militares nas escolas. Neste âmbito, o futebol também entrou no mundo da educação através da criação de equipas escolares e, posteriormente campeonatos homólogos. O sucesso do futebol escolar verificou-se devido ao êxito na fundação de coletividades desportivas pelos antigos estudantes como foram exemplos Casa Pia Atlético Clube e o Académico Futebol Clube, respetivamente em Lisboa e no Porto. A reorganização do ensino técnico e profissional, em 1918, conduziu ao aumento do número de alunos como refere o excerto: “Também neste nível de ensino se assistiu a um notável crescimento, passando-se de 8169 alunos em 1914-1915 para 13 085 em 1925-1926”⁷⁹. As equipas de futebol oriundas deste ensino disputavam o campeonato escolar quer em Lisboa quer no Porto. Este facto demonstra que a atenção concedida à educação física dos estudantes não se limitava a um nível específico de ensino.

No ensino superior, a República quebrou o monopólio de Coimbra e criou as universidades de Lisboa e Porto. O número de estudantes universitários quadruplicou durante este período e as mulheres começaram a integrar com maior percentagem a população estudantil, embora continuassem numa situação de minoria. Se o futebol esteve vedado ao género feminino o mesmo não ocorreu com o masculino como

⁷⁷ NETO, Vítor – “A questão religiosa: Estado, Igreja e conflitualidade sócio-religiosa”. In ROLLO, Maria Fernanda; ROSAS, Fernando — *História da Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Tinta da China, 2010, p. 166.

⁷⁸ PROENÇA, Maria Cândida — “A educação”..., p. 169.

⁷⁹ Idem, *ibidem*, p. 180.

demonstra a existência do campeonato universitário. A prática desta modalidade, de modo transversal a todos os níveis de escolaridade, é um sintoma da popularidade crescente do futebol na sociedade portuguesa.

Por último, a instrução popular apresentou-se como uma das maiores inovações republicanas no setor da educação. A crença na renovação do mundo através da instrução insere-se no pensamento positivista que caracterizava os teóricos republicanos, por isso o facto de levar o conhecimento para setores sociais marcados pelo analfabetismo ou baixos níveis de qualificação demonstrava a vontade pedagógica da República. A tentativa de instruir o meio operário e os intentos de moralizar a vida pública através da educação também foram alvo da imprensa generalista e desportiva. Assim, o desporto e, mais especificamente o futebol, foi percecionado como um método para melhorar o Homem, uma vez que a imprensa manteve esse sentido pedagógico e quase «missionário» nas suas notícias desportivas. Desde o século XIX, nomeadamente em Inglaterra, o futebol, por vezes, serviu como meio para moralizar os operários com o objetivo de substituir a taberna pelo clube. Para complementar, do mundo académico saíram jogadores que marcaram o futebol português, dos quais os maiores exemplos são Cândido de Oliveira e Ribeiro dos Reis.

As ligações entre o futebol e a Primeira República Portuguesa permaneceram de igual modo na diplomacia. Numa Europa povoada de monarquias, a República Francesa e a congénere Helvética eram as únicas repúblicas do continente, contudo a prioridade do novo regime português estava na aliança com a Inglaterra. Nuno Severiano Teixeira refere as fases de reconhecimento internacional da República Portuguesa:

A primeira vaga de reconhecimento oficial da República foi praticamente imediata e veio das repúblicas sul-americanas, com o Brasil e Argentina em primeiro lugar [...]. A segunda vaga, entre Junho e Agosto de 1911, veio dos regimes republicanos: os Estados Unidos da América e a República Francesa [...]. A terceira e última vaga de reconhecimentos foi o da Inglaterra e, com ela, de todas as grandes monarquias europeias.⁸⁰

No panorama futebolístico durante a República, as primeiras equipas internacionais que visitaram o país foram o Vie au Grande Médoc e o Real Vigo Futebol Clube, ou seja a primeira de origem francesa e a segunda espanhola.

⁸⁰ TEIXEIRA, Nuno Severiano — “A República e a política externa”. In MENESES, Filipe Ribeiro de; OLIVEIRA, Pedro Aires — *A primeira república portuguesa: diplomacia, guerra e império*. Lisboa: Tinta da China, 2011, p. 29.

Posteriormente, em 1913, uma equipa portuguesa deslocou-se ao Brasil para disputar um torneio; em 1914, o Lamarck visitou o país; na década de 20, formações uruguaias, húngaras e espanholas realizaram encontros em território português. De salientar que estes jogos internacionais não se limitavam ao interesse desportivo, pois os atletas estrangeiros eram alvo de atenção das autoridades civis, essencialmente com receções nas câmaras municipais. Deste modo, o futebol funcionou como uma embaixada de regiões ou países cujos jogadores e dirigentes dos clubes representavam informalmente as diretrizes das entidades diplomáticas oficiais. Ainda durante estes dezasseis anos, a União Portuguesa de Futebol conseguiu ser aceite pela FIFA o que revela mais um sinal de integração do país na comunidade internacional, embora esta situação remonte ao contexto desportivo. Nos anos da Grande Guerra, os Chefes de Estado portugueses compareceram às finais das competições futebolísticas das Forças Armadas num ato simbólico de união entre a esfera civil e militar. Os homólogos internacionais fizeram o mesmo com destaque para a presença do monarca britânico George V na final da Football Association Cup, em 1914. Para concluir, um episódio muito citado mas esclarecedor da capacidade diplomática do futebol foi a trégua de natal, em 1914, que uniu num jogo de futebol britânicos, franceses e alemães, inimigos de guerra, que comungaram um momento de paz. A entrada do futebol no panorama dos Jogos Olímpicos, na década de 20, realçou o papel internacional que este desporto já possuía nos tempos da Primeira República Portuguesa.

As ambições e projetos republicanos depararam-se com um grande obstáculo, ou seja, a dificuldade financeira herdada da Monarquia. Os primeiros governos tiveram a preocupação de estabilizar as contas públicas através da tentativa de controlo na despesa orçamental, sem esquecer que os republicanos criticaram a Família Real pelo facto de os seus gastos ultrapassarem o orçamento destinado. A concretização desse objetivo, em 1913, deveu-se à chamada lei-travão como refere Oliveira Marques: “Afonso Costa fizera votar no Parlamento a lei-travão, pela qual nenhum deputado nem senador podia propor lei que implicasse diminuição da receita ou aumento da despesa”⁸¹. Contudo, este sucesso raro na história financeira nacional não teve a durabilidade esperada porque a eclosão da Grande Guerra mudou o rumo da consolidação orçamental. Primeiro no futebol, os efeitos da austeridade sentiram-se através da imposição de tributação aos clubes. Um acontecimento que demonstra esse facto foi a apreensão da taça conquistada

⁸¹ MARQUES, A. H. Oliveira — MARQUES, A. H. de Oliveira — *A Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Textos Editores, 2010, p. 35.

no Brasil por uma equipa portuguesa que ficou retida na alfândega porque os dirigentes não pagaram o respetivo imposto⁸². A política económica da República foi liberal, aliás semelhante às diretrizes dos restantes países europeus. Nos primeiros anos, a intervenção do governo na economia foi mínima o que contrastou com a maior intervenção durante o período bélico devido às necessidades específicas da conjuntura. Oliveira Marques descreve as intervenções iniciais dos políticos republicanos na economia como «tentativas inábeis de dirigismo estatal»⁸³. Os modelos de controlo económico adotados durante a Grande Guerra baseavam-se no tabelamento dos preços, de modo a conter o aumento dos bens alimentares; na utilização das forças policiais para garantir a entrega dos cereais e na restrição às importações industriais. Neste último exemplo, as secções desportivas da imprensa sofreram um acentuado declínio nas edições devido às objeções levantadas na aquisição de papel. Aliás, a guerra representou um tempo de dificuldades elevadas para os governos por causa da retração comercial e dos obstáculos ao crédito, este último motivo foi apresentado como aquele que levou Portugal a entrar no conflito, segundo António José Telo:

Os créditos, tal como os fretes, eram nestes anos condicionados politicamente [...] Este é um dos principais motivos (senão o principal) por que os guerristas republicanos procuram desesperadamente a beligerância ao lado da Inglaterra e a seu pedido, na medida em que têm a ilusão de que, com a beligerância, o aliado facilitaria os créditos e os fretes para Portugal.⁸⁴

No pós-guerra, a política económica da República sofreu alterações significativas. O contrato estabelecido por Sidónio Pais com o Banco de Portugal acabou com os limites do recurso ao crédito, imposto anteriormente por José Relvas, e causou o crescimento elevado da dívida pública, uma vez que os governos, na década de 20, contraíram empréstimos de forma descontrolada e causaram «um grande aumento da circulação fiduciária e da inflação»⁸⁵. Neste período despoletou uma preocupação protecionista à economia, bem como à desvalorização do escudo não obstante o incremento do défice comercial porque o país não possuía uma indústria capaz de suportar as necessidades da população. António José Telo refere os números da

⁸² Serra, Pedro; SERRADO, Ricardo — *História do Futebol Português. Das origens ao 25 de abril. Uma análise social e cultural*. Lisboa: Prime Books, 2011, p. 113.

⁸³ Idem, *ibidem*, p. 33.

⁸⁴ TELO, António José — *Primeira República II: como cai um regime*, p. 96.

⁸⁵ Idem, *ibidem*, p. 102.

importação comparativos entre 1918 e 1920. “As importações saltam de 594 para 1384 mil toneladas”⁸⁶. Por seu lado, a circulação fiduciária passou de 96 mil contos, em 1914, para 274 mil contos quatro anos depois. A especulação começou a dar os seus frutos que por sua vez originou a ascensão dos denominados «novos-ricos» característicos dos anos 20. Armando Marques Guedes refere uma mudança de mentalidade na sociedade: “a mentalidade da «nossa burguesia» mudou, tendo substituído a «miragem do emprego público» pela tentação das «fortunas rapidamente adquiridas»”⁸⁷. Neste âmbito, os clubes de futebol começaram a usufruir de novas fontes de financiamento, nomeadamente através de mecenas que possibilitavam a existência de pagamentos a alguns jogadores e técnicos, facto que a imprensa da época não deixou passar incólume através das várias críticas apontadas a esta prática que classificou como «profissionalismo encapotado».

No que respeita às realizações técnicas da República é importante salientar as imensas novidades que surgiram nos dezasseis anos. Um dos maiores feitos propagados pelos dirigentes republicanos foi a travessia do Atlântico Sul por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, em 1922, elevado a uma manifestação do progresso. A aviação portuguesa evoluiu, essencialmente, no pós-guerra mas serviu como uma «arma de propaganda política»⁸⁸. Na rede de transportes, a evolução foi menos visível e pouco significativa, com destaque para um ligeiro aumento do número de automóveis, embora as estradas continuassem num estado de degradação. Todavia, nas comunicações houve dois marcos importantes, referidos por António José Telo, nomeadamente o aumento da utilização de telefones e o surgimento de um dispositivo que marcou as gerações posteriores, o rádio.

Por outro lado, não podemos compreender os destinos da República sem analisar o impacto da Grande Guerra no país. A entrada de Portugal no conflito foi estudada e debatida como comprova a historiografia relativa ao tema. Neste caso, recorreremos a um capítulo de Nuno Severiano Teixeira porque nos parece o que melhor se enquadra aos objetivos deste parágrafo. Segundo este autor, existem duas teses que explicam a participação do país na Primeira Guerra Mundial: a tese colonial e a tese europeia-peninsular. Na primeira, a questão colonial que era uma área de atenção significativa dos republicanos como corroboram as seguintes palavras: “Os republicanos criticavam

⁸⁶ Idem, *ibidem*, p. 104.

⁸⁷ Idem, *ibidem*, p. 159.

⁸⁸ Idem, *ibidem*, p. 164.

fortemente a Monarquia pelo «abandono» em que deixava as colónias e defendiam a ideia da construção do «novo Brasil em África» como o caminho da regeneração”⁸⁹. Assim, a defesa das colónias perante os interesses alemães constituiu um dos argumentos essenciais para os defensores da intervenção bélica. Na segunda tese, houve uma corrente cujo pensamento afirmava que Portugal precisava de combater na Europa ao lado da França e Inglaterra para ser escutado aquando das negociações de paz, de modo a salvaguardar os seus interesses face às colónias, bem como método de provar o valor da República. Nas palavras de Nuno Severiano Teixeira, os republicanos tiveram dois intuitos adicionais: “a reconquista do lugar perdido no concerto das nações, ao nível europeu; o segundo, concreto e imediato, afastar o perigo espanhol no quadro peninsular”⁹⁰. Além das outras razões apontadas, as consequências são, mais concretas, especialmente pelo modo como atingiram o quotidiano das populações. Primeiro, os mortos causados pela Grande Guerra cujo desastre de La Lys é a derradeira prova. Em segundo, as carências alimentares resultantes dos bloqueios marítimos dos beligerantes que condicionavam as importações de bens essenciais. Depois, a instabilidade interna com greves, um golpe de Estado, o assassinio de um Presidente da República e a ameaça monárquica. No futebol, a desorganização das competições e clubes foi evidente com muitas infrações cometidas por ambas as entidades, o declínio de qualidade dos desafios mencionado pela imprensa, a quebra de notícias nos periódicos, as dificuldades da deslocação de equipas ao estrangeiro e vice-versa, a suspensão de clubes e a subnutrição dos atletas provocaram um panorama de desgaste numa modalidade que estava em crescimento no período anterior à guerra. No entanto, o futebol também se adaptou, com destaque para os jogos de beneficência que em tempos de guerra receberam visibilidade quer na imprensa quer junto das autoridades civis. Em suma, ao contrário da história republicana, o futebol não teve um fim breve e revigorou-se após a Grande Guerra.

No plano cultural, o período republicano foi bastante fértil e inovador. Nas artes deu-se a irrupção do Modernismo protagonizado por intelectuais como Amadeu de Souza-Cardoso, Fernando Pessoa, Mário Sá Carneiro, Santa-Rita Pintor e Almada Negreiros. Novas correntes artísticas como o cubismo, expressionismo, abstracionismo e futurismo surgiram no meio artístico português durante a Grande Guerra. Nas letras, a

⁸⁹ Idem, *ibidem*, p. 90.

⁹⁰ TEIXEIRA, Nuno Severiano (coord.) — *Portugal e a guerra: história das intervenções militares portuguesas nos grandes conflitos mundiais: (séculos XIX-XX)*, p. 57.

revista *Orpheu* introduziu o vanguardismo literário que contou com nomes como Almada Negreiros, Fernando Pessoa e Mário Sá-Carneiro. Como refere Rui Ramos: “Uma gramática bizarra, as referências sexuais e a perturbação dos sentidos atingiam o clímax na *Ode triunfal*, onde a relação com o mundo moderno, das cidades e máquinas, era expressa como uma fúria de tudo experimentar”⁹¹. Álvaro de Campos traduz na perfeição a nova vanguarda literária caracterizada pelo desejo de viver com intensidade que marcou a mentalidade dos anos 20.

Neste período, os tempos de lazer são ocupados com atividades revigoradas, tais como o teatro de revista, o futebol e o cinema. Segundo António José Telo, o teatro de revista desenvolveu-se na Primeira República, de modo significativo: “O teatro da revista cresce muito, com novas salas e atores famosos, normalmente explorando o ridículo dos novos-ricos, os hábitos sexuais, a violência política ou os escândalos”⁹². A sátira contra as elites tradicionais já é comum na obra de Almada Negreiros e perpetuou-se nos anos 20. Este tempo também é do futebol, das assistências cada vez mais numerosas, do campeonato de Portugal, das claques, da seleção nacional, das críticas aos árbitros e do crescimento da imprensa desportiva. O pós-guerra foi uma época de incremento dos clubes, bem como da qualidade dos jogadores que culminou com a primeira vitória da equipa nacional contra a congénere italiana.

O cinema foi considerado a forma de arte mais moderna e cresceu significativamente durante a República. As sessões de cinema podiam ser exibidas em salas públicas ou privadas, nomeadamente em clubes, e a influência estrangeira esteve presente através da reprodução de películas americanas. A escassez de meios financeiros para apoiar a modernização do cinema português ao mesmo ritmo que evoluía o internacional conduziu a filmografia nacional para a adaptação de histórias famosas entre o público. Rui Ramos descreve o cinema exibido em Portugal do seguinte modo: “Assim, o cinema era o teatro e os folhetins dos jornais postos em imagens animadas, com os mesmos heróis e vilões interpretados pelos actores mais festejados nos palcos do século anterior”⁹³. Concluindo, o cinema constituiu uma arte capaz de fascinar grandes públicos e ainda não possuía o controlo estatal verificado, posteriormente no Estado Novo.

⁹¹ RAMOS, Rui — *A Segunda Fundação*, p. 640.

⁹² TELO, António José — *Primeira República II: como cai um regime*, p. 160.

⁹³ RAMOS, Rui — *A Segunda Fundação*, p. 653.

A obra *Mulheres na 1ª República* tem uma frase que sintetiza o percurso do género feminino: “Durante o século XX verificou-se uma progressiva visibilidade das mulheres nas lutas pela conquista de direitos sociais, legais e políticos, visando igualá-los nos dois sexos que constituem a humanidade”⁹⁴. A instauração da República acalentou as esperanças dos núcleos feministas que ansiavam atingir a igualdade de direitos civis e políticos. Numa primeira fase, as mulheres usufruem de leis benéficas, das quais o direito ao divórcio foi uma das mais expressivas. Contudo, as ilusões no que respeita à participação política desvanecem-se, logo em 1911, com a Lei Eleitoral que negava o direito de voto às mulheres, de modo subentendido. No entanto, António José Telo descreve o percurso de Carolina Ângelo, ou seja, um caminho de resistência:

Esta situação leva Carolina Ângelo, que tinha um curso superior e era viúva, a requerer a inscrição nos cadernos eleitorais, na medida em que a lei não proibia expressamente o voto feminino. A inscrição será recusada, não só pelo funcionário do círculo eleitoral, mas também pelo Ministério do Interior dirigido por António José de Almeida; Carolina Ângelo vai para os tribunais e, para surpresa de muitos, consegue que um juiz (o pai de Ana de Castro Osório) lhe reconheça o direito de voto.⁹⁵

Os políticos republicanos receavam o voto conservador das mulheres, por isso numa alteração à lei concretizaram a negação do direito de voto ao género feminino. A luta pela conquista de direitos políticos e civis não parou, como comprova a criação do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, em 1914, e as manifestações favoráveis ou contra governos republicanos. Por outro lado, as mulheres católicas e conservadoras também continuavam a seguir o paradigma tradicional relativo ao género feminino, o que levou a divergências com aquelas que acreditavam numa sociedade mais progressiva, por isso o confronto eclodiu entre as republicanas e católicas.

A mulher no futebol português desempenhou naquela altura o papel de espectadoras. Desde cedo, há registos de senhoras que assistiam aos desafios, além de contribuírem monetária e presencialmente nos jogos de beneficência. Apesar da visita de atletas francesas ao país, a mentalidade dominante «desaconselhava» a prática desportiva pelo género feminino devido aos supostos problemas físicos que resultariam de tal atividade.

⁹⁴ CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João; MONTEIRO, Natividade (coord.) — *Mulheres na 1ª República: percurso, conquistas e derrotas*, p. 13.

⁹⁵ TELO, António José — *Primeira República II: como cai um regime*, p. 156.

Para finalizar o retrato do futebol no tempo da Primeira República Portuguesa refiro a mudança da denominação União Portuguesa de Futebol para Federação Portuguesa de Futebol, no dia 28 de maio de 1926, facto que demonstra que o destino do futebol, apesar de ter acompanhado a República, não acabou com ela e prosseguiu em novos campos políticos até à atualidade.

3. A democratização do futebol no Porto

3.1. O início do processo

A democratização foi um dos ideais mais difundidos pela propaganda republicana. Porém, o alcance da democratização em diversas áreas da vida nacional foi ténue devido a circunstâncias adversas como a instabilidade política e as dificuldades financeiras. Nesta conjuntura, coube ao desporto empreender um caminho de popularização, nomeadamente através da massificação de modalidades como o ciclismo e o futebol.

Segundo Ricardo Serrado, o futebol seguiu um processo, primeiro apreendido junto das elites e, posteriormente, passando para a restante população. De realçar o facto de acontecimento semelhante ter ocorrido no Reino Unido, uma vez que o futebol nasceu nos colégios mas difundiu-se, gradualmente, entre os trabalhadores. Aliás, o papel dos estudantes britânicos na difusão do futebol pela sociedade é descrito no seguinte excerto: “Além de contribuírem decisivamente para a fundação de clubes de linha aristocrática, também no exército britânico, no serviço cívico ou nas universidades, foram líderes do processo de alargamento do futebol às classes trabalhadoras”⁹⁶. A consciência social do nível de vida precário e insalubre de muitos operários provocou reações de oposição a esta condição, especialmente através dos padres, empresários e estudantes que conduziram ações de divulgação de uma filosofia praticada pela elite, ou seja, “a mente são, em corpo são”.

No caso português, os republicanos, cujas intenções consistiam na reforma dos costumes através da organização em ligas e clubes, promoveram a prática desportiva, daí que se verifique uma expansão notável do futebol durante os dezasseis anos da República. Assim, a primeira problemática deste capítulo consiste em perceber quais os motivos que levaram à democratização do futebol português.

O primeiro fator essencial, na nossa perspetiva e de alguns autores, foi o decreto republicano que instituiu o domingo como dia de descanso obrigatório. Qualquer atividade humana necessita de tempo, logo o incremento do período de lazer dos trabalhadores possibilitou um público maior para praticar e assistir aos jogos de futebol. A realização da maioria dos encontros de futebol ao domingo durante o período

⁹⁶ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*, p. 13.

republicano, comprova o cuidado ou necessidade de coincidir com os tempos livres dos assalariados, assim como, o abandono do carácter amador e elitista.

O segundo motivo foi a vantagem, aparentemente inerente, da prática de futebol na libertação da tensão acumulada pelas rotinas quotidianas e laborais. Dois autores que vimos a seguir descreveram a importância do futebol como agente libertário e de descompressão: “Em face da complexidade da vida diária, pejada de problemas familiares, profissionais e rotinas enfadonhas [...] o indivíduo procura no futebol uma pausa do *stress* e das preocupações”⁹⁷. A capacidade alienante da modalidade conseguiu atrair muitas pessoas devido à criação do mundo paralelo, onde as restrições sociais desapareciam em detrimento da fama, sucesso ou insucesso que advém do jogo.

O terceiro fator foi a motivação económica, visto que a possibilidade de auferir rendimentos adicionais ou usufruir do beneplácito público para conseguir um emprego melhor, possivelmente, atraiu muitos indivíduos.

O quarto consistiu na adaptabilidade do futebol a qualquer espaço e cultura devido à simplicidade da estrutura do jogo, bem como ao escasso equipamento necessário à sua prática. Num país como Portugal com poucos recintos desportivos, no início da República, os espaços disponíveis e dotados de capacidade para a prática da modalidade eram escassos, por isso nas palavras de Ricardo Serrado: “Era um jogo que se jogava nas ruas, nas praças e nos bairros, sem qualquer tipo de método”⁹⁸. Esta característica, ou seja, as condições mínimas em termos espaciais para a realização do jogo permitiu a difusão do futebol pelo país, uma vez que todos os distritos portugueses possuíam equipas de futebol, desde os mais rurais aos urbanos, em 1926.

Por último, Robert Coles defende que o futebol surgiu como uma religião substituta devido às componentes de filiação que envolvem os adeptos, tais como o fanatismo pelo clube, as cores, símbolos e imagens que usam no vestuário diário e, aliás, preservam no seu espaço privado. Nas palavras desse autor: “O futebol profissional surge como uma religião de muitos deuses: os clubes, os jogadores, especialmente os mais dotados e populares, certos treinadores e dirigentes, etc.”⁹⁹. Por continuidade, Pedro Serra e Ricardo Serrado apelidam o futebol de “novo ópio do povo” o que corrobora a visão de alguns intelectuais que comparam esta modalidade a uma religiosidade substituta ou congregação afetiva no mundo contemporâneo.

⁹⁷ Idem — *A Paixão do Povo*, p. 12.

⁹⁸ SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) — *História do Futebol Português*, p. 126.

⁹⁹ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*, p. 13.

De seguida, focaremos o estudo na região do Porto com o objetivo de analisar mais concretamente o processo de democratização. O Porto, aquando da instauração da República, era a segunda maior cidade do país e estabeleceu, nomeadamente no século XIX, uma relação de rivalidade com Lisboa a diversos níveis, sendo que a Invicta funcionou como um contrapeso ao poder sediado na capital (esta conflitualidade verificou-se também no futebol). No início do século XX, o Porto possuía uma população elevada para a realidade nacional, assim como um tecido industrial significativo e concentrado, por isso o futebol encontrou aqui um campo favorável à sua expansão. Até ao período republicano, esta modalidade teve uma evolução lenta, embora a realização do primeiro jogo de futebol no Porto ocorresse em 1894 e clubes de referência como o Boavista Futebol Clube, Leixões Sport Clube e Futebol Clube do Porto e Sport Progresso já existissem nos tempos da Monarquia.

Contudo, somente na República há uma explosão de clubes pela extensão geográfica da cidade e, conseqüentemente, na periferia. Esta conquista do espaço pelo futebol demonstra a popularidade crescente deste desporto naquele período. Após o núcleo inicial sediado no Campo Alegre (Oporto Cricket Club), Bessa (Boavista Futebol Clube, Campo da Rainha (Futebol Clube do Porto) e Matosinhos (Leixões Sport Clube); os clubes surgiram em Paranhos (Salgueiros), São Mamede de Infesta (Infesta Sport Clube), Marquês (Sport Clube Marquês de Pombal), Carvalhido (Carvalhido Futebol Clube), Trindade (Trindade Futebol Clube), Rua dos Guindais (Comercial Futebol Clube), Santa Catarina (Sport Clube do Porto) e Foz (União Futebol Clube da Foz).

No entanto, apesar da proliferação de clubes pela cidade, nem todos possuíam recursos financeiros, de modo a suportar um campo próprio, por isso muitas coletividades jogaram em recintos comunitários ou municipais como, por exemplo, na Arca de Água e em Ramalde. Em contraste, os recintos desportivos de algumas equipas dotadas de uma estrutura mais complexa à época (maior orçamento e associados) como o Académico Futebol Clube, o Boavista Futebol Clube e o Futebol Clube do Porto tinham melhores condições: campos maiores, bilheteiras e balneários. De salientar a importância das bilheteiras porque permitiam controlar a entrada nos recintos e coletar receitas mais avultadas devido à fiscalidade que, por sua vez, possibilitaram aos clubes adicionar melhores jogadores e técnicos aos respetivos plantéis. Posteriormente, a aglomeração dessas receitas conduziu à compra de novos terrenos e, conseqüentemente,

a construção de novos campos como, por exemplo, o Campo da Constituição, Campo do Amial e o Campo do Lima.

Neste processo de democratização do futebol portuense constatámos a presença de britânicos nas equipas. A participação de elementos da comunidade estrangeira nos clubes remete-nos para a influência anglo-saxónica no surgimento do futebol no Porto. Aliás, aquando do primeiro jogo realizado na Invicta, em 1894, a formação portuense era constituída maioritariamente por jogadores ingleses, uma vez que somente dois nomes indiciam uma identidade portuguesa, F. Guimarães e Adolfo Ramos. Todavia, a frequência de atletas britânicos nas coletividades da cidade manteve-se até ao final do período republicano, com destaque para jogadores como Douglas Grant, Weber, Reid, Pye, Hall, Harrison e Hamilton. Estes homens partilharam o campo com portugueses e ajudaram os respetivos clubes na conquista de troféus.

Por outro lado, a presença significativa da comunidade inglesa no futebol era de tal ordem que realizou-se um desafio, organizado pela Associação de Futebol do Porto, que consistiu no confronto entre uma equipa integralmente portuguesa contra a congénere britânica:

O match é entre um grupo mixto composto de excelentes jogadores portugueses e outro formado por elementos estrangeiros. É grande o entusiasmo por este desafio e sabemos que entre a colónia inglesa vai grande interesse no seu resultado.¹⁰⁰

Por continuidade, importa referir a presença de jogadores e técnicos oriundos de outras nacionalidades, tais como Catullo Gadda, Adolphe Cassaigne, Akos Teszler e Miguel Siska. De salientar que Catullo Gadda foi o primeiro técnico estrangeiro na Invicta que tinha no currículo uma passagem pelo A. C. Milan (*Associazione Calcio Milan*). Posteriormente, tanto Adolphe Cassaigne como Akos Teszler, respetivamente de nacionalidade francesa e húngara, orientaram as equipas do Futebol Clube do Porto com sucesso significativo, pois foram responsáveis pela conquista de diversos títulos desde a taça José Monteiro da Costa, taça de Honra, taça Salão Sport, taça Imprensa Sportiva, campeonato regional do Porto e campeonato de Portugal (1922 e 1925). Na carreira de jogador destacámos o papel de Siska que defendeu a baliza do Futebol Clube do Porto, na década de 20, onde obteve sucesso idêntico.

¹⁰⁰ *O Comércio do Porto*, nº 64, 17 de março de 1912.

Esta presença de estrangeiros no futebol da Invicta permitiu a evolução dos clubes, pois aqueles com o maior número de conquistas tanto regionais como nacionais foram o Boavista Futebol Clube e o Futebol Clube do Porto, ou seja, formações onde a influência estrangeira foi poderosa. Por exemplo, o primeiro campeonato do Porto, na época 1913-1914, foi conquistado pelo Boavista Futebol Clube, que apresentou uma equipa com os estrangeiros Wright, Pye e Reid. Num outro exemplo, o Futebol Clube do Porto venceu o campeonato de Portugal, no ano de 1925, com exibições seguras do guarda-redes Siska e, nas palavras de João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro:

A vitória do FC Porto no campeonato de Portugal de 1925 deveu-se em grande parte ao seu talentoso guarda-redes [...]. De nacionalidade húngara, Siska era tão preponderante na equipa portista desta altura que no balneário chamavam-lhe “Meia-Equipa” [...]. A sua qualidade futebolística, simpatia e fácil adaptação ao Porto-cidade e a Portugal tornaram-no um símbolo dos portistas.¹⁰¹

O contributo destes homens oriundos de nações que possuíam uma qualidade e experiência futebolística mais vasta do que Portugal, certamente ajudou na progressão do futebol praticado na Invicta.

No entanto, há mais um fator essencial para a gradual evolução do futebol durante a República, ou seja, a visita de clubes internacionais. A superioridade das formações estrangeiras face às portuenses foi referida pela imprensa que realçava as qualidades dessas equipas como, por exemplo, os franceses do Vie au Grand Air du Médoc:

Os jogadores d’esta sociedade mostraram ter um conhecimento muito perfeito do football. São admiravelmente disciplinados, têm uma boa combinação, são muitos resistentes e aproveitam sempre as boas ocasiões para ganhar vantagem.¹⁰²

No caso do Porto, a maioria das visitas internacionais provinham do país vizinho, especificamente dos clubes galegos, devido à proximidade geográfica e aos custos de transporte mais acessíveis. O desafio entre o Futebol Clube do Porto e o Vigo Futebol Clube, em 1912, foi apenas um dos exemplos de disputas regulares entre as equipas portuenses e as congéneres galegas. Outro exemplo é o jogo entre o Leixões Sport Clube e o Clube Comercial de Vigo, 1922, em que a superioridade espanhola

¹⁰¹ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*, p. 219.

¹⁰² *O Comércio do Porto*, nº 95, 25 de abril de 1911.

ficou vincada no resultado (6-1). Aliás, numa notícia destaca-se a importância destes encontros internacionais através da descrição dos locais de venda dos ingressos para o jogo, bem como do seu preço:

Em virtude das despesas a fazer com a vinda do team hespanhol, as entradas são pagas e ao preço de 220 réis, incluindo o imposto de selo. Os bilhetes encontram-se á venda: Tabacaria Africana, rua 31 de Janeiro; Tabacaria Rodrigues, praça da Liberdade; António Braga, praça de Carlos Alberto; Casa Europa, praça dos Voluntários da Rainha; Casa Bacellar, rua Formosa; Drogaria Alves, rua Anthero de Quental; e no dia do desafio, á porta do Club.¹⁰³

No entanto, os jogos internacionais sofreram uma quebra significativa durante a Primeira Guerra Mundial porque as ligações entre os países foram afetadas com o eclodir do conflito. Neste período, as deslocações dos clubes ao país limitaram-se a clubes espanhóis, embora até estes manifestassem dificuldades nas viagens ao território português. Posteriormente, após o final da Grande Guerra, os encontros com equipas estrangeiras renovaram-se com mais intensidade e o Porto recebeu clubes de países tão longínquos (na escala dos transportes à época) como a Alemanha, Hungria, Roménia e Suécia.

Por outro lado, as formações portuenses também se deslocaram ao país vizinho como demonstra a digressão do Futebol Clube do Porto: “[19 de Março de 1921] O FC Porto inicia uma digressão por terras espanholas, com derrota perante o Real Madrid (3-1) na capital espanhola”¹⁰⁴. Assim, a permuta de experiências futebolísticas, certamente, incrementou a compreensão do jogo por parte dos atletas nacionais e lentamente as ideias sobre a modalidade evoluíram para níveis mais aproximados do futebol internacional como demonstrou a boa participação portuguesa nos Jogos Olímpicos de 1928 (a equipa nacional perdeu nos quartos-de-final).

No entanto, houve mais alguns encontros que contribuíram para o processo de democratização no Porto. Os desafios regionais, ou seja, o Porto *versus* Lisboa e o Braga *versus* Porto ajudaram a sedimentar a atração que o futebol já causava nas massas, por isso a introdução da rivalidade entre diferentes cidades ou regiões do país contribuiu para a difusão deste desporto. A supremacia portuense perante os rivais setentrionais não se verificou contra as equipas lisboetas, uma vez que nos dezasseis

¹⁰³ *O Comércio do Porto*, nº 62, 15 de março de 1912.

¹⁰⁴ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*, p. 192.

anos da República, as vitórias das formações da Invicta foram escassas contra formações da capital.

Antes de avançarmos para uma análise pormenorizada da popularização do futebol nos diversos sectores sociais importa descrever as condições e modelos no qual decorreram alguns desafios. A descrição que Pedro Serra e Ricardo Serrado fazem acerca do atleta português comum baseia-se em algumas características, de entre as quais destacámos a nutrição insuficiente ou débil que resultava da subnutrição. João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro apontam o seguinte: “Mas os executantes apresentavam quase sempre fracas condições físicas, em resultado da má organização dos clubes (falta de treinos)”¹⁰⁵. Em continuidade, a imprensa da época classificava o futebol portuense quando confrontado com equipas estrangeiras como arcaico e carente de melhor organização e, nomeadamente, aconselhava mais treinos. Uma descrição noticiosa bastante crítica aquando do desafio entre o Boavista Futebol Clube e o Clube Comercial de Vigo reitera: “O Boavista [...] apresentou-se com a sua linha de ataque completamente desorganizada, não fazendo jogo algum e mostrando uma absoluta desorientação”¹⁰⁶. Os restantes fatores que compõem o retrato do futebol eram a frágil cultura tática que resultava da escassez de técnicos com uma formação futebolística aceitável, as más condições dos campos, a parcialidade dos árbitros veiculada pela imprensa e a falta de pontualidade. Porém, estes sinais arcaicos não impediram a modalidade de proliferar entre a população, uma vez que o número de adeptos crescia a um ritmo rápido.

De seguida, estudaremos a difusão do futebol pelas diversas áreas e grupos sociais, desde o ensino ao exército e comércio, entre as mulheres e na imprensa.

3.2. O futebol vai à escola

O desporto moderno, regulamentado e organizado, surgiu nos colégios britânicos e, posteriormente, difundiu-se pela sociedade. Numa cultura moldada com novos valores burgueses, após a Revolução Industrial, o século XIX é classificado também como o «século da escola». Um dos exemplos da tentativa de inculcar esses valores no desporto foi a difusão do conceito *fair play* pelos estudantes que praticavam as mais

¹⁰⁵ Idem, *ibidem*, p. 131.

¹⁰⁶ *O Comércio do Porto*, nº 300, 19 de dezembro de 1920.

variadas modalidades. A introdução do desporto moderno nos currículos académicos visou cumprir a restauração da perspetiva clássica “mente sã em corpo são”, bem como desenvolver nos mais jovens uma cultura de respeito, competitividade e superação.

No caso português, a República conferiu bastante importância à educação, pois viu-a como um método para criar o espírito republicano, ou seja o surgimento do “Homem novo”. Luís Alberto Alves apontou os princípios defendidos pelos republicanos face à escola: “a escola laica, a importância de uma nova educação moral, cívica e patriótica, e a importância do ensino para uma regeneração que a República queria protagonizar”¹⁰⁷. As reformas legislativas promovidas pelo Ministério da Instrução Nacional, criado em 1913, foram essenciais para modificar o paradigma da educação em Portugal apesar de muitas das suas ideias não terem saído do papel devido ao problema crónico da República, ou seja a dificuldade financeira. Contudo, é importante destacar muitas inovações e projetos com o intuito de combater o analfabetismo elevado da população e melhorar os métodos de ensino. Uma das mediadas delineadas foi a construção de numerosas escolas primárias (em 1910 existiam 5500, por contraste às 7000 em 1926)¹⁰⁸ porque o ensino primário foi um dos principais objetivos da política educativa no período republicano. A formação de professores republicanos foi vista como prioritária, pois seriam estes os «embaixadores» da República, essencialmente nas zonas rurais mais afetadas às ideias monárquicas.

No ensino secundário efetuaram-se reformas com a introdução da vertente técnica e a remodelação dos currículos de ensino. Todavia, a outra grande aposta dos republicanos foi o ensino superior. A quebra da hegemonia secular da Universidade de Coimbra aconteceu, logo em 1911, com a fundação de dois estabelecimentos de ensino – a Universidade de Lisboa e a Universidade do Porto. O encerramento da Faculdade de Teologia, em Coimbra, e a comutação desta para o Porto sob uma nova denominação – Faculdade de Letras – demonstrou a vontade dos políticos republicanos em modificarem o paradigma tradicionalista e católico oriundo da Monarquia.

Após esta breve descrição das mudanças de paradigma relativas ao ensino durante a República importa estudar a penetração do futebol nas escolas portuenses.

¹⁰⁷ ALVES, Luís Alberto — “República e educação: dos princípios da Escola Nova ao Manifesto dos Pioneiros da Educação”. *Revista da Faculdade de Letras — História*. Porto, III Série, vol. 11: 2010, p. 166.

¹⁰⁸ Dados retirados do número da Análise Social e disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223912673Y8iRK9tq7Sh93OU6.pdf>. [Consultado a 16 de maio de 2015 às 10h 22].

Neste período, o número de estabelecimentos de ensino na Invicta aumentou consideravelmente devido aos impulsos que provinham das diretrizes do poder central. Logo em 1911, há registo de um jogo entre uma equipa do Futebol Clube do Porto e outra do Liceu Rodrigues de Freitas. Este facto demonstra que desde o início da República que o futebol entrou na vida académica portuense. A presença de formações académicas ou de origem homónima nos encontros de futebol revelou-se constante como, por exemplo, o Raul Dória Sport Clube, Colégio Almeida Garrett, Liceu Rodrigues de Freitas, Liceu Alexandre Herculano, Grupo Desportivo da Escola Industrial, Escola Elementar de Comércio do Porto, etc. Aliás, os alunos de alguns estabelecimentos de ensino criaram clubes onde depois defrontavam os antigos colegas do Liceu:

O team d'esta agremiação sportiva [Sport Clube Almeida Garrett], constituída pelos alumnos do importante Collegio Almeida Garrett, d'esta cidade, defrontou-se victoriosamente com o primeiro team do Lyceu, na quinta-feira última, no campo de Paranhos.¹⁰⁹

Porém, o maior exemplo da formação de um clube por parte dos alunos de escolas portuenses foi o Académico Futebol Clube, fundado em 1914. Durante a sua prolongada história, esta coletividade manteve o carácter amador porque conferiu sempre importância às virtudes do desporto na formação do estudante, tal como a responsabilidade cívica e a capacidade de superação.

Aliado à fundação de diversos clubes nas escolas surgiu, conseqüentemente, o futebol infantil que tinha a dupla particularidade de difundir o jogo, bem como garantir a emergência de jovens promessas para os clubes das competições adultas. Os encontros dos denominados «teams infantis» realizavam-se no período matinal devido às prioridades das restantes equipas compostas pelos atletas mais velhos para jogarem no mesmo campo durante o período vespertino.

Os campeonatos escolares iniciaram-se em Lisboa e chegaram ao Porto, em 1922. As equipas infantis foram um retrato fiel das homónimas adultas durante o campeonato, uma vez que a maioria das vitórias foi alcançada pelos clubes detentores de mais troféus na Invicta, o Boavista Futebol Clube e o Futebol Clube do Porto.

¹⁰⁹ *O Comércio do Porto*, nº 70, 24 de março de 1917.

Quadro 1 - Campeonato Infantil no Porto durante a República Portuguesa.

Época	Clube Vencedor
1922-1923	Boavista Futebol Clube
1923-1924	Futebol Clube do Porto
1924-1925	Boavista Futebol Clube
1925-1926	Futebol Clube do Porto

Fonte: TELLES, Rodrigues — *História do Foot-Ball Club do Porto: 1906-1933*. Porto: Empresa Diário do Porto, 1933.

Por sua vez, o futebol entrou no mundo universitário através do campeonato escolar organizado na cidade. Assim, uma notícia descreve a final dessa prova futebolística do seguinte modo: “No campo do Ameal realizou-se hontem a final do Campeonato Escolar de foot-ball que foi ganho pela Faculdade de Medicina, pelo elevado score de 8 3”¹¹⁰. Todavia, estes jogos também partilhavam a desorganização dos congéneres adultos como revela uma interrupção do encontro escolar:

Não se realizou no domingo passado, como estava anunciado, o match de foot-ball entre o 1º e 2º team dos alumnos da Escola Elementar de Commercio, devido a diferentes pessoas que assitiam ao mesmo match se intrometterem no jogo. Por este motivo ficou adiado o mesmo match.¹¹¹

Além deste exemplo de desorganização do futebol, este possuiu outras vantagens, tais como a interação das equipas universitárias com clubes oriundos de outras áreas educacionais como, por exemplo, o Instituto Industrial e Comercial do Porto. A iniciativa dos estudantes portuenses para a promoção da modalidade na Invicta levou-os a investirem na criação de uma competição desportiva entre os estabelecimentos de ensino, em 1912. A disponibilidade e vontade dos estudantes em praticar futebol foi uma condição essencial no futuro deste desporto, pois a existência de competições e desafios dependiam da sua iniciativa, assim como a composição dos principais clubes dependeriam deles num tempo posterior.

¹¹⁰ *O Comércio do Porto*, nº 139, 13 de junho de 1925.

¹¹¹ *O Comércio do Porto*, nº 119, 23 de maio de 1911.

3.3. Forças Armadas: a bola entra nos quartéis

O culto do desporto inseriu-se numa conjuntura favorável à guerra e às disputas entre as nações. As palavras de Almada Negreiros, escritas no início do século XX, traduzem o ambiente decadentista sentido em Portugal: “O povo completo será aquele que tiver reunido no seu máximo todas as qualidades e todos os defeitos. Coragem, portugueses, só vos faltam as qualidades”¹¹². Neste âmbito, o desporto surgiu como um método privilegiado de regenerar os povos, bem como de afirmar a sua supremacia.

No caso português, a imprensa e alguns intelectuais defendiam a revitalização da chamada raça portuguesa através do desporto, uma vez que, a consideravam num estado prolongado de decadência. Desde as célebres Conferências do Casino, em 1871, que muitos pensadores atribuíram causas à progressiva decadência de Portugal no contexto internacional. Aliás, mesmo os republicanos acreditavam que a República seria uma forma de regenerar o povo português e que esse regime uma vez instalado provocaria uma mudança radical: “a implantação da República, a simbolizar uma tal passagem do velho para o novo, do mal para o bem, da decadência para o renascimento, das trevas do obscurantismo para as luzes da instrução”¹¹³. Por conseguinte, as Forças Armadas cumpriram uma função de destaque na promoção do desporto, especialmente do futebol, nas suas fileiras. Assim, no mundo volátil da década de 1910, os quartéis tiveram uma atenção especial por parte dos governantes porque a necessidade de manter os soldados preparados para a eventualidade de conflitos, quer no continente quer no ultramar, era uma preocupação do Estado. Para atestar a importância atribuída a este setor, os políticos republicanos começaram a comparecer às competições futebolísticas disputados pelo Exército e Marinha.

A ascensão do futebol nas Forças Armadas teve o seu apogeu aquando da criação do Campeonato Militar, em 1922. Os desafios regulares, a competitividade e o prestígio na disputa das finais, eventualmente, com a presença do Presidente da República, valorizaram o futebol nos quartéis. Outro fator que ajudou à promoção do futebol nas Forças Armadas foi a mentalidade coletiva do jogo, ou seja, o espírito de grupo, a delegação de funções distintas mas indispensáveis para a vitória comum e a resiliência devido à longa duração e intensidade dos encontros.

¹¹² RAMOS, Rui — *A Segunda Fundação*, p. 647.

¹¹³ REIS, António — *Portugal Contemporâneo*, p. 7.

No Porto, as equipas constituídas por militares praticavam futebol desde os alvares da República: “Os alistados que fazem o Grupo de Foot-Ball da Sociedade de Instrucção Militar Preparatória devem comparecer [...] para jogar um match com o 1º team do Grupo de Foot-Ball da Sociedade Militar”¹¹⁴. As notícias permitem observar que alguns destes encontros ocorriam no período do verão, normalmente sob temperaturas elevadas, por isso levantámos duas questões hipotéticas para explicar este facto: os militares jogavam no Verão com o intuito de aumentarem a resistência e condição física; os desafios nesta época do ano deviam-se à falta de campos para praticar a modalidade durante os meses mais ativos, ou seja quando decorriam os campeonatos (outubro-maio).

As formações militares portuenses são descritas na seguinte notícia: “batalhão de telegraphistas de campanha; cavallaria 2; grupo de artilharia a cavallo; sapadores do caminho de ferro; Grupo de esquadrilhas de aviação «República» e Escola Prática de Torpedos”¹¹⁵. Segundo estes dados, quase que podemos concluir que todos os ramos da vida militar tinham uma equipa de futebol.

Os militares partilharam da paixão não somente nos jogos gregários mas também pelos internacionais, por isso em algumas ocasiões a Seleção de Madrid visitou a congénere portuense sempre num ambiente repleto de emotividade e simbologia. João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro evidenciam a frequência desses desafios: “Os jogos entre selecções militares das cidades ou de países seriam uma prática comum ao longo da década de 1920 e 1930”¹¹⁶. No âmbito regional, as seleções militares do Porto e Lisboa disputaram encontros entre si numa extensão da rivalidade já existente na vida civil.

3.4. Futebol: setor bancário e comércio

Uma das áreas permeáveis à influência do futebol foi o setor bancário. A ligação cada vez mais intrínseca entre o desporto e o capital manifestou-se através de uma realidade evidente na República: os clubes dotados de maiores orçamentos conseguiam atrair melhores atletas. Assim, o fascínio do futebol também penetrou no setor bancário.

¹¹⁴ *O Comércio do Porto*, nº 181, 30 de julho de 1916.

¹¹⁵ *O Comércio do Porto*, nº 174, 25 de julho de 1922.

¹¹⁶ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *República, Desporto e Imprensa*, p. 194.

No Porto surgiram equipas constituídas por empregados bancários, tais como o Team Crédit Franco-Portugais e o Borges & Irmão. Uma notícia de *O Comércio do Porto* conta a história da fundação do primeiro clube:

Os empregados da casa bancária Credit Franco-Portugais acabam de organizar um team de foot-ball [...]. Seguindo a iniciativa dos colegas de Lisboa, os empregados do Credit Franco-Portugais, animados com o mesmo entusiasmo pelo sport esperam esta sua iniciativa seja secundada pelos seus colegas das outras casas bancárias d' esta cidade.¹¹⁷

Por conseguinte, os funcionários da instituição bancária Borges & Irmão também seguiram o exemplo citado anteriormente e fundaram uma nova equipa de futebol:

Secundando a iniciativa das casas congéneres, os empregados da importante casa bancária Borges & Irmão acabam de constituir um team de foot-ball, com os seguintes snr.: Keeper, A. Martinez; bracks, J. Nunes e F. Barbosa; forwards, A. Martinez, J. Lello, C. Teixeira, A. Mattos e M. Borges; halves, A. Lello (cap.) J. Lello e M. Freire; suplentes, M. Lello, A. Bastos e M. Barbosa.¹¹⁸

Outra instituição bancária que criou um clube de futebol foi o Grupo Pinto & Sotto Mayor, que foi denominado de Ottos Sport. Uma notícia refere um desafio entre este grupo desportivo e um outro do Banco Nacional Ultramarino: “Realisa-se amanhã, no campo do Boavista Futebol Clube, um match de foot-ball entre o 1º team do Ottos Sport (grupo da casa Pinto & Sotto Mayor) e o do Banco Nacional Ultramarino. Dado o valor dos dois grupos é de esperar uma numerosa assistência”¹¹⁹. Numa conclusão breve, encontrámos a existência de pelo menos quatro clubes constituídos por empregados bancários no Porto durante este período, ou seja mais um sintoma de alargamento do futebol aos diversos grupos sociais.

Paralelamente, este desporto também nasceu no seio de algumas fábricas e instituições comerciais porque os seus trabalhadores e patrões tiveram um papel ativo na formação de novos clubes. Dois dos exemplos mais célebres de coletividades desportivas com essas origens, no Porto, são o Boavista Futebol Clube e o Sport Comércio e Salgueiros. No primeiro caso, os trabalhadores da fábrica Graham

¹¹⁷ *O Comércio do Porto*, nº 87, 15 de abril de 1913.

¹¹⁸ *O Comércio do Porto*, nº 97, 23 de abril de 1913.

¹¹⁹ *O Comércio do Porto*, nº 101, 27 abril de 1923.

praticavam futebol nos campos periféricos ao local de trabalho e uniram-se com os ingleses para criarem o The Boavista Footballers. Após alguns anos, um desacordo relativo ao dia escolhido para os jogos do clube provocou a saída dos ingleses e a fundação do Boavista Futebol Clube. Esta ligação entre o mundo fabril e o futebol tem raízes profundas, uma vez que essa modalidade evoluiu nas cidades industriais (por exemplo, na cidade de Birmingham, em Inglaterra). No caso do Sport Comércio e Salgueiros, a ligação é ainda mais profunda porque os trabalhadores da fábrica na zona de Paranhos criaram um clube que passados alguns anos uniu-se ao Sport Club Comércio com o intuito de solucionar os problemas financeiros, bem como a necessidade de os homens de Paranhos possuírem um campo para os encontros. Outro dos exemplos foi um clube fundado por jovens operários denominado Sport Grupo Mocidade Operária que, como o nome indica tinham uma conexão intrínseca com as raízes do mundo industrial.

Por último, o futebol fez parte da vida comercial no Porto, daí que alguns clubes portadores dessa matriz surgissem no período republicano. Uma das equipas mais conhecidas era o Futebol União dos Empregados do Comércio. Esta coletividade com génese no mundo comercial é mais uma prova de que na vida ativa da Invicta começava a despertar um fenómeno de massas.

3.5. A mulher no futebol portuense

A mulher que viveu no início do século XX tinha um novo desígnio, segundo as ideias expressas na obra *As Mulheres na 1ª República*: “verificou-se uma progressiva visibilidade das mulheres nas lutas pela conquista de direitos sociais, legais e políticos, visando igualá-las nos dois sexos”¹²⁰.

No período republicano, a mulher auferiu algumas conquistas individuais, tais como o direito ao divórcio e o casamento civil, embora continuasse ostracizada do direito de voto. Por continuidade, a mulher começou a presenciar os acontecimentos desportivos como revela a imprensa da época aquando da referência, muitas vezes, à assistência feminina nos jogos de futebol.

¹²⁰ CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João; MONTEIRO, Natividade (coord.) — *Mulheres na 1ª República: percurso, conquistas e derrotas*. Lisboa: Edições Colibri, 2011, p. 13.

No contexto internacional circularam duas correntes distintas: uma francesa, de ideologia liberal e que integrava algumas mulheres; outra britânica, conservadora e protagonizada por intelectuais masculinos. Na primeira visão, as desportistas desejavam a progressão da consciência social no sentido de conferir maior independência e liberdade às mulheres, segundo Jeanne Brulé:

São muito amáveis. Agradeço infinitamente por se preocuparem com aquilo que nos pode ser útil ou não, mas, duvido da vossa competência na matéria e peço-vos a finese de reservarem os conselhos da vossa experiência para os seus camaradas – homens. A vossa autoridade não está, de forma alguma, comprovada sob o ponto de vista feminino. Consideramos ainda únicos juízes e responsáveis dos nossos erros.¹²¹

Contudo, alguns homens também exaltavam os benefícios da prática de futebol pelas jovens, especialmente, aquelas oriundas dos grupos mais desfavorecidos:

Coisa curiosa; a mulher não perdeu nenhuma das suas características, mantém o seu tipo. Goza de mais saúde e no seu rosto deixa transparecer, na viveza do olhar, nas belas cores rosadas que ostenta, no seu pronto sorriso, a felicidade que lhe advém do seu bem estar individual.¹²²

Por oposição, a corrente britânica mais conservadora difundiu uma opinião divergente baseada nos efeitos prejudiciais do desporto perante a fisionomia feminina, assim como para a perversão moral do público: “A exposição da mulher ante uma multidão [...] praticando um exercício que obriga a atitudes e posições maios ou menos grotescas, encerra qualquer cousa que desmoraliza e perverte”¹²³.

No caso do Porto, a revista *Sporting* procurou veicular uma nova abordagem ao papel social da mulher, assim como outro periódico, neste caso *O Comércio do Porto*, incitou o público a adquirir um comportamento civilizado aquando da receção às desportistas francesas. Em 1923, um conjunto de desportistas femininas dirigiram-se ao Porto com o intuito de demonstrarem as capacidades atléticas, assim como a emancipação da mulher. A imprensa da época adotou uma atitude de suporte, ou seja, favorável a este acontecimento: “No Domingo, um encontro de foot-ball, entre o

¹²¹ DOMINGOS, Nuno; NINA, Clara Tiesler (coord.) — *Futebol Português. Política, Género & Movimento*. Porto: Edições Afrontamento, 2002, p. 184.

¹²² Idem, *ibidem*, p. 184.

¹²³ Idem, *ibidem*, p. 187.

Femina Sport e um grupo mixto, fornecer-nos-há 90 minutos agradabilissimos [...] pelo jogo correcto e combinado que deve desenvolver-se”¹²⁴.

Imagem 1 - As futebolistas francesas no Porto



Fonte: *O Comércio do Porto*, n.º 236, 9 de outubro de 1923.

Esta visita das equipas feministas francesas a Lisboa e Porto foi extremamente destacada pelos jornais, uma vez que este episódio constituiu uma novidade em Portugal onde as mulheres somente assistiam aos encontros de futebol. Todavia, a presença assídua feminina no público que acompanhava os jogos já constituía uma atitude de relativa emancipação no espaço público porque disputavam-no ou partilhavam-no com os homens. Para terminar esta temática, embora a mulher não praticasse futebol durante a Primeira República, também completou o retrato deste desporto, pois a sua presença entre o público era mais do que uma paixão pelo jogo, sobretudo era um indício de emancipação.

3.6. Imprensa: o poder da palavra

Na República Portuguesa, a imprensa foi o grande meio de comunicação de massas porque a rádio e a televisão (mais tarde) ainda não estavam perfilhavam no quotidiano das populações. A aliança dos republicanos com a imprensa remonta aos

¹²⁴ *O Comércio do Porto*, n.º 233, 4 de outubro de 1923.

finais da monarquia quando alguns periódicos, com destaque para *O Século*, foram portadores das opiniões favoráveis ao desporto. Como reitera Francisco Pinheiro: “A associação entre desporto e República, que marca muitos dos discursos dos cronistas à época, acentua de forma indelével uma nova forma de ver Portugal”¹²⁵.

Neste âmbito, a temática da educação física como método de regenerar a raça alastrou-se pela opinião pública através do papel ativo de escritores, políticos, colunistas e médicos. A fundação de periódicos em grande número e a sua expansão geográfica pelo país ajudou na promoção e difusão destas ideias que adquiriram quase uma proporção “messiânica”: “A verdadeira cruzada dos pioneiros do jornalismo desportivo – em prol da popularização do desporto”¹²⁶. É no período republicano que o jornalismo desportivo passa de uma posição de relator dos acontecimentos para um papel ativo de defesa de uma «moral desportiva»¹²⁷. Para isso, procurou-se combater o pagamento a jornalistas, uma vez que beneficiavam determinado clube, e procurou-se terminar com as quezílias existentes entre alguns colegas de profissão. Em suma, a imprensa desportiva teve o intuito de regenerar-se conforme os novos tempos assim o exigiam.

No Porto, houve a tentativa de criar uma imprensa desportiva coesa e forte mas a maioria não logrou sucesso como são os exemplos do *Sport* (1915) e do *Porto Sportivo* (1918). Todavia, essa lacuna possibilitou o aparecimento e crescimento das secções desportivas nos jornais generalistas, designadamente *O Primeiro de Janeiro*, *O Comércio do Porto* e o *Jornal de Notícias*. As poucas notícias sobre futebol em 1910 contrastam fortemente com o espaço noticioso de relevo nos finais da República, facto que comprova a evolução da modalidade, em simbiose com as secções desportivas.

No entanto, este panorama foi alterado pelo aparecimento de um periódico desportivo de relevo e inspirado nos modelos franceses, além de sustentado pelos dois maiores clubes da Invicta:

Na génese da formação da revista *Sporting* estiveram também os dois principais clubes da cidade (Futebol Clube do Porto e Boavista Futebol Clube) que uniram esforços para resolver a grave «lacuna» [...]. Apresentando a divisa “Pela Raça”, a nova publicação tinha uma forte vertente doutrinária, defendendo a regeneração da raça lusitana.¹²⁸

¹²⁵ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *República, Desporto e Imprensa*, p. 11.

¹²⁶ Idem, *ibidem*, p. 11.

¹²⁷ PINHEIRO, Francisco — *História da Imprensa Desportiva em Portugal*, p. 172.

¹²⁸ PINHEIRO, Francisco — *História da Imprensa Desportiva em Portugal*, p. 130.

O elevado volume noticioso aproximou a modalidade das pessoas sendo que qualquer indivíduo podia acompanhar com regularidade os desempenhos do seu clube, as festas desportivas, as reuniões nas assembleias e mesmo as convocatórias para os encontros. O crescimento dos detalhes acerca do jogo, a nomeação dos melhores jogadores, a referência ao público, às atuações do árbitro e às condições climatéricas permitiram ao leitor possuir uma visão complexa do jogo. Assim, importa destacar o aparecimento da estatística dos jogos, nos últimos anos da República, como uma inovação da imprensa que indica dois aspetos: a evolução da cobertura jornalística à modalidade com maior atenção ao detalhe e a colocação de mais pessoas na periferia dos campos, de modo a obter mais informações; as exigências dos leitores quanto à qualidade na análise dos jogos. A colocação do futebol nas primeiras páginas dos jornais, a introdução das classificações do campeonato regional que permitiam acompanhar o desempenho dos clubes durante a época, o incremento do espaço destinado à secção desportiva e as notícias sobre o futebol internacional são indícios da popularidade na cidade.

Nesta lógica, a imprensa desportiva portuense abordou muitas temáticas, desde os locais de jogo, convocatórias, fundação de clubes, polémicas futebolísticas, homenagens aos jogadores falecidos na Grande Guerra e descrição de questões divergentes entre as autoridades civis e os desportistas. Essencialmente, nas polémicas, os periódicos não hesitavam em tomar partido pelo clube da cidade ou país, bem como em confrontar os adversários. A “velha rivalidade” entre Porto e Lisboa prolongou-se nos jornais como atesta o exemplo de um periódico: “A Direcção da U. P. F. resolveu homologar o último encontro effectuado no Porto e conferir a este club o título de campeão de Portugal. Ainda bem”¹²⁹. Outra notícia cita a opinião de um jornalista que transcreve as palavras de um homólogo lisboeta sobre as equipas do Porto:

É pena que no norte não haja grupos capazes de se defrontarem, em forças equivalentes, com os bons grupos de Lisboa [...]. Falta-lhes treino, coesão e uma série regular de desafios que lhes crie, mantenha e melhore a «forma». O nosso maior desejo é que os jogadores portuenses tratem de remediar as deficiências que lhes indica a crítica do «Diário de Notícias».¹³⁰

A divergência da imprensa sediada na capital relativamente ao futebol portuense prosseguiu com alguma regularidade e intensidade, nos finais da República, foi a

¹²⁹ *O Comércio do Porto*, nº 125, 28 de maio de 1922.

¹³⁰ *O Comércio do Porto*, nº 44, 22 de fevereiro de 1917.

melhoria da qualidade dos jogadores oriundos do Porto que provocou um discurso mais agressivo por parte de Lisboa: “A «équipe» representativa de Lisboa, em «foot-ball association» vingou, e aparentemente bem, o desaire sofrido na epocha passada no Porto, contra o grupo da capital do Norte”¹³¹. A utilização do conceito de «vingança» espelha bem a rivalidade entre os jornalistas de ambas as cidades.

O papel da imprensa portuense não se restringiu ao comentário desportivo mas também se distinguiu como organizadora de um torneio na cidade denominado como Taça de Imprensa Desportiva. Aliás, a crescente importância do jornalista nos jogos ficou evidente no campo do Bessa, em 1922, como demonstra o excerto: “Naquelas bancadas havia uma fila de camarotes e lugares especiais de balcão reservados aos sócios que contribuíram para a sua construção. Havia também um espaço reservado à imprensa”¹³². O cuidado em colocar a imprensa nos lugares com boa visibilidade do campo e com algum destaque corrobora o crescimento da importância atribuído aos jornalistas. Por outro lado, os jornais também serviram para publicitar artigos de futebol: “Foot-Ball: Bolas e botas, o melhor até hoje fabricado. Artigos de Sport. À venda na rua de Santo Ildefonso, 393. Telephone 2533”¹³³. O surgimento de uma indústria de publicidade e de artigos específicos destinados a este desporto é uma evidência da elevada popularidade do jogo, assim como da imprensa constituir um veículo por excelência de divulgação da modernidade nesta fase.

Para concluir, o poder da palavra suportou o desenvolvimento do futebol no Porto devido à expansão das suas notícias no quotidiano dos habitantes.

3.7. A componente social do futebol: A motivação económica

A componente económica está presente na maioria dos momentos da vida humana, por isso o futebol não seria exceção. Certamente, um dos principais aliciantes para um homem praticar esta modalidade foi o proveito económico resultante dessa prática. Para as pessoas que possuíam escassos rendimentos, o futebol representou uma oportunidade para adquirir meios adicionais de subsistência individual e familiar como referem Pedro Serra e Ricardo Serrado: “[O futebol] torna-se, inclusive, um meio de ascendência social, de uma forma de ganhar o pão, algo que permite ascender a

¹³¹ *O Comércio do Porto*, nº 12, 15 de Janeiro de 1925.

¹³² BARROS, Amândio — *Boavista Futebol Clube. A primeira história*, p. 20.

¹³³ *O Comércio do Porto*, nº 296, 19 de dezembro de 1925.

condições materiais e sociais que o simples trabalho, na grande parte das vezes, não garantiria”¹³⁴.

Contudo, uma questão pertinente se coloca porque o profissionalismo não existia, em Portugal, durante a República (de salientar a existência do mesmo em Inglaterra no período homólogo): Como os jogadores eram aliciados para comutar de clube?

Em primeiro lugar, na sociedade portuguesa, as pessoas ligadas ao desporto debateram as vantagens ou desvantagens do profissionalismo. Como referem Serra e Serrado:

Este tema será mesmo alvo de um aceso debate, entre os puritanos que defendiam a prática do desporto pelo desporto, os que defendiam que o desporto deveria apenas ser executado de uma forma estritamente amadora, sem que pudesse ter algum ganho (material, monetário, ou de serviços) com a modalidade, contra aqueles que defendiam que o futebol podia e devia ser considerado, tal como outras coisas, uma profissão ou, pelo menos, que se não adoptasse um exclusivo impeditivo da sua evolução.¹³⁵

No entanto, a falta de regulamentação face à situação descrita anteriormente abriu um vazio legal onde conviveram esquemas de favores monetários ou de serviços. Apesar das críticas lançadas pela imprensa da época, houve uma relação mais ou menos escondida entre o dinheiro e os futebolistas. Vejamos um exemplo no Porto. Miguel Siska, húngaro, integrou o Futebol Clube do Porto onde obteve sucesso, especialmente através na conquista do campeonato de Portugal em 1925, mas a sua permanência na Invicta ficou conectada a uma situação financeira dúbia. Siska era mecânico na sua terra natal e, quando emigrou para o Porto, encontrou trabalho idêntico numa empresa. Porém, alguns sócios portistas acusaram-no de receber a quantia de mil escudos mensais e, logo, auferir contribuições pela prática futebolística, segundo referem João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro: “A verdade é que a dita Assembleia Geral do clube rejeitou os argumentos dos opositores ao recrutamento de Siska [...]. O que não impediu que por muito tempo se discutisse o seu mal encapotado (semi) profissionalismo”¹³⁶. Outro caso levantou suspeitas de o atleta receber pagamentos escondidos do público. Joaquim Reis, jogador do Futebol Clube do Porto, era apontado

¹³⁴ SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) — *História do Futebol Português*, p. 127.

¹³⁵ SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) — *História do Futebol Português*, p. 127.

¹³⁶ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*, p. 219.

na época como uma pessoa pobre e jogador talentoso. Por isso, o clube pagou-lhe as despesas inerentes à deslocação deste a Viana do Castelo a fim de jogar pela equipa (normalmente, os jogadores pagavam as deslocações). Os autores que temos vindo a seguir descrevem o profissionalismo escondido que acontecia em alguns casos:

Praticava-se nessa altura uma espécie de «profissionalismo encapotado» [...], uma vez que os jogadores, todos com estatuto de amadores, eram apoiados com as famosas «subscrições» — «duas notas deixadas no aperto de mão à saída do balneário, refeições pagas na pensão ou na casa de pasto».¹³⁷

Estes benefícios económicos beneficiavam as equipas com mais recursos financeiros. Por isso, o desequilíbrio nos campeonatos aumentou porque alguns clubes conseguiam atrair os melhores jogadores da região e mesmo do estrangeiro. No entanto, as vantagens dos futebolistas não se limitavam às receitas indiretas mas também aos serviços fornecidos ou facilitados após a integração em determinado clube. A notoriedade que provém de representar uma formação relevante na região contribuía para a ascensão social do indivíduo, sendo esta a razão pela qual alguns homens aderiam e jogavam com determinados símbolos. Por exemplo, Manuel Valença, guarda-redes do Futebol Clube do Porto, após algumas temporadas no clube chegou a Comissário da Polícia do Porto. Como referem os autores que vimos a seguir:

Os portistas para fazerem frente a esse domínio e tornarem a sua equipa mais competitiva, contratavam vários jogadores de Lisboa que iam morar para a Cidade Invicta. O FC Porto arranjava-lhes empregos nesta e eles ficavam por lá a morar vários anos.¹³⁸

Porém, a motivação económica não é a única que atrai homens e mulheres para este jogo, pois outros fatores são responsáveis pela sua adesão a este desporto.

3.8. Tempo de ídolos

A crescente popularidade do futebol despoletou um fenómeno conectado ao desporto de massas, ou seja, o surgimento dos primeiros ídolos. Segundo Hobsbawm, o desporto foi responsável pela invenção de algumas tradições: “Tanto o desporto de

¹³⁷ Idem, *ibidem*, p. 164.

¹³⁸ SERRA; Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) — *História do Futebol Português*, p. 174.

massas como o da classe média uniam a invenção de tradições sociais e políticas de uma outra forma: constituindo um meio de identificação nacional e comunidade artificial”.¹³⁹

Esta comunidade fictícia dotou-se de símbolos, rituais e cores que ajudaram no despoletar do efeito mimético entre espectador, clube e jogador. A assistência comungava dos sucessos e fracassos do clube, uma vez que a sensação de pertença a uma realidade mais vasta e complexa inebriava-os numa espécie de ligação emocional. O futebol português foi um dos veículos de expressão do nacionalismo nos anos 20, uma vez que a estreia da seleção nacional em jogos internacionais contra a congénere espanhola fez o público viver num ambiente marcado pelo patriotismo. As reações após o primeiro jogo da seleção portuguesa demonstraram que não era apenas um jogo de futebol mas a reputação de uma nação que estava em causa naqueles encontros. Os jogos da seleção foram seguidos com atenção e entusiasmo e os seus jogadores adorados como verdadeiros ídolos de massas. As exibições no campo de futebol, os golos, fracassos e a determinação fizeram muitos homens entrarem para a história deste desporto e permanecerem ainda hoje no imaginário popular. Alguns nomes são Jorge Vieira, Artur José Pereira, Artur Augusto, Tavares Bastos, Raúl Figueiredo, Pepe, Valdemar Mota, António Roquette e Cândido de Oliveira. A fama dos atletas ultrapassou mesmo as regiões onde praticavam futebol como comprova a receção a Jorge Vieira, um dos melhores jogadores da seleção nacional, que foi reconhecido pelos adeptos em Faro. A contribuição dos jornais para este fenómeno de popularidade é decisiva, uma vez que o recurso a fotografias ou imagens (melhoria da parte gráfica) permitiram a difusão do rosto dos principais jogadores portugueses. A descrição detalhada das exibições dos atletas e o destaque aos homens com influência direta no resultado também elucidou os leitores das qualidades intrínsecas a cada jogador como demonstra, por exemplo esta notícia: “Do guarda-redes, nada temos a dizer além das referências feitas. Siska é um excelente jogador, com collocação, mobilidade e extraordinária segurança”¹⁴⁰.

Por outro lado, a prática do futebol pelo território nacional com destaque para as regiões do interior facilitaram a evolução do processo de democratização: “Na

¹³⁹ HOBBSAWM, Eric; RANGEL, Terence — *The Invention of Tradition*. Cambridge: University Press, 1993, p. 309.

¹⁴⁰ *O Comércio do Porto*, n.º 308, 29 de dezembro de 1925.

província, mesmo nos recantos mais ignorados, já o foot-ball conseguiu infiltrar-se e é entusiasticamente praticado, com maior ou menor regularidade”¹⁴¹.

O acompanhamento dos adeptos a cidades distantes com o patrocínio da Associação de Futebol do Porto prova o interesse crescente do público acerca do futebol, uma vez que as viagens tendo em vista apoiar um clube revestiam-se de muitas dificuldades, nomeadamente o preço. Na verdade, concluímos que uma das causas deste fascínio pelo futebol resultou da identificação quer dos jogadores quer dos clubes com os valores de determinada zona e mesmo da cidade. O expoente máximo da democratização residiu no facto de cada equipa entrar em campo não apenas com onze jogadores mas, ao invés, apoiada por toda uma comunidade de adeptos, jornalistas e mecenas cuja identidade se exprimia através do futebol.

¹⁴¹ *O Comércio do Porto*, nº 1, 1 de janeiro de 1925.

4. Associativismo e organização do futebol no Porto

4.1. O percurso do associativismo internacional

As relações de hierarquia e respeito pelas normas são inerentes a qualquer grupo humano, pois a regulamentação possibilita a convivência sem recurso ao confronto físico. Assim, como qualquer área humana também o futebol sofreu um processo de codificação progressiva.

A primeira tentativa de regulamentar o futebol ocorreu no Reino Unido através de uma reunião de estudantes que criaram as “Regras de Cambridge”¹⁴². Estas leis tiveram o objetivo de normalizar o jogo, bem como dotá-lo de uma melhor estrutura e dinâmica. Posteriormente, as “Regras de Sheffield” introduziram as dimensões dos campos para a prática da modalidade e a utilização de equipamentos de cores distintas. Todavia, a fundação do chamado “Football Association” ocorreu em 1863, quando os representantes de muitas equipas acordaram o nascimento de uma associação para regulamentar e organizar a modalidade:

Na famosa reunião da Freemasons Tavern, realizada a 26 de Outubro de 1863, em Londres, unificaram-se os vários regulamentos e fundou-se a Football Association. Presentes estiveram «capitães» e representantes de diversos clubes de Londres e arredores, incluindo os No Name of Kilburn, Barnes, War Office, Cruzaders, Forest (de Leytonstone), Parceval House (de Blackheath), Crystal Palace, Blackheath Club, Kennington School, Surbiton, Blackheath School e, ainda, com estatuto de observadores, a Charterhouse School.¹⁴³

Outro aspeto essencial para compreender a evolução das regras e do associativismo foi a fundação do International Board. Este organismo recebeu funções importantes como o controlo das alterações efetuadas aos regulamentos do futebol, bem como a supervisão internacional na criação de regras que perdura até à atualidade.

O pioneirismo britânico não se deveu apenas à regulamentação mas também se evidenciou na organização do futebol através da criação das primeiras competições regulares, a Football Association Cup, em 1871, e a Football League, no ano de 1888. A hegemonia britânica no futebol inseriu-se num contexto mais vasto, uma vez que o

¹⁴² As Regras de Cambridge implementaram a possibilidade de um jogador apanhar a bola, embora tivesse que pontapear de seguida, a lei do fora-de-jogo, as infrações físicas, a instauração da barra horizontal da baliza e o pontapé livre.

¹⁴³ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*, p. 22.

Reino Unido era a grande potência mundial, ao nível militar (nomeadamente naval) e económico, no último quartel do século XIX. A extensão dos anglo-saxónicos pelo globo permitiu uma rápida difusão do futebol, pois os seus costumes passaram de uma esfera regional para uma ao nível mundial. Deste modo, os clubes conectados à presença britânica, especialmente aqueles localizados em cidades costeiras, começaram a surgir nas últimas décadas do século XIX, de destacar alguns exemplos: Recreativo de Huelva (1889), Futebol Clube de Barcelona (1899), Athletic Club de Bilbao (1898), Associazione Calcio Milan (1899), Hamburger Sport-Verein (1887). Na América Latina há exemplos do início do século XX com clara influência britânica, essencialmente na toponímia: Club Atlético River Plate (1901) e Sport Club Corinthians Paulista (1910).

No entanto, o maior projeto de integração global do futebol surgiu no outro lado do canal da Mancha, em França, através da fundação da Fédération Internationale de Football Association (FIFA), em 1904. A participação de diversos países como a Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Suécia e Suíça neste projeto internacional representou uma rara cooperação entre as nações numa Europa assolada pelas febres do nacionalismo e ameaça de guerra. A vertente agregadora da FIFA incrementou-se com a adesão crescente das federações de futebol por todo o mundo: Brasil (1923), Argentina (1912) e México (1929), na América; Nova Zelândia (1948) e Austrália (1963), na Oceânia¹⁴⁴; Argélia (1963), África do Sul (1992) e Costa do Marfim (1964), em África¹⁴⁵; China (1931) e Irão (1945), na Ásia.

A expressão cada vez mais global da FIFA ao longo da história contribuiu para o crescimento da instituição, uma vez que esta associação internacional possui um número de membros filiados semelhante às Nações Unidas. Uma das iniciativas que logrou maior sucesso foi a criação do Campeonato do Mundo de Futebol, em 1930. De salientar o facto que na fundação da FIFA houve a preocupação de incutir uma cláusula que concedia a esta instituição o direito de organizar as provas internacionais ao nível de seleções. O primeiro Campeonato do Mundo realizou-se no Uruguai devido a um conjunto de fatores que garantiram vantagem aquela nação sul-americana: o Uruguai venceu os Jogos Olímpicos na categoria de futebol em 1924 e 1928, as propostas de construção de um estádio e do pagamento de todas as despesas da competição e, por

¹⁴⁴ Disponível em: <http://www.oceaniafootball.com/ofc/MemberAssociations/tabid/1016/language/en-US/Default.aspx>. [Consultado a 28 de maio de 2015 às 9h 50].

último, a celebração do centenário da independência nacional. No entanto, a primeira edição da competição não ficou isenta de algumas falhas:

A presença europeia, por exemplo, foi extremamente diminuta, apenas quatro formações, o que se ficou a dever ao tempo que os jogadores teriam que dedicar à competição, incluindo as viagens de barco: pelo menos dois meses. Isto fez com que algumas das mais fortes seleções europeias da altura, Alemanha, Espanha e Itália, declinassem o convite [...] Feitas as contas, apenas 13 equipas participaram no torneio uruguaio, representando unicamente a América e a Europa.¹⁴⁶

Porém, o Campeonato do Mundo teve um desenvolvimento quase ininterrupto, à exceção do período da Segunda Guerra Mundial, e incluiu progressivamente um maior número de seleções na fase final até chegar às atuais trinta e duas. As grandes evoluções do futebol mundial ocorreram nesta competição através da apresentação de estilos futebolísticos tão distintos como cativantes, desde o jogo rápido dos húngaros, à magia brasileira, ao futebol total holandês ao jogo espanhol baseado na posse de bola. Contudo, a lista dos vencedores da competição evidencia a supremacia do futebol europeu e americano, uma vez que nenhuma seleção oriunda de outro continente ganhou esta prova.

O sucesso da FIFA conduziu à expansão do modelo associativo, designadamente à escala regional, com a fundação das associações de futebol de cada região. Deste modo, criaram-se a União das Federações Europeias de Futebol (UEFA), a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), Confederação Norte-Americana de Futebol (CONCACAF), a Confederação Africana de Futebol (CAF), Confederação Asiática de Futebol (AFC) e a Confederação de Futebol da Oceânia (OFC).

Agora, focámos o nosso estudo no caso europeu, pois esta realidade é mais próxima do espaço de estudo. A UEFA criou a sua própria competição regional de seleções denominada Campeonato Europeu de Futebol. Aliás, este modelo foi aplicado aos clubes através da fundação de outra competição, a célebre Taça dos Campeões Europeus (sucedeu-lhe a Liga dos Campeões Europeus), em 1956. Neste âmbito, a seleção portuguesa de futebol e os clubes nacionais jogaram até ao presente os seus destinos nos palcos da Europa.

¹⁴⁶ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*, p. 32.

4.2. As associações regionais e a União Portuguesa de Futebol

A União Portuguesa de Futebol (UPF) foi criada em 1914 com o intuito de organizar o futebol nacional. Para essa finalidade, os objetivos imediatos da UPF foram a filiação de Portugal na FIFA, facto apenas consumado em 1924; autorizar e controlar os encontros internacionais realizados em território nacional; criar e regular o campeonato de Portugal, bem como constituir uma Seleção Nacional.

Numa fase inicial, a atuação da UPF deparou-se com muitos obstáculos, desde logo, a eclosão da Primeira Guerra Mundial e todas as dificuldades daí resultantes como a objeção à realização de jogos internacionais, à exceção da Espanha; as carências alimentares e a desorganização causada pela partida de jogadores para a frente de batalha. A organização desta instituição baseava-se na filiação das associações regionais, em vez de serem os clubes a efetuar tal ação, facto que valorizava a regionalização do futebol.

Uma das peculiaridades da UPF face à conjuntura futebolística e federativa da época foi a criação de uma seleção nacional antes da existência de um campeonato homólogo. João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro salientam este facto: “Antes ainda de avançar com o Campeonato de Portugal, a UPF deu início à actividade da «sua» selecção nacional em 1921, facto pouco usual no futebol europeu e mundial”¹⁴⁷. A prestação da Seleção Portuguesa durante o período republicano manifestou-se por um saldo maioritariamente negativo, pois a equipa nacional perdeu todos os jogos com exceção do empate contra a França e da vitória sobre a Itália, em 1925. A falta de uma competição nacional a um nível semelhante ao dos outros países europeus pode explicar o motivo das derrotas, uma vez que os jogadores não possuíam o mesmo ritmo competitivo ou experiência das congéneres internacionais.

Assim, a realização do campeonato de Portugal, na época de 1921-1922, dotou o país de uma competição importante para aprimorar as qualidades quer dos jogadores quer dos respetivos clubes devido ao incremento da competitividade, bem como à maior extensão das épocas. Na primeira edição somente os campeões de duas associações, Lisboa e Porto, disputaram a final, inicialmente a duas mãos mas com uma terceira (finalíssima), uma vez que ambas as equipas, Futebol Clube do Porto e Sporting Clube de Portugal, venceram os desafios nos seus respetivos campos. No final, o título foi para o clube portuense, com o Futebol Clube do Porto a sagrar-se o primeiro vencedor do

¹⁴⁷ Idem, *ibidem*, p. 155.

campeonato de Portugal. Nas edições seguintes, houve a integração de mais associações regionais na disputa do campeonato, facto que logicamente aumentou as eliminatórias, nomeadamente entre equipas oriundas das associações de Braga, Coimbra, Algarve e Funchal.

Quadro 2 - O Campeonato de Portugal durante a República Portuguesa (1910-1926)

Edições	Equipa Vencedora	Equipa Vencida	Local
1921-1922	Futebol Clube do Porto	Sporting Clube de Portugal	Porto/Lisboa/Porto
1922-1923	Sporting Clube de Portugal	Académica de Coimbra	Faro
1923-1924	Sporting Clube Olhanense	Futebol Clube do Porto	Lisboa
1924-1925	Futebol Clube do Porto	Sporting Clube de Portugal	Viana do Castelo
1925-1926	Clube Sport Marítimo	Clube Futebol Os Belenenses	Porto

Fonte: COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*, p. 206.

Curiosamente, no campeonato de Portugal não se verificou uma supremacia clara dos clubes oriundos de Lisboa e Porto. A vitória do Sporting Clube Olhanense e do Clube Sport Marítimo comprovou que o futebol praticado em Portugal não se limitava somente aos dois grandes polos urbanos e que as equipas das periferias também possuíam jogadores e processos táticos de qualidade. No que se refere à arbitragem, o juiz destes desafios era muitas vezes estrangeiro, de modo a garantir maior imparcialidade como revela uma notícia: “disputa do Campeonato de Portugal de football, o qual se effectuará entre o Porto e o Sporting [...]. O árbitro escolhido é, segundo nos informam, de nacionalidade hespanhola”¹⁴⁸. Para concluir, os festejos significativos que decorreram após a conquista do campeonato demonstram a importância que esta prova adquiriu na realidade do futebol português. Por exemplo, no Porto, a vitória na

¹⁴⁸ *O Comércio do Porto*, nº 210, 29 de maio de 1922.

prova de 1922 foi celebrada com a organização de uma festa com o objetivo de saudar os atletas campeões. Ainda na Invicta, o Futebol Clube do Porto foi a única equipa que participou no campeonato nacional porque a presença nesta prova dependia do sucesso no campeonato regional, por isso as vitórias consecutivas no final do período republicano deste clube garantiram-lhe essa qualificação.

De seguida, é importante destacar a criação das associações regionais e o papel desempenhado por estas no desenvolvimento do futebol português. A Associação de Futebol de Lisboa fundada, em 1910, pelo Sport Clube Campo de Ourique, Sport Clube Império e Sport Lisboa e Benfica teve um trabalho pioneiro na organização da modalidade. Posteriormente, o exemplo lisboeta proliferou em outras zonas do país, por vezes em locais inesperados como o caso de Portalegre. Neste período, o nível arcaico do futebol e o amadorismo dos atletas fez o percurso deste desporto imprevisto. O início da história do associativismo em Portalegre dependeu de um fator, aparentemente, exógeno ao mundo do futebol, ou seja um dos jogadores do Sport Lisboa e Benfica deslocou-se, de modo permanente, para aquele local devido a uma oferta de emprego. Por outro lado, a presença significativa de industriais ingleses na região também contribuiu para a fundação da Associação de Futebol de Portalegre, em 1911. Após esta iniciativa, esta instituição criou, segundo Pedro Serra e Ricardo Serrado, um campeonato regional e algumas competições alternativas classificadas como taças.

No caso do Porto, a ideia para a criação de uma associação de futebol surgiu no pensamento dos desportistas portuenses ainda que o papel de Raúl Nunes, presidente da Associação de Futebol de Lisboa, no estabelecimento de conversações com atletas da Invicta ajudasse nesse desígnio. Assim, apesar da ideia já circular desde 1912, a fundação da Associação de Futebol do Porto ocorreu oficialmente no ano seguinte através da iniciativa de três clubes: Boavista Futebol Clube, Futebol Clube do Porto e Leixões Sport Clube¹⁴⁹ (Anexo 10). Esta instituição revelou-se fundamental para o desenvolvimento do futebol portuense porque dotou-o de competições regulares e mais competitivas como o campeonato regional e a taça de Honra (depois taça Bronze Associação), implementou regulamentos fundamentais para estruturar a modalidade, promoveu o crescimento das receitas dos clubes e melhorou a divulgação do calendário dos jogos com o apoio da imprensa.

¹⁴⁹ SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) —*História do Futebol Português*, p. 106.

4.3. Associação de Futebol do Porto na República

4.3.1. Da Taça José Monteiro da Costa ao Campeonato Regional

A Primeira República Portuguesa foi um tempo de progresso para o futebol na cidade do Porto. Logo em 1911, o Futebol Clube do Porto criou a Taça José Monteiro da Costa, em homenagem ao fundador do clube, sendo que esta competição foi pioneira em apresentar jogos regulares na Invicta. A imprensa da época também refere a importância desta competição: “A competição disputada entre F.C. Porto, Boavista, Leixões, Académica de Coimbra e Sport Clube foi encarada como uma espécie de I Campeonato do Porto”¹⁵⁰. A regularidade da Taça José Monteiro da Costa ajudou a melhorar os índices físicos dos jogadores, bem como as restantes componentes do jogo – tática, técnica e criatividade. A menção dos encontros nos jornais e a presença cada vez mais numerosa de público nos campos de futebol aumentou o interesse pela competição: “O match realizado no domingo na disputa da taça Monteiro da Costa, entre os primeiros teams do F.C. Porto e S.C. Leixões [...] correu muito animado, sahindo vencedor o primeiro. A assistência era numerosa”¹⁵¹.

Esta competição teve dois aspetos curiosos: a participação da Académica de Coimbra e um regulamento que obrigava os clubes a apresentarem equipas totalmente portuguesas. A presença do clube conimbricense nos encontros da Taça José Monteiro da Costa resultou da necessidade de competitividade, uma vez que somente alguns clubes estavam em condições de disputar este torneio, de modo equilibrado e com condições materiais. Para acrescentar a isto, o valor monetário a pagar pela inscrição dos clubes era elevado: “Qualquer club que deseje inscrever-se deve enviar a importância de 5\$000 réis e os nomes dos jogadores”¹⁵². A Associação Académica de Coimbra venceu mesmo uma edição da prova e adquiriu o direito a defender o título no seu recinto, o campo de Santa Cruz, em 1913. Por outro lado, relativamente à presença exclusiva de portugueses nos jogos da Taça José Monteiro da Costa não encontramos motivo que explique esta decisão expressa nos regulamentos.

Em relação aos troféus e medalhas, a equipa vencedora conservava o troféu durante um ano porque o regulamento da competição instituiu que somente após três

¹⁵⁰ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*, p. 133.

¹⁵¹ *O Comércio do Porto*, nº 49, 28 de fevereiro de 1915.

¹⁵² *O Comércio do Porto*, nº 120, 22 de janeiro de 1913.

vitórias consecutivas, o clube vencedor podia manter permanentemente o troféu, honra que coube ao Futebol Clube do Porto, em 1916.

Quadro 3 - Taça José Monteiro da Costa: Histórico

Época	Equipa Vencedora	Equipa Finalista Vencida
1910-1911	Futebol Clube do Porto	Leixões Sport Clube
1911-1912	Futebol Clube do Porto	Académica de Coimbra
1912-1913	Académica de Coimbra	Futebol Clube do Porto
1913-1914	Futebol Clube do Porto	Académica de Coimbra
1914-1915	Futebol Clube do Porto	Boavista Futebol Clube
1915-1916	Futebol Clube do Porto	Boavista Futebol Clube

Fonte: TELLES, Rodrigues — *História do Foot-Ball Club do Porto: 1906-1933*. Porto: Empresa Diário do Porto, 1933.

Em paralelo com a Taça José Monteiro da Costa e o campeonato regional, na década de 10, houve a disputa de outras competições mais modestas, embora muito importantes para os clubes que comportavam menos meios financeiros. A Taça Futebol União do Norte, Taça Imprensa Desportiva, Taça Universal e Taça Honorato Santos possibilitaram a participação de mais coletividades e concederam uma oportunidade boa para outros clubes competirem a um nível superior às suas realidades habituais.

No entanto, a maior competição portuense foi o campeonato regional do Porto, organizado pela Associação, que rapidamente despoletou enorme interesse na cidade. Esta competição regular, disputada a duas voltas, dividia-se em quatro categorias, sendo que a última era constituída por jogadores mais jovens, a segunda e terceira consideradas divisões secundárias enquanto a primeira integrava os melhores atletas de cada clube (ver Anexo 4, 5 e 6). Uma descrição de Amândio Barros ajuda a compreender como decorria o calendário:

Os jogos começavam nas manhãs de domingo, jogando normalmente as 4ª categorias (constituídas pelos jogadores mais jovens). À tarde, a anteceder o jogo principal, disputava-se outro das restantes categorias. Nos jogos particulares as equipas apresentavam, por vezes um misto dos vários *teams*.¹⁵³

¹⁵³ BARROS, Amândio — *Boavista Futebol Clube*, p. 16.

Numa fase inicial, a Associação do Porto foi liderada por um homem afeto ao Futebol Clube do Porto, Leite de Faria, embora esse facto não impedisse o Boavista Futebol Clube de sagrar-se o primeiro vencedor do Campeonato Regional do Porto, na época 1913-1914. No entanto, foi o Futebol Clube do Porto que dominou quase por completo esta prova, pois venceu dez num total de doze edições disputadas neste período.

Quadro 4 - Campeonato do Porto (1913-1926)

Edição	Vencedor	Edição	Vencedor
1913-1914	Boavista F.C.	1920-1921	F. C. Porto
1914-1915	F.C. Porto	1921-1922	F. C. Porto
1915-1916	F.C. Porto	1922-1923	F. C. Porto
1916-1917	F.C. Porto	1923-1924	F. C. Porto
1917-1918	S. P. Salgueiros	1924-1925	F. C. Porto
1918-1919	F. C. Porto	1925-1926	F. C. Porto
1919-1920	F. C. Porto		

Fonte: TELLES, Rodrigues — *História do Foot-Ball Club do Porto: 1906-1933*. Porto: Empresa Diário do Porto, 1933.

O Campeonato Regional do Porto teve a presença inicial de apenas três equipas – Boavista Futebol Clube, Leixões Sport Clube e Futebol Clube do Porto. Em 1914, o leque de clubes alargou-se e incluiu o Académico Futebol Clube, o Sport Porto e Salgueiros (posteriormente, Sport Comércio e Salgueiros), o Vilanovense Futebol Clube, o Sport Progresso, etc. Por conseguinte, a duração do campeonato regional prolongou-se devido ao incremento de formações na disputa do troféu, por isso o período da prova passou a realizar-se entre o final do mês de outubro até inícios de maio. A maior extensão temporal do campeonato provocou o aumento da cobertura jornalística do futebol, permitiu adquirir mais receitas e incrementou a qualidade dos jogadores portuenses.

A visibilidade do campeonato regional na imprensa e as críticas aos árbitros levou à criação de uma escola de arbitragem por parte da associação local. Uma notícia revela o certificado concedido ao indivíduo que obtivesse sucesso: “O candidato a

árbitro, logo que obtenha aprovação para o ingresso no Quadro dos árbitros a officiaes, terá direito ao diploma de juiz de campo aprovado pela Escola oficial de árbitros”¹⁵⁴. Esta regulamentação dos árbitros teve o intuito de melhorar a qualidade das arbitragens, uma vez que o amadorismo dos juízes de jogo (os árbitros eram jogadores de outras equipas que não competiam no encontro) levantou sérias questões sobre a imparcialidade ao ponto de tanto na imprensa como nos clubes pedirem a presença de um árbitro estrangeiro nas finais das competições. Por conseguinte, a escola de árbitros instituída pela Associação de Futebol do Porto representou uma procura de maior seriedade e revelou um caminho mais aproximado do profissionalismo por iniciativa de entidades ligadas ao futebol. O cuidado com as finanças da associação e as punições previstas para os clubes incumpridores da quota de filiação reforçam a ideia de uma instituição bem estruturada: “Os clubes filiados são prevenidos de que até ao dia 15 d’este mês deverão pagar na tesouraria da A. F. P. a sua quota de filiação do corrente anno, pois findo este praso serão considerados demitidos por falta de pagamento”¹⁵⁵. A severidade da Associação de Futebol do Porto contra as infrações cometidas em jogos do campeonato regional começou a aumentar nos últimos anos da República: “Chamar a atenção dos árbitros para que communicem sempre nos respectivos boletins quaisquer ocorrências havidas durante o jogo e especialmente o nome dos jogadores que forem expulsos do campo”¹⁵⁶. Outra notícia comprova esta ideia: “Communica-se que, devido a abusos cometidos, foram dadas instrucções aos árbitros no sentido de intimarem os jogadores a apresentarem os seus cartões de identidade, sob pena de mais severas sanções”¹⁵⁷. Esta notícia revela ainda um aspeto desenvolvido pelos clubes de futebol no Porto que consistiu na criação dos cartões de identidade para os sócios, de modo a controlarem a participação nas assembleias, bem como a entrada nos recintos, especialmente quando se organizou o espaço destinado ao público, de acordo com categorias (sócio, não sócio, imprensa) que correspondiam a um local com melhor ou pior visibilidade para assistir ao encontro.

Todavia, o campeonato regional do Porto não foi a única competição criada e dirigida pela Associação. A Taça de Honra surgiu em 1916 como uma prova complementar do panorama futebolístico na Invicta. Nesta competição, houve o convite

¹⁵⁴ *O Comércio do Porto*, nº 250, 22 de outubro de 1925.

¹⁵⁵ *O Comércio do Porto*, nº 59, 13 de março de 1923.

¹⁵⁶ *O Comércio do Porto*, nº 236, 6 de outubro de 1925.

¹⁵⁷ *O Comércio do Porto*, nº 282, 27 de novembro de 1925.

de participação a uma equipa exógena ao Porto, ou seja o Sporting Clube de Espinho que venceu mesmo algumas edições desta prova. Posteriormente, esta competição adquiriu o nome de Taça Bronze Associação, na época 1921-1922, e serviu como uma forma de melhorar a competitividade entre os clubes da cidade.

4.3.2. Os conflitos entre os clubes e a Associação de Futebol do Porto

O aparecimento de uma grande estrutura com o objetivo de regular o futebol na região do Porto foi fundamental para o desenvolvimento do futebol local. Contudo, o associativismo não decorreu sem peripécias ou confrontos entre alguns clubes e os dirigentes da associação. A presidência daquela instituição teve como primeiro presidente uma pessoa que possuía ligações ao Futebol Clube do Porto, por isso este facto já levantava questões quanto às verdadeiras intenções da direção associativa, uma vez que este clube dominava o futebol na Invicta.

O primeiro sinal de desavenças envolveu o Boavista Futebol Clube que discutiu a hegemonia do Futebol Clube do Porto nas provas da associação, daí que os dirigentes e jogadores boavisteiros não comparecessem a alguns jogos como forma de protesto contra o destino da modalidade. As querelas prosseguiram, desta vez com o Académico Futebol Clube que pretendeu inscrever um atleta que tinha jogado no clube do Bessa o que esta última formação reivindicou como uma infração à qual a Associação de Futebol do Porto deu razão¹⁵⁸. A proibição da inscrição deste jogador, na equipa do Académico Futebol Clube, conduziu a atitudes hostis dos seus dirigentes contra os congéneres da associação, bem como à ameaça (não concretizada) de abandonar o campeonato regional.

Estas situações agudizaram-se nos tempos de guerra em que vitória inesperada do Sport Porto e Salgueiros no campeonato regional, feito que colocou termo à hegemonia do Futebol Clube do Porto, deveu-se, em parte, à suspensão dos portistas por divergências com a Associação de Futebol do Porto. Por outro lado, o encontro da final foi repleto de situações irregulares, tais como a reentrada em campo de um jogador do Salgueiros após a expulsão e a anarquia que marcou os últimos trinta minutos de jogo com os atletas envolvidos em cenas de pugilato sem que o árbitro conseguisse cumprir os regulamentos e dispor da autoridade.

¹⁵⁸ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*, p. 159.

A conjuntura bélica destabilizou o futebol na Invicta como indicam os sinais transmitidos ora pela imprensa, ora pelos clubes. Pedro Serra e Ricardo Serrado descrevem esta situação:

No Porto, a Associação local sofre críticas por aceitar inscrições de clubes sem campo próprio [...] ou com recintos demasiado pequenos e desprovidos de condições mínimas de higiene para os jogadores, sendo a concentração da prática do futebol em colectividades com meios adequados (neste caso apenas FC Porto, Boavista, Académico e Leixões) preferível à multiplicação de grupos fracos.¹⁵⁹

A proliferação de clubes pela cidade não correspondeu ao aumento do número de campos ou recintos com condições mínimas, por isso restava-lhes o aluguer de espaços às coletividades que tinham essas condições. Neste caso, os regulamentos da Associação de Futebol do Porto não foram respeitados na íntegra, uma vez que disputaram o campeonato equipas sem campo próprio. Este facto provocou situações adversas como, por exemplo, a recusa do aluguer do campo da Constituição ao Sport Porto e Salgueiros, após a vitória na edição do campeonato regional de 1918, deixando-o sem possibilidade de competir na edição seguinte.

Outra das críticas dos clubes sobre a Associação de Futebol do Porto deveu-se à permissividade desta instituição perante as muitas irregularidades ocorridas nas categorias inferiores do campeonato. A participação de jogadores da primeira categoria nas restantes teve o intuito de melhorar a condição física de alguns atletas, bem como facilitar a conquista dessas provas pelas equipas que disputavam, normalmente, o campeonato ao mais alto nível, ou seja, esta situação foi extremamente desfavorável para os clubes que apenas tinham inscrito jogadores numa categoria inferior. A disparidade no equilíbrio de forças nas segundas e terceiras categorias provocou uma série de acusações graves, conflitos entre os clubes e os dirigentes associativos pela maior transparência do campeonato regional.

4.3.3. As relações da imprensa com a Associação de Futebol do Porto

A ligação entre o futebol e a imprensa foi um dos pilares que contribuiu para a evolução desta modalidade na cidade do Porto. Porém, esta relação não decorreu sem atritos e momentos de adaptação.

¹⁵⁹ SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) — *História do Futebol Português*, p. 118.

Uma das primeiras dissidências registada no jornal *O Comércio do Porto* foi relativa à disponibilização do calendário de jogos. Aquele órgão informativo queixou-se das lacunas de informação sobre os encontros no mês de fevereiro de 1918 como demonstra a notícia:

Certamente que se devem realizar hoje outros desafios, além dos que acima anunciamos e de cuja realização tivemos conhecimento por méra casualidade [...] não se dignou a Associação de Foot-Ball do Porto o calendário relativo ao mez de fevereiro, como de resto também nos não tem enviado o resultado official dos desafios effectuados [...]. A verdade é que a AFP tem tido sempre da nossa parte as atenções que merece e se alguma deficiência tem havido, deve ser-lhe exclusivamente atribuída, por não nos enviar com regularidade as comunicações que nos são indispensáveis.¹⁶⁰

Ao invés, a resposta da Associação de Futebol do Porto acusava o jornal da falta de interesse acerca dos desafios. Na verdade, os ventos de guerra perturbaram o futebol na cidade devido a múltiplos fatores, desde as carências de bens alimentares, industriais, até à desorganização dos clubes devido ao recrutamento militar. Porém, esta situação foi resolvida no pós-guerra através do aumento do espaço destinado ao futebol na imprensa generalista. Aliás, nas querelas contra Lisboa, os jornalistas portuenses direccionaram as críticas aos colegas da capital enquanto defendiam o futebol no Porto.

Apesar das desavenças verificadas entre a Associação de Futebol e a imprensa, na verdade, ambas necessitavam uma da outra, uma vez que, por exemplo, informações indispensáveis eram publicadas nos jornais: convocatórias de jogadores, locais dos desafios, assembleias gerais de clubes, comunicações oficiais, desempenho dos protagonistas, assim como o anúncio do início das temporadas. Por outro lado, a imprensa necessitava de incluir o futebol nas suas páginas porque este desporto crescia a um ritmo elevado e despertava a curiosidade de cada vez mais pessoas, por isso as notícias da modalidade ajudavam a complementar as edições diárias, nomeadamente com a evolução da secção denominada “Sport”. Os últimos anos da Primeira República Portuguesa corresponderam a uma fase expansionista da imprensa como demonstra Francisco Pinheiro: “a maior concentração de novas publicações em 1924 foi na área da imprensa desportiva generalista, publicando-se 16 novos títulos, espalhados por 12 cidades, claro indicador da popularização do desporto a nível regional”¹⁶¹.

¹⁶⁰ *O Comércio do Porto*, nº 28, 3 de fevereiro de 1918.

¹⁶¹ PINHEIRO, Francisco — *História da Imprensa Desportiva em Portugal*, p. 170.

Contudo, no apogeu da confrontação entre o Futebol Clube do Porto e a associação, o clube decidiu fundar um periódico — *Porto Desportivo* — que, apesar de existência efémera, não deixou de apontar críticas acérrimas aos dirigentes associativos e defender a posição dos homens da Constituição. A utilização da imprensa pelos clubes foi um processo que se iniciou nesta época tanto no Porto como em Lisboa, dos quais o *Sport Lisboa* era acusado, muitas vezes, de ligações ao Sport Lisboa e Benfica. Outros exemplos são o *Boletim do Sporting Clube de Portugal*, o *Boletim do Sporting Clube de Tomar* e o *Póvoa Desportiva* que como indiciam os títulos, tinham o objetivo comum de veicular as mensagens dos respetivos clubes.

As críticas dos jornalistas incidiam sobre a necessidade de aumentar os treinos e a moralização dos atletas como demonstra uma notícia:

Não é exagero afirmar que, pelo menos entre os diversos clubs d’esta cidade uma meia dúzia de jogadores de foot-ball sabe treinar-se [...]. Os restantes entendem lá para si que esse treino se resume em vários pontapés na bola [...]. As direcções das nossas agremiações desportivas, principalmente, aquellas onde se pratica o mais popular desporto não poderiam entregar os seus agrupamentos nas mãos de quem os treinasse convenientemente e os colocasse em boa forma indispensável [questão do jornalista].¹⁶²

O incremento da atenção concedida ao futebol nas colunas informativas dos jornais provocou a criação de uma edição semanal desportiva, em 1922, que anteriormente era uma secção: “*O Primeiro de Janeiro*, face ao crescente volume de informação desportiva e ao escasso espaço da respetiva secção, decidiu transformar a sua coluna desportiva diária num jornal semanal”¹⁶³. Outra área onde a palavra da imprensa obteve destaque foi na rivalidade desportiva entre Porto e Lisboa, especialmente manifestada através dos desafios que envolviam as cidades.

4.3.4. A seleção do Porto e os desafios com Lisboa

Os encontros entre as seleções do Porto e Lisboa iniciaram-se em 1914. O futebol praticado nestas duas cidades era mais evoluído do que nas restantes regiões do país, essencialmente nos primeiros anos da República, porque a modalidade ainda não se tinha difundido pela totalidade do território português.

¹⁶² *O Comércio do Porto*, n.º 53, 6 de março de 1923.

¹⁶³ PINHEIRO, Francisco — *História da Imprensa Desportiva em Portugal*, p. 149.

No entanto, a superioridade do futebol lisboeta manifestou-se acentuadamente nestes desafios intercidades, uma vez que a seleção da capital venceu trinta e cinco das quarenta e quatro edições da prova até 1944. A fase de maior oposição portuense ocorreu na década de 20, nomeadamente com o alcance de alguns empates e até da primeira vitória contra a equipa lisboeta. Este facto permitiu-nos concluir o seguinte: o período da Grande Guerra possibilitou uma aproximação qualitativa do futebol praticado no Porto ao de Lisboa. De salientar que as primeiras vitórias de equipas portuenses contra as congéneres lisboeta ocorreram no pós-guerra.

A convocatória consistia numa seleção prévia dos melhores jogadores, normalmente oriundos da primeira categoria, que, posteriormente, jogavam um encontro, de modo ao selecionador definir os atletas que integravam a lista final. Aqueles oriundos de clubes com maior reputação constituíam normalmente as linhas iniciais de ambas as seleções. Por exemplo, no Porto, os jogadores dos desafios contra Lisboa pertenciam a um grupo restrito de clubes, dos quais menciono o Académico Futebol Clube, o Boavista Futebol Clube, Futebol Clube do Porto e Sport Comércio e Salgueiros. Os encontros Porto-Lisboa disputavam-se em ambas as cidades alternadamente e, segundo o jornal *O Comércio do Porto*, cativavam o interesse do público, pois a referência a assistências numerosas era comum. A rivalidade existente entre a Invicta e Lisboa apimentava estes jogos não apenas com a componente desportiva mas também com as questões políticas e sociais.

O primeiro Porto-Lisboa decorreu nesta última cidade, em 26 de abril de 1914, e saldou-se pela vitória da seleção lisboeta por números evidentes, ou seja uma diferença de sete golos. João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro atribuem esta vitória expressiva aos seguintes fatores: “A equipa de Lisboa foi claramente superior, fruto de maior conhecimento do jogo e de maior treino dos seus jogadores”¹⁶⁴. Na verdade, o futebol tinha uma história mais duradoura na capital, por isso os jogadores possuíam um melhor conhecimento acerca do jogo e da complexidade técnica e tática necessária para praticá-lo. O futebol portuense, embora em claro ritmo de evolução, demorou a atingir um patamar semelhante ao lisboeta.

Posteriormente, no dia 23 de março de 1924, os homens do norte venceram a seleção de Lisboa (três golos a um), o que demonstrou uma evolução célere deste desporto na cidade. Um ano depois, uma equipa portuense venceu pela segunda vez o

¹⁶⁴ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*, p. 153.

campeonato de Portugal, feito inigualável até aquele momento. Não podemos descurar que apesar do futebol lisboeta possuir uma qualidade superior (a maioria da historiografia sobre o futebol português salienta este facto), no entanto foram as equipas portuenses que venceram a edição inicial do campeonato de Portugal, bem como foram as primeiras que conseguiram revalidar esse título.

Na conjuntura dos desafios Porto-Lisboa, a imprensa das respetivas cidades ganhou relevo pela defesa acérrima das suas equipas. Uma notícia refere a parcialidade da cobertura jornalística nos jogos: O «score» 6 a 1 está longe de traduzir o trabalho das duas equipas. Os dois maiores factores d'um tal resultado, foram a «malchance» dos rapazes do Norte e o extraordinário trabalho de Francisco Vieira que defendeu, defendeu, defendeu”¹⁶⁵.

A rivalidade exacerbada que marcou o relacionamento entre a imprensa do Porto e de Lisboa prolongou-se até aos finais da República e um episódio protagonizado pelo periódico *Sporting* demonstra os ânimos efervescentes dos jornalistas:

Em Janeiro e Fevereiro de 1926, novo duelo entre os dois jornais [*Sporting* e *Os Sports*], com sucessivas respostas e contra-respostas, desta vez por causa do regulamento do Campeonato de Portugal, principal prova do calendário futebolístico português. E em Junho desse ano, o *Sporting* investiria contra aquilo que designava como a «ditadura tirânica da capital» no seio das principais federações desportivas do país, ataque que mereceu refutações duras nos jornais lisboetas.¹⁶⁶

As desavenças atingiram talvez o auge aquando da convocatória para o primeiro jogo da seleção portuguesa, uma vez que a equipa nacional era constituída na maioria por elementos lisboetas. De facto, o Porto teve dois atletas nessa equipa nacional. De salientar que, à época, a primeira edição do campeonato de Portugal foi conquistada pelo Futebol Clube do Porto, daí a indignação e contestação dos periódicos portuenses contra a gestão da seleção. Outro conflito despoletou quando, após uma campanha de meses levada a cabo pela imprensa portuense, esta não conseguiu que o jogo da seleção nacional fosse na Invicta, por isso a decisão em manter o encontro na capital causou, novamente, uma revolta contra os supostos «privilégios» de Lisboa. Os jornais do Porto defendiam a ideia de que os lisboetas possuíam muita influência no futebol português porque quer a nomeação maioritária de jogadores lisboetas para a seleção nacional, quer

¹⁶⁵ *O Comércio do Porto*, n.º 12, 15 de janeiro de 1925.

¹⁶⁶ PINHEIRO, Francisco — *História da Imprensa Desportiva em Portugal*, p. 165.

o peso dos homens da capital na União Portuguesa de Futebol suscitava a ideia de que o Porto estava subvalorizado.

Por fim, foi necessário acontecer o primeiro jogo da seleção portuguesa na Invicta para os jornalistas desta cidade moderarem os seus comentários e iniciarem uma aproximação aos homólogos lisboetas:

Os ânimos exaltados entre a classe das duas cidades só acalmaram no início do ano seguinte, quando os órgãos máximos do futebol português decidiram escolher pela primeira vez, a cidade do Porto para acolher o sexto jogo internacional da Selecção Nacional de Futebol, marcado para 24 de Janeiro de 1926, contra a Checoslováquia. A imprensa portuense rejubilou, permitindo uma aproximação à lisboeta [...]. Deste modo, foi com naturalidade que surgiu a ideia de realizar a primeira partida de futebol Porto-Lisboa interjornalistas.¹⁶⁷

A rivalidade entre Porto e Lisboa teve no futebol um campo ideal para exprimir esses sentimentos, acima de tudo ao nível da assistência que não perdia uma oportunidade em comportar-se de modo a intimidar as equipas provenientes da capital.

No entanto, os desafios das equipas portuenses não se limitavam aos confrontos com os lisboetas mas também se deslocavam mais para norte, especificamente rumo à cidade de Braga. Estes encontros chamados Porto-Braga tiveram a particularidade de integrarem as equipas infantis das duas associações no panorama competitivo regional. Um fator que possivelmente permitiu estes encontros foi a menor distância que separa a Invicta de Braga do que o percurso até Lisboa, logo as equipas infantis puderam defrontar-se devido às facilidades maiores com os meios de transporte, uma vez que a distância entre as cidades era menor. Aliás, as formações infantis que jogavam estes desafios eram constituídas maioritariamente pelos atletas do Futebol Clube do Porto e Sporting Clube de Braga, respetivamente. No que respeita aos jogos praticados por adultos, a tradição de encontros entre clubes portuenses e bracarenses remonta aos primeiros anos da República, daí que ambas as cidades decidissem preservar esses laços desportivos através desta competição que visava melhorar a qualidade futebolística das duas regiões, embora Braga usufruísse mais do nível superior das formações portuenses. Uma notícia descreve um destes encontros:

Está definitivamente marcado a despeito de alguns rumores que por ahi correram para o próximo domingo o I Porto-Braga que se effectua no campo do Covelo, ás 3 horas. O match tanto pela sua

¹⁶⁷ Idem, *ibidem*, p. 168.

novidade como pela sua importância interessa extraordinariamente portuenses e bracarenses que devem acorrer em grande número a presença-a-lo.¹⁶⁸

Por continuidade, os clubes portuenses deslocaram-se a Braga com o interesse de promoverem o futebol, bem como de incrementarem os índices físicos dos seus jogadores. Todavia, as deslocações desportivas nesta época eram marcadas pelo amadorismo:

Acompanhando a excursão promovida pela Caixa Vinte Amigos República, seguem no próximo domingo para Braga, os grupos do Sé Sport Clube e Continental Foot-Ball Club que áquella cidade vão jogar respectivamente com o Estrella Sport Club e Sporting Club de Braga, ambas para disputa definitiva de duas taças de prata.¹⁶⁹

¹⁶⁸ *O Comércio do Porto*, n.º 293, 16 de dezembro de 1923.

¹⁶⁹ *O Comércio do Porto*, n.º 244, 18 de outubro de 1923.

5. O futebol portuense durante a Primeira Guerra Mundial

No início de junho de 1914, poucos europeus imaginavam o deflagrar de um conflito mundial. Desde a derrota de Waterloo até à Grande Guerra, a Europa apenas vivenciou conflitos localizados e que nunca envolveram todas as potências do “velho continente” – Alemanha, Império Austro-Húngaro, França, Reino Unido e Rússia – e, em suma, as palavras de Hobsbawm demonstram essa ideia: “Em 1914, não havia uma grande guerra há um século”¹⁷⁰.

A política de alianças, o exacerbamento do nacionalismo e o ímpeto imperialista das potências europeias conduziram milhões de homens para os campos de batalha. As ilusões de uma guerra rápida e eficiente desde cedo se desvaneceram e os beligerantes enfrentaram um conflito lento, agonizante e destrutivo devido ao poder das armas quer regulares quer químicas. O prolongamento da guerra provocou o envolvimento de mais países, facto que tornou o conflito literalmente numa guerra à escala mundial.

No caso português, a Primeira Guerra Mundial foi fraturante para a sociedade, uma vez que o panorama político ficou dividido entre os apoiantes da participação militar de Portugal e os defensores da neutralidade. Após a entrada do país na Grande Guerra, as condições de vida deterioraram-se devido à escassez de bens essenciais e, consequentemente, a carestia destes, às greves, ao golpe de Estado sidonista e ao número de baixas no conflito.

No final desta guerra, quatro impérios desapareceram (Império Alemão, Império Austro-Húngaro, Império Otomano e Império Russo); a hegemonia económica da Europa passou para o outro lado do Atlântico, nomeadamente para os Estados Unidos da América; os países beligerantes perderam muitos jovens e cresceram movimentos revisionistas que contestavam os termos do Tratado de Versalhes.

Durante a Primeira Guerra Mundial, o futebol viveu momentos difíceis devido a muitos fatores, tais como o recrutamento dos seus jogadores, a desorganização dos clubes, associações e campeonatos, assim como os constrangimentos para as deslocações internacionais das equipas e a precariedade económica das coletividades.

As competições internacionais sofreram bastante as consequências de guerra, uma vez que as barreiras impostas à circulação em tempos bélicos, a hostilidade entre as nações e a ausência de segurança não permitiram a realização do Campeonato do

¹⁷⁰ HOBSBAWM, Eric — *A era dos extremos*. Lisboa: Editorial Presença, 2011, p. 32.

Mundo. Ao nível local, nomeadamente no Porto, as deslocações de clubes internacionais restringiram-se ao mínimo, mesmo com as equipas da Galiza a sentirem muitas dificuldades para realizarem as viagens. Por outro lado, os encontros de futebol na cidade envolveram, curiosamente, militares dos navios de guerra que estavam ancorados na costa portuguesa como foi o caso da marinha norte-americana: “O primeiro, que começará às 2 horas da tarde, é entre o magnífico grupo do Sport Salgueiros e um team composto por marinheiros americanos, de um transporte de guerra”¹⁷¹. De salientar que o futebol constituiu um divertimento para os soldados no tempo de lazer com imagens de arquivo e textos a comprovarem este facto. Aliás, um coronel do exército britânico descreveu as características dos futebolistas que combatiam no seu batalhão e a importância deste desporto no Exército:

Eu não sabia nada dos jogadores profissionais quando fui encarregue deste batalhão. Porém, eu aprendi a valorizá-los. Eu poderia ir para qualquer lado com tais homens. O espírito de grupo era espantoso. Este sentimento foi principalmente devido ao futebol – a ligação de companheirismo que os une. O Futebol foi um apoio maravilhoso para aqueles homens e, geralmente, para o Exército.¹⁷²

A presença de jogadores de futebol nas fileiras dos exércitos levanta questões importantes, tais como inferir se estes homens possuíam alguma característica especial em detrimento dos restantes ou se os valores desportivos serviram os intuitos das Forças Armadas. Primeiro, o jogador de futebol tinha uma vantagem face ao cidadão comum porque apresentava uma condição física normalmente superior devido à prática constante de atividades desportivas. Pedro Serra e Ricardo Serrado escreveram sobre este tema: “A conjuntura bélica reforça a preocupação com a debilidade dos portugueses e a necessidade de promover a educação física, pelo menos para assegurar uma maior aptidão dos soldados para o combate, a exemplo do que se via fazer em França”¹⁷³. Na imprensa nacional também circulavam notícias favoráveis à integração do desporto na preparação dos militares. Segundo João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro: “Nos países beligerantes, os atletas tornaram-se rapidamente soldados, com o mundo do desporto e

¹⁷¹ *O Comércio do Porto*, nº63, 17 de Março de 1918.

¹⁷² Disponível em: <http://www.footballandthefirstworldwar.org/>. [consultado no dia 4 de Junho de 2015 às 9h 52].

¹⁷³ SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) — *História do Futebol Português*, p. 114.

as suas estruturas de formação a colocarem-se ao serviço do movimento militarista”¹⁷⁴. O espírito coletivo, a perseverança, a criatividade, a disciplina, a distribuição de funções e o respeito pela hierarquia são valores e atitudes presentes num jogo de futebol que se enquadraram bem nos desígnios das Forças Armadas.

5.1. O caso do Porto: os jogadores na frente de batalha

O futebol português teve os seus mártires na Primeira Guerra Mundial. Os clubes sofreram com o recrutamento de muitos dos seus atletas, por vezes os mais talentosos, para os campos de batalha.

No Porto, esta situação manteve-se com algumas das principais equipas a sofrerem com o recrutamento dos seus melhores jogadores. Numa primeira fase, Portugal não participou ativamente na guerra, por isso os homens visados foram aqueles ligados aos países beligerantes, neste caso os britânicos. Neste âmbito, o Boavista Futebol Clube e o Futebol Clube do Porto perderam alguns jogadores para a guerra, nomeadamente Robert Reid, Reginald Pye e Harrison. A perspectiva de um conflito rápido e com possibilidades elevadas de vitória residia na mente dos soldados, logo muitos jovens recrutas emanavam um espírito de alegria na hora da partida. No entanto, a euforia inicial cedeu lugar à desilusão e perda. A morte de Robert Reid foi anunciada no clube do Bessa, facto que causou perturbação entre os colegas e sócios. Uma notícia descreve a homenagem pública que o Boavista Futebol Clube prestou ao seu jogador: “Todos se comovem com a magua e saudade d’este excelente rapaz, magnífico footballer do «Oporto Cricket Club» e do «Boavista Foot-Ball Club». O seu grande coração e a sua alma temperada nos move de brio”¹⁷⁵.

A morte de Robert Reid demonstrou o prestígio adquirido pelo jogador de futebol na sociedade. Outro futebolista do Boavista Futebol Clube morto durante o conflito foi Morgan que combateu nos Dardanelos pelo exército britânico. As homenagens aos atletas mortos na guerra e as preocupações com o apoio aos feridos constituíram prioridades para os desportistas da Invicta. No Futebol Clube do Porto, os sócios decidiram em Assembleia Geral criar um quadro de honra com o intuito de prolongarem o nome daqueles que morreram ou retornaram com lesões graves na memória coletiva.

¹⁷⁴ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *República, Desporto e Imprensa*, p. 60.

¹⁷⁵ *O Comércio do Porto*, nº 59, 11 de março de 1916.

Contudo, os jogadores portugueses também participaram na Grande Guerra e alguns perderam mesmo o «jogo da vida». Um desses casos é Vidal Pinheiro, um dos melhores jogadores do Futebol Clube do Porto segundo as fontes da época, que partilhou a paixão pelo futebol com a carreira militar onde desempenhou a função de tenente de artilharia. Vidal Pinheiro foi um dos muitos portugueses mortos na Batalha de La Lys, em abril de 1918. As palavras dos autores que vimos a seguir descrevem o impacto que a morte do atleta teve na cidade: “A notícia da sua morte só seria conhecida em Maio, deixando consternados todos os colegas e o mundo do futebol luso. A Câmara do Porto deu o seu nome a uma rua da cidade”¹⁷⁶. O nome deste atleta chegou mesmo a denominar o campo do Sport Comércio e Salgueiros algumas décadas depois. Por outro lado, há exemplos de atletas portuenses que também combateram na guerra e distinguiram-se com atitudes heroicas, segundo a imprensa. Um desses casos é Armando Cardoso, antigo jogador do Boavista Futebol Clube, que sofreu inúmeros elogios pelo seu comportamento no Exército:

Todos quantos conhecem Armando Cardoso, não devem ter estranhado o seu feito tão generoso e nobre, que foi uma demonstração exacta das suas brilhantes qualidades de carácter. A acção praticada pelo excelente jogador do Boavista tem a enaltece-la a circunstância de Armando Cardoso se achar gravemente intoxicado pelos gazes asphyxiantes, que lhe provocaram repetidos e violentos ataques [...] O Boavista Foot-Ball Club pode orgulhar-se de ser uma das agremiações sportivas mais sacrificadas pela guerra.¹⁷⁷

A descrição do período bélico como um tempo de heróis aliada à exaltação por parte dos clubes aos atletas que combateram na guerra corrobora o prestígio que os desportistas adquiriram na sociedade. As condecorações aos jogadores evidenciam um reconhecimento social levado a cabo pelas autoridades civis e militares, nomeadamente aquelas conduzidas pelo Chefe de Estado, como menciona outra notícia:

Entre os militares condecorados com a Cruz de Guerra, por ocasião da recente visita do Chefe de Estado aos campos de batalha, conta-se o nosso prezado amigo e heroico alferes do regimento de Infantaria 32, snr. Armando Arthur da Fonseca Cardoso, antigo e esplêndido «player» do Boavista Foot-Ball Club e que por vezes fez parte do team representativo da Associação de Foot-Ball do Porto.¹⁷⁸

¹⁷⁶ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*, p. 1918.

¹⁷⁷ *O Comércio do Porto*, nº 193, 15 de agosto de 1917.

¹⁷⁸ *O Comércio do Porto*, nº 257, 28 de outubro de 1917.

José Neves Eugénio, jogador do Académico Futebol Clube, também adquiriu a Cruz de Guerra por feitos notáveis no Corpo Expedicionário Português. Aliás, nesta época de dificuldades, não somente os jogadores de futebol mereceram a menção dos respetivos clubes como também as famílias:

as Senhoras mal sabiam que existia o desporto, tinham porém, como hoje, como sempre, o seu coração aberto a todas as manifestações de amor maternal e foi ele, talvez até exacerbado pela ausência, que salvou então o AFC. A Senhora D. Ana [...] satisfiz, pessoalmente, todos os encargos do nosso clube, permitindo a continuidade.¹⁷⁹

O futebol portuense sofreu bastante com a guerra devido aos jogadores mortos em batalha — Robert Reid, Morgan, Vidal Pinheiro e Zulmiro Raimundo —, assim como através das consequências que dela advieram.

5.2. A “guerra” no Porto: conflitos entre a Associação de Futebol, os clubes e a imprensa

Uma frase de João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro transcreveram uma frase do periódico *O Sport de Lisboa* que elucida este período: “A guerra toma tudo: homens, dinheiro, atenção e tempo. E quando de todo podemos fugir à sua influência, não podemos fugir às suas consequências”¹⁸⁰.

Nesta conjuntura, o futebol não foi exceção. As querelas entre as entidades futebolísticas abriram uma «frente de batalha» desportiva. A hegemonia do Futebol Clube do Porto nas competições da cidade e a presença de Leite Faria, ligado ao clube, na Direção da Associação de Futebol do Porto causou descontentamento entre algumas coletividades, nomeadamente o Boavista Futebol Clube. Assim, sob o pretexto da Associação de Futebol do Porto recusar adiar um dos seus jogos, o Boavista Futebol Clube abandonou o campeonato regional de 1915. Uma notícia revela uma situação concomitante em 1918: “Informam-nos hoje de que um dos mais importantes clubs de foot-ball do Porto, desistiu ou pensa desistir dos actuaes campeonatos da A. F. P.”¹⁸¹. Na verdade, o Futebol Clube do Porto teve um conflito com a associação e foi suspenso

¹⁷⁹ PACHECO, Hélder — *Académico Futebol Clube. Um século na vida portuense ao serviço do desporto*, p. 73.

¹⁸⁰ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*, p. 150.

¹⁸¹ *O Comércio do Porto*, nº 57, 10 de março de 1918.

do campeonato regional de 1918, por isso a hegemonia deste clube foi quebrada quando o Sport Grupo e Salgueiros triunfou nessa edição.

A Associação de Futebol do Porto foi alvo de muitas críticas devido a situações que ocorreram nos campeonatos regionais. Primeiro, alguns clubes queixaram-se da permissão concedida a equipas para inscreverem jogadores das primeiras categorias nas inferiores, de modo a reforçarem-nas e possibilitarem a recuperação da condição física dos intervenientes. Depois houve críticas pelo facto de a Associação aceitar inscrições de clubes sem campo próprio ou com poucas condições de higiene. Pedro Serra e Ricardo Serrado referem que apenas o Boavista Futebol Clube, Futebol Clube do Porto, Leixões Sport Clube e Académico Futebol Clube possuíam espaços que cumpriam os requisitos necessários à prática da modalidade. Por último, os periódicos queixavam-se das lacunas na informação prestada pela Associação de Futebol do Porto, principalmente, no que respeitava ao calendário de encontros.

O período da Grande Guerra foi um tempo de desorganização e confrontos no futebol portuense. As dificuldades dos clubes devido à perda de jogadores influentes, a ausência de jogos internacionais e os erros da Associação de Futebol do Porto provocaram um decréscimo na qualidade dos desafios e registaram-se momentos adversos, tal como confronto físico entre jogadores na final do campeonato regional de 1918.

Na imprensa, os ânimos também estavam exaltados com os clubes porque os jornalistas defendiam a prática do futebol apenas em períodos de temperaturas amenas o que contrastava com a vontade de muitas equipas. Uma notícia revela este conflito:

Temos ultimamente recebido algumas comunicações referentes a desafios de «foot-ball» recentemente realizados e não lhe temos dado publicidade por achar que, com essa omissão, prestámos um bom serviço à causa desportiva. De facto quasi todos os ramos de sport téem a sua época e o «foot-ball» é um dos que, na Inglaterra, seu paiz de origem, deixa de se praticar desde a primavera até ao outono [...] Por isso aconselhámos os dirigentes dos nossos clubs a imitar os seus congéneres da Inglaterra e França.¹⁸²

Por outro lado, a imprensa foi usada pelos clubes para ataques deliberados às restantes entidades do futebol como, por exemplo, o *Porto Desportivo*, criado pelo Futebol Clube do Porto, que afrontou a Associação de Futebol do Porto logo na primeira edição do periódico. O relacionamento complexo entre os jornais da Invicta e

¹⁸² *O Comércio do Porto*, nº149, 24 de junho de 1917.

os clubes adveio das perspectivas distintas que cada entidade defendia, pois a imprensa moralizadora sancionava muitas vezes a baixa qualidade do futebol, o comportamento agressivo dos atletas e o aspeto degradado dos campos. Porém, os clubes necessitavam da imprensa para promoverem os seus jogos e, essencialmente nesta fase, os desafios ligados à beneficência.

Quadro 5 – Notícias de futebol no periódico *O Comércio do Porto* (1914-1918)

Ano	Nº de edições com notícias de futebol
1914	105
1915	129
1916	113
1917	101
1918	51
1919	117

Fonte: *O Comércio do Porto*. Porto, 1910-1926.

Segundo os dados do gráfico, o número de edições com notícias sobre futebol sofreu uma diminuição significativa desde a entrada de Portugal na guerra. Em concomitância com a bibliografia existente acerca do tema concluímos que esse declínio deveu-se às limitações impostas à aquisição e utilização do papel, bem como a fatores relacionados com as instituições futebolísticas: falta de menção aos encontros, desorganização na gestão e dificuldades no relacionamento com a imprensa. Contudo, após o término da Grande Guerra, o número de notícias recuperou para um valor próximo ao do período anterior à entrada de Portugal no conflito.

5.3. A outra visão do futebol durante a Grande Guerra: a adaptação

Os anos da Primeira Guerra Mundial não foram caracterizados, unicamente, pela destruição de vidas, materiais e sonhos. Num plano divergente surgiram exemplos de inovação e adaptação da vida a novas realidades. Em Portugal, no mundo cultural apareceu uma nova corrente protagonizada pela revista *Orpheu*, em 1915, que ambicionou cortar com a tradição cultural precedente. As pinturas de Amadeu de Souza-Cardoso, os textos de Almada Negreiros e Fernando Pessoa provocaram o choque na sociedade da época, o início da mudança de um paradigma a que o futebol não foi exceção.

No ano de 1914, a Associação de Futebol do Porto e a sua homóloga lisboeta acordaram em organizar uma série de jogos entre seleções das respetivas associações que se denominaram Desafios Lisboa-Porto. Nesse ano, o Boavista Futebol Clube sagrou-se vencedor da primeira edição do campeonato regional na Invicta. Esta competição contribuiu significativamente para o desenvolvimento do futebol portuense a todos os níveis e, mais tarde, o clube que vencesse a prova também disputava as eliminatórias do campeonato de Portugal. Ainda em 1914, o Universal Futebol Clube organizou uma competição que decorreu em Braga. Este acontecimento representou uma tentativa de «exportar» o futebol para as regiões adjacentes ao Porto. Antes da guerra, alguns clubes portuenses juntaram esforços para trazer uma equipa importante de Inglaterra à cidade como demonstra a notícia: “Esta iniciativa que acarreta encargos, é tomada por algumas agremiações desportivas d’esta cidade [...] ainda que com sacrifício, trazer ao Porto um dos mais notáveis teams”¹⁸³. Esta informação revela a vontade dos clubes contactarem com formações exógenas, de modo a evoluírem e provarem o seu valor.

No ano seguinte, em 1915, a Associação de Futebol do Porto entregou os troféus da época transata aos clubes vencedores nas quatro categorias do campeonato regional, o que evidencia uma capacidade financeira aceitável para cumprir os encargos. Durante este período, os clubes continuaram a vender ingressos a um preço constante (200 réis) aos anos precedentes da guerra, por isso as receitas de bilheteira prosseguiram, pelo menos até 1916, como meio essencial nos “orçamentos” das coletividades desportivas.

Em 1916, a Associação de Futebol do Porto instituiu a Taça de Honra para decorrer em paralelo com o campeonato regional, embora algumas dificuldades

¹⁸³ *O Comércio do Porto*, nº 86, 12 de abril de 1914.

fizessem sentir-se, inicialmente, entre os clubes: “Para disputa d’este campeonato [Taça de Honra] inscreveram-se cinco clubes, tendo desistido três”¹⁸⁴. Por outro lado, a Taça José Monteiro da Costa foi ganha, de modo perpétuo, pelo Futebol Clube do Porto, neste ano, uma vez que o clube que alcançasse três vitórias consecutivas adquiria o direito a conquistá-la definitivamente. Além desse facto, os objetivos iniciais da competição de dotar o Porto de uma prova regular foram cumpridos e, posteriormente, o campeonato regional representou essa função. Contudo, a Taça José Monteiro da Costa acabaria com um episódio indicativo dos tempos conturbados da guerra, pois houve registo de confrontos entre os jogadores:

No encontro da final, frente ao Boavista FC, clube com o qual se começava a desenhar acesa rivalidade [...] não se cumpriria o tempo regulamentar devido ao confronto entre os jogadores. Vencia então o FC Porto, com golos de Cal e Reis, quando a 30 minutos do final da partida sucedeu o imprevisto nas palavras do árbitro Neves Eugénio (do Académico do Porto) [...] deu-se uma cena de pugilato entre os jogadores, que me foi impossível solucionar devido ao campo ser invadido pelos espectadores. Atendendo que o policiamento do campo era deficiente para conter os ânimos.¹⁸⁵

De salientar a presença policial nos jogos de futebol, de modo a controlar os ímpetos do público porque as tentativas de agressão ao árbitro e jogadores começaram a constar da realidade de alguns desafios, nomeadamente os mais importantes como as finais das competições.

Os tempos de guerra causaram muitas dificuldades à vida diária das populações. O futebol não pôde fugir a essas limitações da conjuntura mas aqueles que o dirigiam compreenderam que o futuro estava na divulgação do jogo entre os diversos grupos sociais. Neste contexto, o futebol adaptou-se e contribuiu para a sociedade com os jogos de beneficência. Deste modo, a solidariedade normalmente conectada às instituições religiosas ou às autoridades civis passou também para o mundo do futebol onde ganhou um relevo significativo durante a Grande Guerra.

O primeiro sinal de solidariedade do futebol foi o encontro de solidariedade em prol dos soldados aliados (belgas, franceses e britânicos): “Amanhã, pelas três horas da tarde, realisa-se, no campo do Foot-Ball Club do Porto [...] um importante desafio

¹⁸⁴ *O Comércio do Porto*, nº 114, 13 de maio de 1916.

¹⁸⁵ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*, p. 19.

promovido pela Associação de Foot-Ball do Porto destinado ao Comité Anglo-Franco-Belga”¹⁸⁶. Uma outra notícia relata uma festa de caridade:

O sport, agora, n’esta época de dor e de miséria, vai a comissão de redactores e colaboradores sportivos dos jornaes do Porto, demonstrar que o sport, esse grande factor do desenvolvimento physico, esse incontestável instigador de coragem e energia, pode ser também o elemento productivo de uma obra de benemerência e caridade.¹⁸⁷

As receitas destes jogos reverteram para as famílias das vítimas mas também apoiaram os homens que regressaram feridos do conflito. Neste âmbito, os jogadores das principais equipas que estavam retirados do futebol voltaram, novamente, a envergar a camisola. Além disso, foram retratados pela imprensa com o nome de veteranos. A consciência cívica e solidária destes homens ficou registada na seguinte notícia: “O próximo desafio impõe-se, portanto, pelos seus fins duplamente simpáticos. Sendo altamente sportivo [...] tem também o lado nobremente generoso e altruísta”¹⁸⁸. Outra notícia revela a solidariedade a favor dos feridos de guerra:

Nós separámo-nos e eu fiquei pensando que o meu amigo veterano com todo o seu entusiasmo, vai no domingo trabalhar para o mesmo fim a que tanto afansa dedicavam as lindas senhoras que acabaram de nos deixar: — Para os feridos de guerra.¹⁸⁹

A cooperação entre gerações diferentes de futebolistas e o retorno dos jogadores mais antigos contribuiu para a promoção da imagem dos clubes como instituições que serviram a sua comunidade, de modo próximo e solidário. Este facto reforçou as ligações afetivas entre os adeptos da modalidade e os seus praticantes. Uma notícia revela o espírito prevalecente aquando do encontro entre gerações distintas:

Entre os «veteranos» há a segura convicção de que saberão impor-se aos seus adversários não só pela energia da sua vontade mas principalmente pelos perduráveis conhecimentos adquiridos nos grandes desafios d’outros tempos, em que para ser foot-baller não bastava ter-se dado meia dúzia de pontapés n’uma bola.¹⁹⁰

¹⁸⁶ *O Comércio do Porto*, nº 257, 30 de outubro de 1914.

¹⁸⁷ *O Comércio do Porto*, nº 57, 9 de março de 1917.

¹⁸⁸ *O Comércio do Porto*, nº 115, 16 de maio de 1917.

¹⁸⁹ *O Comércio do Porto*, nº 93, 20 de abril de 1917.

¹⁹⁰ *O Comércio do Porto*, nº 88, 16 de abril de 1918.

Por continuidade, a organização de festas desportivas ajudava os clubes a adquirir mais receitas. Porém, neste período marcado pela guerra, as festas desportivas tornaram-se momentos de caridade além do convívio, alegria e alienação. As celebrações reuniram as mulheres e homens numa atitude solidária e, simultaneamente, lúdica, que, por ventura, ainda contribuíram para difusão de outras modalidades na cidade. A integração do atletismo no programa de festas foi comum neste período.

A comunhão entre futebol e o mundo artístico ocorreu durante este período, pois as atividades artísticas na cidade foram indispensáveis nas festas. Uma notícia refere uma festa do Avenida Futebol Clube:

É no próximo domingo que se realiza a deslumbrante soirée, já anunciada, esperando-se que d'ella resulte o brilhantismo das grandes soirées. Além de outras adesões valiosas, a direcção d'este clube já conta com uma das mais apreciadas orquestras d'esta cidade.¹⁹¹

Nas festividades, o papel dos mecenas era importante, uma vez que as suas contribuições ajudavam não somente na recolha de fundos solidários mas também para estabelecer contactos de interesse financeiro com alguns clubes.

Todavia, nos dois últimos anos da Grande Guerra surgiu uma nova frente de batalha, embora desta vez a ameaça fosse patológica. A propagação da gripe pneumónica causou milhares de mortos em Portugal. Novamente, o futebol foi importante no apoio prestado às vítimas desta enfermidade. Outra doença que causou taxas de mortalidade elevadas foi o tifo. Nas palavras de autores que vimos a seguir: “No Porto, ocorre igualmente uma partida filantrópica entre os veteranos e jogadores actuais do FCP (as mesmas formações virão a defrontar-se mais tarde em auxílio das vítimas do tifo)”¹⁹². Aliás, uma notícia do jornal *O Comércio do Porto* descreve a organização de um encontro que visava a solidariedade com as vítimas desta epidemia:

É no próximo domingo que se realiza o sensacional match de foot-ball entre o primeiro team do Foot-Ball Club do Porto e o «Grupo de Veteranos» [...] é de crer que no próximo domingo haja, no magnífico campo da Constituição, a assistência dos grandes matches, tanto mais que a festa tem um fim altamente caritativo, pois o seu produto reverte a favor da subscrição para os typhosos, aberta por este jornal.¹⁹³

¹⁹¹ *O Comércio do Porto*, nº 98, 26 de abril de 1914.

¹⁹² SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) — *História do Futebol Português*, p. 115.

¹⁹³ *O Comércio do Porto*, nº 87, 14 de abril de 1918.

Nesta época, as empresas de publicidade começaram a trabalhar com os clubes de futebol, de modo a promoverem os encontros. Um desses exemplos é a notícia: “Já hontem foram afixados os artísticos cartazes da Empreza Technica de Publicidade anunciando o sensacional desafio de «foot-ball»”¹⁹⁴. Cada vez mais, a publicidade entrou no mundo desportivo, essencialmente no pós-guerra, e contribuiu para a elevação do estatuto dos jogadores a verdadeiros ídolos de massas devido à constante presença dos seus rostos em diversos produtos comerciais. Por último, a publicidade revelou-se fundamental na promoção dos jogos de beneficência, uma vez que os seus cartazes serviram para despertar interesse no público que, por sua vez, comparecia aos desafios, de modo numeroso.

A imprensa registou afluências de milhares de pessoas aos campos nos desafios de solidariedade o que evidencia o sucesso destas iniciativas. No pós-guerra, esse interesse do público pelo futebol tornou-se ainda mais forte. Com efeito, são notáveis os números da assistência que a imprensa da época apresenta: “e ainda hoje nos afirmaram que já só acha assegurada a passagem de 5000 bilhetes, o que corresponde que vai ser batido, e por muito, o «record» de assistência aos desafios de foot-ball”¹⁹⁵. Uma outra notícia sobre um encontro de solidariedade reportou uma assistência ainda mais numerosa: “chegando um nosso collega, talvez demasiado mas louvavelmente optimista, a calcular em 25 000 o número de pessoas que irão ao campo da Constituição”¹⁹⁶. Segundo a opinião do jornalista, o número sugerido era inverosímil devido à capacidade limitada dos campos para receberem tantas pessoas. Por outro lado, o cálculo de 25 000 pessoas estava, certamente, longe da realidade, uma vez que, por exemplo na final do campeonato de Portugal em 1925 (num período de maior desenvolvimento do futebol) a assistência rondava as 5000 pessoas. Contudo, a previsão do jornalista indicia que esperavam uma grande adesão do público ao jogo porque os encontros de futebol estavam a tornar-se, cada vez mais, fenómenos de massas significativos.

No pós-guerra, o futebol portuense despoletou com enorme vigor cujo melhor exemplo foi a dupla conquista do campeonato de Portugal pelo Futebol Clube do Porto, prova que juntava os vencedores dos campeonatos regionais, em 1922 e 1925. O incremento da qualidade das equipas, as primeiras vitórias contra os rivais lisboetas e a

¹⁹⁴ *O Comércio do Porto*, nº 90, 18 de abril de 1918.

¹⁹⁵ *O Comércio do Porto*, nº 96, 24 de abril de 1917.

¹⁹⁶ *O Comércio do Porto*, nº 98, 26 de abril de 1917.

nomeação de alguns jogadores oriundos do Porto para integrarem as seleções nacionais corroboram a revitalização.

Concluindo, a guerra dilacerou muitas das energias que caracterizavam o futebol nos primeiros anos da República. Contudo, o aumento da fundação de clubes, a criação de novas competições, a sobrevivência e recrudescimento da imprensa desportiva constituem exemplos de que, apesar das dificuldades inerentes à Grande Guerra, o futebol também teve momentos de glória, de regeneração e crescimento.

Conclusão

Um treinador do Liverpool Futebol Clube disse na década de 70: “O futebol não é uma questão de vida ou morte, é ainda mais importante”¹⁹⁷. Esta afirmação traduz a ideia de que o futebol é um desporto que ultrapassa as questões meramente específicas da competição, tais como a vitória, derrota ou resiliência. O futebol é praticado em todos os continentes, não distingue culturas, religiões ou nações e aglutina as diversas componentes da vida humana na duração de um jogo.

Primeiro, o futebol precisava de praticantes e adquiriu-os de modos distintos, pois começou entre as elites e propagou-se aos vários grupos sociais, desde o comércio, escolas, Forças Armadas até ao mundo operário. De seguida, o futebol ocupa um espaço, nomeadamente nas cidades, que possui determinada história e conotação geoestratégica porque os locais têm hierarquias. É este o objeto do primeiro capítulo de resultados de investigação empírica intitulado «A democratização do futebol portuense».

Por continuidade, a modalidade precisou de estruturas que regulassem o seu funcionamento, por isso surgiram associações internacionais, nacionais, regionais e locais com as prerrogativas de conduzirem os destinos do futebol dentro da respetiva tutela. O segundo capítulo dos resultados chama-se «Associativismo e organização do futebol no Porto» e analisa a vertente organizativa deste desporto.

No terceiro capítulo «O futebol portuense durante a Primeira Guerra Mundial» tivemos o intuito de compreender a história do futebol nestes tempos conturbados de mortalidade elevada, agitação política e social, carências de bens essenciais e confrontos internacionais.

No tema da democratização do futebol importa salientar que concordámos com uma ideia presente na bibliografia acerca do tema, nomeadamente as obras *A Paixão do Povo*¹⁹⁸ e *História do Futebol Português*¹⁹⁹, uma vez que o decreto de descanso semanal obrigatório promulgado pela República foi fundamental para a massificação do jogo e, conseqüente crescimento dos clubes. Por conseguinte, a integração do futebol no comércio, nas indústrias, nas escolas, nas Forças Armadas e a permanência das mulheres como espectadoras do jogo foi outro ponto de estudo. No ensino destacou-se a

¹⁹⁷ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*, p. 12.

¹⁹⁸ Idem, *ibidem*.

¹⁹⁹ SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) — *História do Futebol Português*.

filosofia oriunda dos colégios britânicos que valorizavam o lema clássico “mente sã, em corpo são”. A criação de equipas de futebol ligadas às escolas e impulsionadas pelos estudantes teve como maior exemplo a fundação do Académico Futebol Clube que, como refere a obra *Académico Futebol Clube. Um século de história na vida portuense*²⁰⁰, teve um papel importante na história do futebol portuense. Por conseguinte, durante a investigação descobrimos a existência de campeonatos escolares e universitários disputados na Invicta durante a República, facto que não é mencionado com profundidade na historiografia do futebol. De modo concomitante, os estudos sobre as ligações entre o mundo comercial e industrial com esta modalidade também são escassos, à exceção de referências em obras como *Boavista Futebol Clube. A primeira história*²⁰¹ e o capítulo de Daniel Seabra denominado “O futebol na cidade do Porto” da obra *História do Desporto em Portugal*²⁰², mas encontrámos exemplos de empregados bancários e operários que jogavam futebol nos tempos de lazer. Nas Forças Armadas, o futebol sofreu um impulso importante durante a República devido à necessidade de melhorar a condição física dos soldados, principalmente numa conjuntura com ameaças de guerra, e desenvolver valores importantes como o espírito de grupo, de sacrifício e a resiliência. Assim, as seleções militares e os campeonatos militares são exemplos que corroboram a difusão do futebol neste setor durante a República. Para concluir, analisámos o papel da mulher como espectadora assídua nos campos de futebol e as problemáticas que envolviam a prática deste desporto por elementos do género feminino como bem tratam as obras *Futebol Português. Política, Género e Movimento*²⁰³, *História do Futebol Português*²⁰⁴ e *As mulheres na 1ª República*²⁰⁵.

No segundo capítulo, estudámos a complexidade da organização do futebol na cidade do Porto. O estudo começou com a compreensão do movimento associativo internacional e, gradualmente, abrangeu os níveis nacional e regional. Nesta primeira parte, a obra *A Paixão do Povo*²⁰⁶ ajudou na perceção da evolução de estruturas desde as primeiras competições de futebol até aos Campeonatos do Mundo atuais. Segundo as

²⁰⁰ PACHECO, Hélder — *Académico Futebol Clube. Um século na vida portuense ao serviço do desporto*.

²⁰¹ BARROS, Amândio — *Boavista Futebol Clube. A primeira história*.

²⁰² Nuno; NEVES, José (coord.) — *Uma História do Desporto em Portugal*.

²⁰³ DOMINGOS, Nuno; TIESLER, Nina Clara (coord.) — *Futebol Português. Política, Género & Movimento*.

²⁰⁴ SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) — *História do Futebol Português*.

²⁰⁵ CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João; MONTEIRO, Natividade (coord.) — *Mulheres na 1ª República: percurso, conquistas e derrotas*.

²⁰⁶ COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *A Paixão do Povo*.

afirmações de Pedro Serra e Ricardo Serrado, a União Portuguesa de Futebol teve dificuldades em organizar o campeonato de Portugal e a seleção nacional devido à sua fundação ter coincidido com o princípio da Grande Guerra. Embora as conclusões do nosso estudo coincidam com a perspectiva dos autores devemos, porém, acrescentar a criação tardia das provas regulares de âmbito nacional e da equipa homóloga em relação aos restantes países europeus. Contudo, contactámos com uma organização deveras complexa tutelada pela Associação de Futebol do Porto com recursos, como uma escola de formação para árbitros, a atribuição de troféus aos vencedores, a criação de uma seleção regional, a utilização da imprensa como veículo de divulgação dos calendários e comunicados oficiais. Em suma, defendemos que apesar de a estrutura organizativa da Associação de Futebol do Porto ter tido problemas como os apontados, especialmente durante o período da guerra, a instituição foi essencial para o desenvolvimento quer dos clubes quer dos jogadores na Invicta.

No terceiro capítulo, abordámos o tema do impacto da Primeira Guerra Mundial no futebol português. *A Era dos Extremos*²⁰⁷ e *História de Portugal*²⁰⁸ proporcionam um retrato geral sobre o conflito e as consequências na Europa e no país. Contudo, salientámos a ideia principal de que a Grande Guerra afetou as entidades futebolísticas no Porto. Primeiro, o retrato das dificuldades com a perda dos jogadores, por vezes os mais importantes, para os campos de batalha; os confrontos entre a imprensa e a Associação de Futebol do Porto e, posteriormente, com alguns clubes; a desorganização dos calendários e as irregularidades cometidas como a reentrada de jogadores expulsos e a inscrição de atletas da primeira categoria nas inferiores. Porém, em segundo lugar, também vimos sinais de recuperação ou adaptação, tais como a disputa ininterrupta do campeonato regional, a expansão do futebol para as regiões adjacentes, as festas desportivas e os jogos de solidariedade. Assim, considerámos que a Grande Guerra foi um período charneira para a modalidade porque o pós-guerra marcou, definitivamente, a ascensão do futebol à categoria de desporto de massas.

Na elaboração de uma dissertação de mestrado temos consciência das limitações temporais e do âmbito das investigações, uma vez que se torna inviável compulsar o vasto número de fontes e abarcar as múltiplas abordagens possíveis para estudar um tema na sua totalidade. Contudo, este facto não nos impede de sugerir linhas de pesquisa futura.

²⁰⁷ HOBBSAWM, Eric — *A Era dos Extremos*. Lisboa: Edições Presença, 2011.

²⁰⁸ RAMOS, Rui (coord.) — *A Segunda Fundação*. In MATTOSO, José (dir.) — *História de Portugal*.

A primeira hipótese de investigação que sugerimos é o estudo da integração de outras modalidades nos clubes de futebol e analisar as relações hierárquicas entre elas. Por exemplo, aprofundar o modo como o Leixões Sport Clube, o Boavista Futebol Clube, o Futebol Clube do Porto ou o Académico Futebol Clube organizaram as restantes modalidades das instituições e a evolução que cada uma delas seguiu na afirmação do clube. Por conseguinte, investigar quais as estruturas pertencentes a cada clube e a sua utilização pelas modalidades, bem como os espaços que as instalações (por exemplo, na natação) ocuparam na cidade.

A segunda hipótese consiste em perscrutar as origens sociais dos jogadores de algumas equipas, de modo a descobrir a génese social dos clubes. A utilidade de desvendar a origem socioeconómica dos atletas, as suas moradas, o agregado familiar e também a relação familiar com outros indivíduos da mesma coletividade seria relevante para traçar um perfil mais aprofundado do panorama futebolístico do Porto no período republicano.

Para concluir, sugerimos uma investigação focada essencialmente nas relações entre as equipas de futebol e as fábricas, empresas, bancos e escolas. O levantamento exaustivo dos clubes fundados pela iniciativa de funcionários ou trabalhadores ligados a determinado grupo profissional possibilitaria inferir com maior detalhe o papel desempenhado por estes no crescimento do futebol portuense. O contributo específico das escolas, especialmente com um modelo desportivo precoce incutido na formação dos alunos seria essencial na melhor perceção acerca do futebol infantil. Nas fábricas, importa estudar se houve muitas iniciativas moralizadoras lideradas por desportistas junto deste grupo profissional. De modo complementar, sugerimos uma investigação acerca das ligações entre o setor bancário e os mecenas que patrocinavam as atividades dos clubes.

Fontes e bibliografia

6.1. Fonte hemerográfica

O Comércio do Porto. Porto, 1910-1926.

6.2. Fontes arquivísticas

Arquivo Distrital do Porto — Governo Civil do Porto. Estatutos de Associações Cívicas e Religiosas.

Arquivo Histórico Municipal do Porto — Câmara Municipal do Porto. Século XIII — Licenças de obras.

6.3. Bibliografia

ALVES, Luís Alberto — “República e educação: dos princípios da Escola Nova ao Manifesto dos Pioneiros da Educação”. *Revista da Faculdade de Letras — História*. Porto, III Série, vol. 11, 2010, p. 166-180.

BARROS, Amândio Jorge Morais — *Boavista Futebol Clube. A primeira história*. Porto: Lello, 2000.

CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João; MONTEIRO, Natividade (coord.) — *Mulheres na 1ª República: percurso, conquistas e derrotas*. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

COELHO, João Nuno — *A Paixão do Povo. Uma história do futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

COELHO, João Nuno — *Portugal a equipa de todos nós: nacionalismo, futebol e media: a reprodução da nação nos jornais desportivos*. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco — *República, Desporto e Imprensa: O Desporto na I República em 100 primeiras páginas 1910-1926*. Porto: Edições Afrontamento, 2012.

- DIAS, Marina Tavares — *História do Futebol em Lisboa: de 1888 aos grandes estádios*. Lisboa: Quimera, 2000.
- DIETSCHY, Paul — *Histoire du Football*. Paris: Perrin, 2010.
- DOMINGOS, Nuno; TIESLER, Nina Clara (coord.) — *Futebol Português. Política, Género & Movimento*. Porto: Edições Afrontamento, 2012.
- DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert — *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- HOBBSAWM, Eric — *A Era dos Extremos: breve história do século XX: 1914-1991..* 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1998.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence — *The Invention of tradition*. Cambridge: University Press, 1993.
- HUIZINGA, Johann — *Homo ludens: um estudo sobre o elemento lúdico da cultura*. Lisboa: Edições 70, 2003.
- MARIVOET, Salomé — *Aspectos sociológicos do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.
- MARQUES, A. H. de Oliveira — *A Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Textos Editores, 2010.
- MENESES, Filipe Ribeiro de; OLIVEIRA, Pedro Aires — *A Primeira República Portuguesa: diplomacia, guerra e império*. Lisboa: Tinta da China, 2011.
- NETO, Vítor — “A questão religiosa: Estado, Igreja e conflitualidade sócio-religiosa”. In ROLLO, Maria Fernanda; ROSAS, Fernando (coord.) — *História da Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Tinta da China, 2010.
- PACHECO, Hélder — *Académico Futebol Clube. Um século na vida portuense ao serviço do desporto*. Porto: Edições Afrontamento, 2011.
- PINHEIRO, Francisco — *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 2011.

PROENÇA, Maria Cândida — “A educação”. In ROLLO, Maria Fernanda; ROSAS, Fernando (coord.) — *História da Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Tinta da China, 2010.

REIS, António (dir.) — *Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Publicações Alfa, 1990, vol 3.

RAMOS, Luís A. De Oliveira (dir.) — *História do Porto*. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 1995.

RAMOS, Rui — *A Segunda Fundação*. In MATTOSO, José (dir.) — *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

RÉMOND, René — *Introdução à História do Nosso Tempo. Do antigo regime aos nossos dias*. Lisboa: Gradiva, 2011.

SAMARA, Maria Alice — “O impacto económico e social da Primeira Guerra em Portugal”. In TEIXEIRA, Nuno Severiano (coord.) — *Portugal e a guerra: história das intervenções militares portuguesas nos grandes conflitos mundiais: séculos XIX-XX*. Lisboa: Edições Colibri, 1998, p. 89-106.

SEABRA, Daniel — “O futebol na cidade do Porto”. In DOMINGOS, Nuno; NEVES, José (coord.) — *Uma História do Desporto em Portugal. Nação, Império e Globalização*. 1ª ed. Vila do Conde: Quidnovi, 2011, vol II, p. 211-247.

SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) — *História do Futebol Português. Do 25 de abril aos nossos dias. Uma análise social e cultural*. 1ª ed. Lisboa: Prime Books, 2010.

TELO, António José — *Primeira República I: do sonho à realidade*. Lisboa: Editorial Presença, 2010.

TELO, António José — *Primeira República II: como cai um regime*. Lisboa: Editorial Presença, 2011.

TELLES, Rodrigues — *História do Foot-Ball Club do Porto: 1906-1933*. Porto: Empresa Diário do Porto, 1933.

TEIXEIRA, Nuno Severiano — “A República e a política externa”. In MENESES, Filipe Ribeiro de; OLIVEIRA, Pedro Aires — *A primeira república portuguesa: diplomacia, guerra e império*. Lisboa: Tinta da China, 2011, p. 24-33.

TEIXEIRA, Nuno Severiano (coord.) — *Portugal e a guerra: história das intervenções militares portuguesas nos grandes conflitos mundiais: séculos XIX-XX*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

Anexos

Anexo 1 – Lista de clubes na região do Porto em 1910²⁰⁹

Clube	Sede	Campo
Boavista Futebol Clube	Avenida do Bessa	Campo do Bessa
Futebol Clube do Porto	Rua da Rainha	Campo da Rainha
Leixões Sport Clube	Avenida da República (Matosinhos)	Avenida da República (Matosinhos)
Oporto Cricket Club	Rua do Campo Alegre	Parque de jogos do Campo Alegre
Sport Progresso	Arca de Água	Campo municipal da Arca de Água
Total		
5		

²⁰⁹ Dados consultados na seguinte fonte: *O Comércio do Porto*. Porto, 1910-1926.

Anexo 2 – Lista de clubes na região do Porto em 1918²¹⁰

Clube	Sede	Campo
Académico Futebol Clube	Rua de Santa Catarina	Campo da Cruz
Águia Sport Clube	s/registo	Campo de Liége, Foz
Batalha Sport Clube	Rua de S. Dinis	s/registo
Boavista Futebol Clube	Rua do Almada	Campo do Bessa
Candal Sport Clube	s/registo	s/registo
Carvalhido Futebol Clube	s/registo	Campo do Carvalhido
Chantecler Futebol Clube	Campo de Liége, Foz	
Clube da Mocidade Desportiva	Campo da Arca de Água	s/registo
Clube Serra do Pilar	Campo da Serra	Rua Antero de Quental
Clube Sportivo Nun'Álvares	Galerias de Paris	Campo na Rua Entreparedes
Continental Futebol Clube	Rua da Alegria	Monte das Antas
Estrela Futebol Clube	s/registo	Campo Rua Coutinho de Azevedo
Freixo Sport Clube	s/registo	Campo do Monte Aventino
Futebol Clube de Gaia	s/registo	Av. Da República (Vila Nova de Gaia)
Futebol Clube do Porto	Rua Antero de Quental	Campo da Constituição
Futebol União do Norte	Rua das Motas	Campo da Rua da Igreja, Paranhos
Futebol União Empregados do Comércio	Rua Fernandes Tomás	Campo da Cruz
Gaia Sport Clube	s/registo	Campo de Ruaz
Ideal Sport Clube	s/registo	Campo do Bonfim
Império Futebol Clube	Rua Antero de Quental	Campo da Arca de Água
Invicta Sport Clube	Travessa Sá de Noronha	s/registo

²¹⁰ Dados consultados no Arquivo Distrital do Porto; *O Comércio do Porto*. Porto, 1910-1926.

Leça Futebol Clube	Rua de Fuzelhas	Campo Hintze Ribeiro
Leixões Sport Clube	Av. da República (Matosinhos)	Av. da República (Matosinhos)
Lusitano Sport Clube	Rua do Freixo	Monte Aventino
Olímpico Ideal Clube	s/registo	Campo do Bonfim
Oporto Cricket Club	Rua do Campo Alegre	Parque de jogos do Campo Alegre
Portuense Futebol Clube	Rua das Taipas	s/registo
Racing Clube do Porto	Rua de Santa Catarina	Campo Rua Coutinho de Azevedo
Sport Clube Almeida Garret	s/registo	Campo da igreja de Paranhos
Sport Clube Comércio	Rua da Alegria	s/registo
Sport Porto e Salgueiros	Rua da Porta do Sol, Paranhos	Campo da Constituição
Sport Grupo Português	Rua Formosa	s/registo
Sport Progresso	Rua Luz Soriano	Campo do Amial
Trindade Futebol Clube	Rua do Almada	s/registo
União Sport Clube	Rua de Santa Catarina	s/registo
Universal Sport Clube	s/registo	Campo do Monte das Antas
Vilanovense Futebol Clube	s/registo	Campo do Fojo, Coimbrões
Vitória Futebol Clube	Rua de Trás	Campo do Carvalhido
Total		
38		

Anexo 3 – Lista de Clubes na região do Porto em 1926²¹¹

Clube	Sede	Campo
Académico Futebol Clube	Praça Guilherme Gomes Fernandes	Campo do Lima
Alegria Sport Clube	Rua Sá da Bandeira	Campo de S. Mamede
Arrábida Sport Clube	Rua da Arrábida	Viterbo de Campos
Aurora Sport Clube	s/registo	s/registo
Avenida Futebol Clube	s/registo	s/registo
Avis Atlético Clube	s/registo	Campo das Cavádas
Bandeira Futebol Clube	s/registo	s/registo
Boavista Futebol Clube	Rua do Almada	Campo do Bessa
Borges & Irmão	s/registo	s/registo
Clube Sportivo Nun'Álvares	Galerias de Paris	Campo da Rua Entreparedes
Comercial Futebol Clube	Rua dos Guindais	s/registo
Continental Futebol Clube	Rua da Alegria	Monte das Antas
Estrela Futebol Clube	s/registo	Rua da Igreja de Paranhos
Europa Futebol Clube	s/registo	s/registo
Futebol Clube Bonança	s/registo	s/registo
Futebol Clube de Avintes	Freguesia de Avintes	Campo de Avintes
Futebol Clube de Gaia	Rua Afonso de Albuquerque	s/registo
Futebol Clube do Porto	Rua de Santa Catarina	Campo da Constituição
Garret Sport Clube	Rua da Estação	Campo de Paranhos
Guerreiro Futebol Clube	s/registo	s/registo
Grémio Camoneano	Rua do Bonfim	s/registo
Grupo Desportivo A Fama	s/registo	s/registo
Grupo Desportivo da Juventude Católica	s/registo	s/registo
Grupo Sport Recreio	s/registo	Campo do Covelo
Império Sport Clube	Rua do Almada	s/registo

²¹¹ Dados consultados na seguinte fonte: *O Comércio do Porto*. Porto, 1910-1926.

Infesta Sport Clube	Travessa Sá Noronha	Campo de S. Mamede
Invicta Sport Clube	Travessa Sá Noronha	Campo de Paranhos
Leão do Norte Futebol Clube	Rua de Serralves	s/registo
Leça Futebol Clube	Rua de Fuzelhas	Campo Hintze Ribeiro
Leixões Sport Clube	Av. da República	Av. da República
Luso Atlético Clube	s/registo	Campo da Alegria
Massarelos Futebol Clube	Miragaia	s/registo
Nacional Sport Clube	s/registo	s/registo
Onze Miúdos Futebol Clube	Rua Miguel Bombarda	s/registo
Oporto Cricket Club	Rua do Campo Alegre	Parque de jogos Campo Alegre
Otto Sport	s/registo	s/registo
Padroense Futebol Clube	Rua do Monte da Mina	Campo na Travessa José Laranjo
Palácio Atlético Clube	s/registo	s/registo
Porto Invicta Futebol Clube	Rua Guedes de Azevedo	s/registo
Portuense Sport Clube	Rua das Taipas	Campo do Carvalhido
Portuguesitos Futebol Clube	Rua da Banharia	s/registo
Ramaldense Futebol Clube	s/registo	Campo de Ramalde B
Rio Douro Sport Clube	s/registo	s/registo
Serpa Pinto Futebol Clube	s/registo	s/registo
Sport Clube da Cruz	s/registo	Campo do Lamas
Sport Clube de Gaia	Rua General Torres	s/registo
Sport Clube do Porto	Rua de Santa Catarina	s/registo
Sport Clube Marquês de Pombal	Rua Latino Coelho	s/registo
Sport Clube Ribeirense	s/registo	s/registo
Sport Clube Veteranos	Serpa Pinto, Matosinhos	s/registo
Sport Comércio e	Porta do Sol, Paranhos	Campo do Covelo

Salgueiros		
Sport Grupo Paranhense	s/registo	s/registo
Sport Progresso	Rua Vale Formoso	Campo do Amial
Sporting Clube de Coimbrões	s/registo	Campo de Currais
Sporting Clube Grijó	s/registo	s/registo
Sporting Clube de Francos	Rua de Francos	s/registo
Sporting Clube do Porto	s/registo	s/registo
Team Crédit Porto	s/registo	s/registo
Trindade Futebol Clube	Rua do Almada	
União Futebol Clube da Foz	Rua das Motas	Campo Marechal Saldanha
Vigorosa Sport Clube	s/registo	s/registo
Vilanovense Futebol Clube	Santo Ovídio	Campo Soares dos Reis
Vitória Sport Clube	Rua de Trás	Campo do Carvalhido
Total		
63		

Anexo 4 – Campeonato Regional 2ª Categoria²¹²

Época	Vencedor
1913-1914	Futebol Clube do Porto (1ª vez)
1915-1916	Sport Porto e Salgueiros (1ª e única vez)
1916-1917	Académico Futebol Clube (1ª e única vez)
1917-1918	Futebol Clube do Porto (2ª vez)
1918-1919	Futebol Clube do Porto (3ª vez)
1919-1920	Sporting Clube de Espinho (1ª vez)
1920-1921	Sporting Clube de Espinho (2ª vez)
1921-1922	Futebol Clube do Porto (3ª vez)
1922-1923	Boavista Futebol Clube (1ª vez)
1923-1924	Futebol Clube do Porto (4ª vez)
1924-1925	Boavista Futebol Clube (2ª vez)
1925-1926	Boavista Futebol Clube (3ª vez)

²¹² TELLES, Rodrigues — *História do Foot-Ball Club do Porto: 1906-1933*. Porto: Empresa Diário do Porto, 1933, p.18.

Anexo 5 – Campeonato regional 3ª categoria²¹³

Época	Vencedor
1913-1914	Valadares Futebol Clube (1ª vez)
1915-1916	Futebol Clube do Porto (1ª vez)
1916-1917	Club Sportivo N´un Álvares (1ª vez)
1917-1918	Sport Porto e Salgueiros (1ª vez)
1918-1919	Sport Porto e Salgueiros (2ª vez)
1919-1920	Académico Futebol Clube (1ª vez)
1920-1921	Académico Futebol Clube (2ª vez)
1921-1922	Académico Futebol Clube (3ª vez)
1922-1923	Académico Futebol Clube (4ª vez)
1923-1924	Futebol Clube do Porto (2ª vez)
1924-1925	Sport Comércio e Salgueiros (3ª vez)
1925-1926	Sport Comércio e Salgueiros (4ª vez)

²¹³ TELLES, Rodrigues — *História do Foot-Ball Club do Porto: 1906-1933*. Porto: Empresa Diário do Porto, 1933, p. 19.

Anexo 6 – Campeonato regional 4ª categoria²¹⁴

Época	Vencedor
1913-1914	Futebol Clube do Porto (1ª vez)
1915-1916	Sporting Clube de Espinho (1ª vez)
1916-1917	Sporting Clube de Espinho (2ª vez)
1917-1918	Sporting Clube de Espinho (3ª vez)
1918-1919	Futebol Clube do Porto (2ª vez)
1919-1920	Club Sportivo N'un Álvares (1ª vez)
1920-1921	Club Sportivo N'un Álvares (1ª vez)
1921-1922	Sport Comércio e Salgueiros (1ª vez)
1922-1923	Académico Futebol Clube (1ª vez)
1923-1924	Boavista Futebol Clube (1ª vez)
1924-1925	Futebol Clube do Porto (3ª vez)
1925-1926	Futebol Clube do Porto (4ª vez)

²¹⁴ TELLES, Rodrigues — *História do Foot-Ball Club do Porto: 1906-1933*. Porto: Empresa Diário do Porto, 1933, p. 21.

Anexo 7 – Notícia sobre um encontro internacional no Porto²¹⁵

“No vasto campo de jogos do Football Club do Porto realizou-se antehontem um interessante match de football entre o primeiro team d’este Club e o primeiro da Vie au Grand Air du Medoc.

Os jogadores d’esta sociedade mostraram ter um conhecimento muito perfeito do football.

São admiravelmente disciplinados, téem uma boa combinação, são muito resistentes e aproveitam sempre as boas ocasiões de ganhar vantagem.

O team do Football Club do Porto, fez uma grande resistência aos adversários, não lhes permitindo que realizassem mais que um goal contra zero.

A assistência, que era numerosa, para o que, por certo, concorreu o bello dia que se apresentou, ovacionou os jogadores, tanto ao princípio como no fim do match.

Os jogadores franceses, que tiveram ocasião de conhecer de perto o nosso paiz e vão muito bem impressionados e gratos pelo acolhimento que tiveram, retiraram para Bordeus”.

²¹⁵ *O Comércio do Porto*, nº 85, 12 de abril de 1911.

Anexo 8 – Jogo do campeonato regional de 1918²¹⁶

“O desafio Salgueiros-Académico – O «match» que ante-hontem se effectuou no campo de Ranalde, entre os primeiros grupos do Sport Porto e Salgueiros e do Académico Foot-Ball Club, foi por certo uns dos mais animados e interessantes d’esta época.

Ambos os «teams» trabalharam com evidente empenho de vencer, entusiasmando a numerosa assistência com os sucessivos ataques que continuamente punham em perigo as balizas dos adversários.

Durante a primeira parte o Académico jogou com rara energia provocando uma certa desorientação no Salgueiros que, no entanto, perdeu por vezes alguns ensejos de marcar devido à falta de remate e também à providencial collocação do «keeper» académico. Foi n’esta primeira parte que o «team» do Académico fez os seus dois «goals», o primeiro dos quaes marcado por José Diogo, que com muito prazer vimos reoccupar o seu lugar de «center-forward». O segundo «goal» era de fácil defesa e deve-se exclusivamente a ter querido o «keeper» defender com os pés.

Na segunda parte o jogo continuou animado, mostrando o Salgueiros mais combinação enquanto que o Académico dava indícios de fadiga, ressentindo-se do esforço produzido durante os primeiros 45 minutos. Em breve, o Salgueiros consegue marcar o seu primeiro «goal», que Leal o «keeper» do Académico, apesar de estar jogando com felicidade, não consegue defender. Numa das repetidas avançadas do Salgueiros o «goal» que o põe em igualdade de pontos com o adversário d’alli a pouco e a despeito dos louváveis esforços do Académico, o desafio termina com um empate 2 «goals» a 2.

Fallando dos jogadores, diremos que no Grupo do Salgueiros se distinguiu sobremaneira o «center-half», Couteiro, que abstraindo o abuso de alguns censuráveis «trucks», é um elemento de real valor que a A. F. P. deve aproveitar para o seu team. Também notámos o «forward» esquerdo que é energético, tem razoável corrida e «centra» bem.

Do Grupo Académico distinguiu-se principalmente, Aguiar, que é um excellente jogador a quem já aqui fizemos elogiosas referências e que muito melhorará quando abandonar cada vez mais o jogo pessoal. Virgílio Cortezão esteve excepcionalmente

²¹⁶ *O Comércio do Porto*, n.º 27, 2 de fevereiro de 1918.

seguro, assim como o «keeper» Leal, para quem a tarde de ante-hontem foi de rara felicidade.

A arbitragem a cargo do snr. José Correia foi imparcial sendo pena que o apito estivesse aphónico”.

Anexo 9 – Jogo entre Porto e Salgueiros em 1925²¹⁷

Jogo – Diremos – e não errámos – que o desafio agradou e que esse agrado se deve única e simplesmente à exibição soberba que o F. C. Porto produziu durante os 90 minutos de jogo. Tínhamos observado que; após alguns encontros pouco regulares, no começo do torneio, o campeão de Portugal ia melhorando de forma, rectificando valores e amoldando as suas linhas e uma technica cada vez mais perfeita. N'este desafio produziram-se, portanto, as inevitáveis consequências de tal preparação, mas os resultados foram além de toda a expectativa.

Aproveitando-se a apatia inexplicável que se apoderou do Salgueiros – de ordinário um grupo energético, impetuoso que se bate do princípio ao fim – esteka ou não a perder – com a mesma vontade de início – o Porto delineou cuidadosamente a victoria retumbante que obteve de maneira a não admitir dúvidas. Um resultado de 8-0 constitui, indubitavelmente, a melhor demonstração da superioridade que um grupo pode demonstrar sobre outro.

Effectivamente, as horas da tarde pertenceram ao team azul e branco que desenvolveu jogo perfeito, sob todos os pontos de vista. Luctando contra o estado impróprio do campo coberto – repetimos – de uma camada de lama, motivada pela chuva, evitou o perigo de descahir para esse jogo feito por alto, em que o Salgueiros tem superioridade e manteve sempre a sua táctica de foot-ball combinado, de passes a pouca altura do solo, executados com certeza e rapidez.

Dahi tirou a vantagem com que justamente, se impôs ao seu contrário, ao qual, desmoralizado, desde o princípio do match, permittiu que a desorientação invadissem o ponto dos jogadores não se compreenderem e não produzirem uma jogada simplesmente razoável. Excluídos os backs, ficaram 9 homens perdidos a meio campo, correndo de um para o outro lado, em procura de uma bola que teimosamente lhes fugia arrebatada facilmente pelo adversário.

Há muito que não vimos o Salgueiros jogar tão mal e tão precipitado. Que a lição lhes sirva de emenda e os impulsionadores a defenderem melhor o futuro do club, as tradições honrosas de um club como aquelle a que pertencem.

Nos primeiros 45 minutos não foi muito nítido o domínio do Porto porque ambos os campos se viram em situações diffíceis, embora mais o Salgueiros. Na

²¹⁷ *O Comércio do Porto*, nº 308, 29 de dezembro de 1925.

segunda parte é que os azuis e brancos tiveram superioridade indiscutível, jogando como lhes apeteceu, perfeitamente desmarcados. Com ligeiros intervalos, a bola manteve-se no meio terreno do club do Covêlo.

Goals – Marcaram-se 3 no 1º tempo e 5 na segunda metade do jogo Balbino apontou á sua parte, o 1º, 4º e 5º pontos; Hall fez o 2º, 3º, 8º; Cal marcou o 6º; e Oliveira chutou o 7º goal. O primeiro foi feito aos 4 minutos de jogo e o último, aos 86 minutos.

Jogadores – Porto – Do guarda-rêdes, nada temos a dizer além das referências feitas, Siska é um excelente jogador, com collocação, mobilidade e extraordinária segurança. Defesas não deixaram também invadir um pouco pela desorientação geral; mas isso não impediu que tivessem sido a melhor coisa do grupo. Na linha de médios apenas Alberto se destacou. Na linha avançada, Reis e a asa direita foram os únicos que trabalharam razoavelmente. Os restantes...é melhor não falar n'elles.

Árbitro – Francisco Aguiar desempenhou um cargo difícil e sahiu-se regularmente, afóra algumas falhas quasi sem importância. Devia, porém, ser mais rigoroso com os jogadores. O público protestou, sem razão, como é costume.

Classificação – O Porto destacou-se mais dos restantes clubs. Actualmente, a classificação é a seguinte: Porto, 9 pontos; Boavista, 5; Salgueiros e Progresso, 3; e Académico, 2”.

Anexo 10 – Fundação da Associação de Futebol do Porto²¹⁸

“Os trabalhos encetados há tempo e interrompidos temporariamente pela comissão de delegados dos Clubs de sports d’esta cidade, Boavista Foot-ball Club, Leixões Sport Club e Foot-ball Club do Porto, têm reunido ultimamente com frequência, para a organização, da Associação de Foot-ball do Porto, cuja falta é sentida por todos aquelles que às questões desportivas dedicam todo o seu interesse.

A mesma comissão já elaborou os estatutos e regulamento interno de foot-ball que serão discutidos e approvados na assembleia geral, que se realiza no próximo dia 3 de outubro, pelas nove horas da noite, na sede do Foot-ball Club do Porto.

N’essa mesma assembleia serão também eleitos os corpos gerentes, cuja lista já se encontra organizada.

A inscrição, tanto para sócios como para Clubs, continuará aberta na sede do Foot-Ball Club do Porto, sendo considerado todos aquelles que se inscrevam até à data da realização da assembleia.

As quotas para sócios serão 1\$000 réis annuaes e para Clubs de 3\$000 réis”.

²¹⁸ *O Comércio do Porto*, nº 232, 1 de Outubro de 1913.